

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
PUC-SP

Carina Gotardelo Ferro da Costa

Educando as mãos e o olhar:  
Uma história da disciplina de Trabalhos Manuais no estado de São Paulo  
(1925-1969)

MESTRADO EM EDUCAÇÃO, HISTÓRIA, POLÍTICA, SOCIEDADE

SÃO PAULO

2023

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
PUC-SP

Carina Gotardelo Ferro da Costa

Educando as mãos e o olhar:

Uma história da disciplina de Trabalhos Manuais no estado de São Paulo  
(1925 – 1969)

MESTRADO EM EDUCAÇÃO: HISTÓRIA, POLÍTICA, SOCIEDADE

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em História da Educação pelo PEPG em Educação: História, Política, Sociedade, sob orientação da Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Katya Mitsuko Zuquim Braghini.

SÃO PAULO

2023

Banca Examinadora

---

---

---

"O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior- Brasil (CAPES) – nº do processo 88887.518405/2020-00"

"This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – nº do processo 88887.518405/2020-00"

## **Agradecimentos**

À minha orientadora Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Katya Braghini por toda a sua paciência, disposição, generosidade e carinho que me dispendeu durante todo esse processo de pesquisa e escrita.

Ao Prof. Dr.<sup>o</sup> Kazumi Munakata, pelo auxílio durante o processo de construção desse texto, pela disponibilidade e generosidade com seus conhecimentos e materiais.

À Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Circe Bittencourt por sua disponibilidade e generosidade durante o processo de construção dessa pesquisa.

A todos os professores da PUC-SP que me acompanharam nessa jornada de mestrado.

À Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Camila Marchi pela parceria, amizade e paciência nos momentos de dificuldade, por ter me apresentado ao Programa de Pós-Graduação EHPS e acompanhado durante todo esse processo.

À Betinha, por sua paciência inabalável e prontidão em auxiliar sempre aos alunos em suas jornadas.

À Marcia Alkimim, do Arquivo Público Mineiro e ao Prof.<sup>o</sup> Diógenes Nicolau Lawand do Núcleo de Memória e Acervo Histórico CRE Mário Covas, pela disponibilidade no atendimento, cuidado e auxílio na obtenção de documentos para a pesquisa.

Aos companheiros de EHPS que acompanharam nessa jornada.

Aos familiares, amigos e colegas que torceram por mim em cada etapa e não se sentiram abandonados nesse processo.

À CAPES pela bolsa de estudos oferecida, sem ela essa pesquisa não seria possível.

*Dedico esse trabalho à minha mãe Rita e ao meu pai Petrucio, sem vocês eu jamais chegaria aonde estou, ao meu companheiro de vida Éder Gil de Souza que me apoiou em todo esse processo e sempre esteve ao meu lado, mesmo quando parecia impossível; a minha irmã Camila, minha sobrinha Julia e ao Raphael por me trazerem momentos de leveza e sorrisos. A todas as professoras e professores que me acompanharam na jornada acadêmica, desde a mais tenra idade.*

*Obrigada por fazerem parte disso tudo!*

## **Resumo**

O estudo das disciplinas escolares, considerando-as como um produto social, é capaz de elucidar questões culturais, ideológicas, éticas, estéticas, sociais e políticas que surgem e se fortalecem no âmbito das organizações escolares. Tendo em vista a questão de sua mutabilidade durante o processo histórico de sua existência, as práticas, a necessidade de materiais e objetivos de uma disciplina nos faz compreender os valores estéticos dominantes, e os desvalorizados, que são registrados em diferentes épocas. O objetivo deste trabalho é analisar a disciplina de Trabalhos Manuais, entre os anos 1925-1969 e a correlação entre Arte e trabalho dentro de seus conteúdos, para compreender o seu ideal estético e o seu corpo de saberes escolarizados no estado de São Paulo. Para tanto, utilizam-se o cruzamento de documentação obtida, visando perceber quais eram os saberes de tal disciplina. Realizou-se uma análise documental de legislações, fotografias, livros didáticos, revistas, periódicos, anuários e relatórios produzidos pela Inspeção Pública do Estado de São Paulo e outros documentos produzidos no âmbito escolar e que serviram à análise aqui proposta. Para esta pesquisa, foram estudadas as ideias sobre disciplinas escolares pensadas por Bittencourt (2009), Chervel (1990), Souza (2013), Tardif (2014) e Julia (2002) e estética e sensibilidade escolar, considerando os estudos de Pablo Pineau (2014), que apontam para a estética como um movimento de formação que nos dá os indicadores do que olhar e os registros gerais do que se pode considerar como belo, ou não, durante um determinado espaço-tempo.

**Palavras-chave:** Trabalhos Manuais, História das Disciplinas, Técnicas, Estética Escolar.

## **Abstract**

The study of school subjects, considering them as a social product, is capable of elucidating cultural, ideological, ethical, aesthetic, social and political issues that arise and are strengthened within the scope of school organizations. Bearing in mind the question of its mutability during the historical process of its existence, the practices, the need for materials and objectives of a discipline make us understand the dominant aesthetic values, and the devalued ones, which are registered at different times. The objective of this work is to analyze the discipline of Manual Work, between the years 1925-1969 and the correlation between Art and work within its contents, to understand its aesthetic ideal and its body of schooled knowledge in the state of São Paulo. To do so, we use the crossing of documentation obtained, aiming to understand what the knowledge of that discipline was. A documentary analysis of legislation, photographs, textbooks, magazines, periodicals, yearbooks, and reports produced by the Public Inspectorate of the State of São Paulo and other documents produced in the school environment, which served the analysis proposed here, was carried out. For this research, the ideas about school subjects thought by Bittencourt (2009), Chervel (1990), Souza (2013), Tardif (2014) and Julia (2002) and school aesthetics and sensitivity, considering the studies of Pablo Pineau (2014), were studied and point to aesthetics as a formation movement that gives us indicators of what to look at and general records of what can be considered beautiful, or not, during a given space-time.

**Keywords:** Crafts, History of Disciplines, Techniques, School Aesthetics.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
Os estudos sobre os trabalhos manuais em diferentes épocas e lugares.....	12
A disciplina de Trabalhos Manuais.....	18
Procedimentos de pesquisa.....	22
Procedimentos de Análise.....	25
<b>CAPÍTULO 1 - ARTE E TRABALHO NA DISCIPLINA DE TRABALHOS MANUAIS.....</b>	<b>29</b>
A valorização do trabalho na educação.....	29
A implantação dos Trabalhos Manuais no Brasil e os debates cerca da disciplina.....	34
Trabalhos Manuais: Arte e trabalho no ensino primário paulista.....	42
<b>CAPÍTULO 2 - ARTE E ESTÉTICA DOS TRABALHOS MANUAIS.....</b>	<b>52</b>
Trabalhos manuais como saberes escolarizados: o que fazer e não fazer (ou o belo e o feio).....	53
Trabalhos em madeira (xilotomia).....	68
Trabalhos em metal (metaloplastia).....	74
Modelagem.....	78
Cartonagem.....	82
Tecelagem, tapeçaria e cestaria.....	85
Trabalhos de agulha.....	88
<b>CAPÍTULO 3 - EDUCANDO AS MÃOS E O OLHAR.....</b>	<b>94</b>
Trabalhos Manuais: A Educação das Mãos e do Olhar.....	94
Normas metodológicas do ensino de trabalhos manuais: A sensibilização do corpo.....	99
O caderno de Bertoni (1954): dobrar, trançar, tramar, coser.....	105
As Exposições de Trabalhos Manuais: Destreza, beleza e amor à Pátria.....	112
Debates sobre a disciplina de Trabalhos Manuais, sobre a sua permanência ou abandono.....	124
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>135</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>139</b>

## Lista de Quadros

<b>Quadro 1</b> - Quadro comparativo dos conteúdos da disciplina de Trabalhos Manuais (1941 e 1950).....	55
<b>Quadro 2</b> - Lista de Livros e Compêndios de Trabalhos Manuais.....	67
<b>Quadro 3</b> - Relatório de Objetos em Exposição Escolar (1940) .....	114
<b>Quadro 4</b> - Quadro comparativo de Conteúdos dos Programas de Ensino de Trabalhos Manuais (1941 – 1969).....	131

## Lista de figuras

<b>Figura 1</b> - Economie rustique, coton .....	32
<b>Figura 2</b> - Trabalhos Femininos - Grupo Escolar Dr. Augusto Reis .....	38
<b>Figura 3</b> - Imagem de um trabalho manual.....	46
<b>Figura 4</b> - Cartazes utilizados para propaganda das profissões nas escolas paulistas .....	48
<b>Figura 5</b> - Trabalhos Manuais. Exposição de Trabalhos realizados no Grupo Escolar de Uberaba, 1916 .....	62
<b>Figura 6</b> - Indicação de como realizar entalhe e pirografia.....	70
<b>Figura 7</b> - Ferramentas para trabalho em madeira .....	71
<b>Figura 8</b> - Capa de caderno de Trabalhos Manuais.....	72
<b>Figura 9</b> - Aula de Trabalhos Manuais (modelagem) .....	73
<b>Figura 10</b> - Modelo de confecção de objeto em metal.....	76
<b>Figura 11</b> - Capas Série Técnicas de Trabalhos Manuais .....	77
<b>Figura 12</b> - Trabalhos de modelagem feitos pelos alunos da Escola Normal de São Paulo .....	81
<b>Figura 13</b> - Modelo de fabrico de caixinhas para classificação de minerais e para acondicionamento de drogas de pharmacia .....	83
<b>Figura 14</b> - Modelos de papéis pintados - cartonagem .....	85
<b>Figura 15</b> - Toalhinha de Centro - Molde.....	91
<b>Figura 16</b> - Modelo de bordado.....	91
<b>Figura 17</b> - Trabalhos Manuais Grupo Escolar Amador Bueno, em Ipaussu.....	102
<b>Figura 18</b> - Capa do Caderno de Bertoni, 1954 .....	105
<b>Figura 19</b> - Exercícios de dobradura .....	106
<b>Figura 20</b> - Exercícios de cartonagem .....	107
<b>Figura 21</b> - Estudos históricos sobre Macramê.....	108
<b>Figura 22</b> - Trabalhos em macramê.....	109
<b>Figura 23</b> - Técnica para confecção de babadouro .....	109
<b>Figura 24</b> - Técnica de empalhação e feltro.....	110
<b>Figura 25</b> - Planejamento para trabalhos de costura e crochê .....	111
<b>Figura 26</b> - Exposição de Trabalhos Masculinos - Grupo Escolar Salles de Oliveira .....	118
<b>Figura 27</b> - Exposição de Trabalhos Femininos - Grupo Escolar Salles de Oliveira .....	119
<b>Figura 28</b> - Exposição de Trabalhos Manuais, Grupo Escolar de Aparecida.....	121
<b>Figura 29</b> - Exposição de Trabalhos Manuais do Grupo Escolar Matilde Vieira, Avaré. ....	123

## INTRODUÇÃO

*“No desenvolvimento da técnica, transformamos os objetos transicionais em definições, tomando decisões com base nelas”.*

*Richard Sennett*

As linguagens artísticas e como elas são produtos da sociedade sempre foram temas de meu interesse e que me acompanham desde a graduação em Teatro. Ao ingressar na área de Educação, vislumbrei outra perspectiva de pesquisa: a relação das linguagens artísticas com a educação.

Os incômodos gerados no ambiente escolar quanto ao ensino das Artes, a desvalorização das linguagens artísticas e a ânsia por compreender mais sobre o assunto reavivou o desejo de aprofundar os estudos sobre a história da educação, levando-me ao mestrado, onde pude vislumbrar um tema que brilhou diante dos meus olhos: as aulas de Trabalhos Manuais.

Desse modo, iniciei a busca por documentos que pudessem conter indícios do que teria sido a disciplina de Trabalhos Manuais. Ao analisar as legislações educacionais, foi possível notar a existência da disciplina tanto no ensino primário quanto no ensino secundário. Optei, portanto, em realizar o estudo da disciplina no ensino primário por considerar essa uma etapa fundamental no desenvolvimento das bases estéticas que acompanham os estudantes durante sua vida escolar.

Contudo, ao aprofundar o estudo das legislações existentes que citavam a disciplina, um decreto do ensino secundário chamou atenção: O Decreto Lei nº 4.244 de 09 de abril de 1942, que dividiria as disciplinas a serem ensinadas em três áreas de conhecimento: I. Línguas, compreendendo Português, Latim, Francês e Inglês; II. Ciências, compreendendo Matemática, Ciências Naturais, História Geral, História do Brasil, Geografia Geral e Geografia do Brasil e III. Artes, compreendendo Trabalhos Manuais, Desenho e Canto Orfeônico (Lei 4.244, art. 10, 1942).

A existência de tal divisão levou ao questionamento quanto uma possível relação entre Trabalhos Manuais e as linguagens artísticas. Essa associação existiria também no ensino primário?

Em busca da resposta para essas indagações e tentando verificar o período de existência da disciplina nos currículos, deparei-me com o Programa da Escola Primária do Estado de São Paulo de 1969, que indicava trabalhos manuais como um conteúdo pertencente à disciplina de

Iniciação Artística, em conjunto com desenho, canto, música, poesia, teatro, jogos e recreação. O que indica que a disciplina teria se esvaído em outras aprendizagens e determinações legais.

Essa possível ligação entre Trabalhos Manuais e as linguagens artísticas, ocorrida no período em destaque, avivou o interesse pela pesquisa, fazendo pensar sobre como as relações sociais de trabalho e as questões estéticas envolvendo a Arte e a cultura escolar, poderiam estar associadas na disciplina de Trabalhos Manuais.

Foi possível notar que, de certa maneira, o estudo da disciplina poderia elucidar questões relacionadas à cultura e estética, pensadas como elementos de estudos no universo escolar, em um determinado período histórico, apresentando-nos como as linguagens artísticas eram utilizadas, numa concepção diferente da atual, mostrando uma perspectiva histórica, política e social.

Esse trabalho também se vale para compreender que os recentes discursos da “cultura maker” na escola atual, colocados como uma inovação da metodologia ativa, dialogam com as práticas escolares já existentes no período estudado. Essa é uma discussão ampla, pois questiona os significados do que se apresenta como “inovador” na contemporaneidade e, também, a falta de dimensão histórica desses discursos que sempre buscam o empreendimento do “novo”.

A cultura “maker” busca pensar soluções práticas para a resolução de problemas cotidianos, associada à curiosidade, sustentabilidade, inovação e o potencial de fazer coisas, apresentando a ideia de que o aluno é capaz de construir, consertar ou criar seus próprios objetos com a utilização de tecnologias disponíveis. A cultura do “*Do it yourself*”, faça você mesmo, levaria o aluno a explorar a sua criatividade na construção de projetos, protótipos e objetos que se relacionem com seu cotidiano, podendo ser utilizados na comunidade escolar ou pela sociedade (RODRIGUES, PALHANO e VIECELI, 2021, p. 02).

O discurso do “faça você mesmo” nas escolas da atualidade se apresenta como uma inovação, principalmente de tipo “tecnológica”, que utilizaria a criação prática para encontrar soluções para o cotidiano, um discurso que, apesar de se dizer inovador e de ter uma mudança nos tipos de ferramentas utilizadas, já existia na educação em tempos passados, o que nos mostra que nem sempre as inovações pautadas na educação são completamente inovadoras e que ao contrapor-se ao que é considerado “antigo”, muitas vezes os discursos recriam metodologias já existentes e que foram abandonadas ou modificadas ao longo do tempo.

Além disso, vale dizer, que a concepção de “tecnologia” é bastante criticável, porque, nem consegue compreender que um bordado, que exige uma manipulação fina de ferramentas, sendo uma composição de técnicas, também pode ser vista como uma tecnologia.

Portanto, por essa identificação inicial com o tema, e por querer mostrar que há uma ideia de “fazer por você mesmo” na disciplina de Trabalhos Manuais, optou-se por tomá-la como objeto de pesquisa, buscando compreender o que foi, quais seus objetivos para a educação e suas possíveis relações com o campo das artes.

### **Os estudos sobre os trabalhos manuais em diferentes épocas e lugares**

Foi feito um levantamento bibliográfico utilizando as seguintes bases: Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDBT), *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), *Google Academy*, Portal de periódicos e Banco de Teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Repositório Institucional da Universidade Federal de Santa Catarina (RIUFSC) e as bibliotecas digitais das Universidades: Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP), Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Universidade de São Paulo (USP) e Universidade do Estado de São Paulo (UNESP).

Utilizou-se como descritor o termo “Trabalhos Manuais”, obtendo-se um total de 2.500 pesquisas relacionadas ao assunto. Ao analisar os resumos dos artigos e trabalhos encontrados, percebeu-se que, em sua maioria, compreendem o termo como: trabalhos realizados no campo, atividades fabris ou práticas sociais relacionadas ao trabalho e artesanato (redes, cestarias, pinturas, esculturas, entre outros) na atualidade. Tais pesquisas, apesar da proximidade com o tema pela denominação “trabalhos manuais”, foram descartadas por não corresponderem ao alvo dessa investigação, a disciplina escolar de Trabalhos Manuais.

Destacou-se os trabalhos que dialogavam com a proposta de pesquisa aqui apresentada, auxiliando na compreensão quanto às funcionalidades e aplicações da disciplina de Trabalhos Manuais. Evidenciou-se pela leitura que a maior parte dessas produções que possuem a disciplina como objeto de análise o fazem tendo como foco outros países, tais como França e Portugal, compreendem a disciplina como uma metodologia ou evidenciam outros fatores ligados ao ensino das manualidades.

Renaud D’Enfert (2007) analisa os programas de Trabalhos Manuais no Ensino Primário francês no final do século XIX, concluindo que havia uma ligação direta entre os Trabalhos Manuais e o ensino da geometria, bem como questões relacionadas à valorização de aspectos morais e comportamentais relativos ao trabalho dentro da sociedade.

Passaporte (2015) e Castro (1982) realizam estudos sobre a disciplina em questão, tendo como foco a sociedade portuguesa. Passaporte (2015) em *História do Currículo de Trabalhos Manuais no Estado Novo (1936-1948)*, verifica os programas de Trabalhos Manuais buscando

compreender as implicações das propostas curriculares na vida dos alunos e a funcionalidade da disciplina como um instrumento de propagação dos ideais Salazaristas. A autora conclui que o currículo da disciplina evidenciava as ideologias políticas vigentes, acentuando uma base de formação de caráter por meio da inculcação de valores morais e da formatação de comportamento dos alunos, com o objetivo de formar um modelo de cidadão: disciplinado, obediente, trabalhador e cumpridor de seus deveres para com o Estado, evidenciando o caráter idealista da disciplina em Portugal.

Castro (1982) trata sobre as terminologias empregadas para referir-se aos Trabalhos Manuais em diferentes momentos históricos. A autora aponta para ambiguidades quanto à aceitação da terminologia, pelo fato de o trabalho manual ser visto pela elite como algo degradante em relação ao trabalho intelectual; analisa os programas educativos experimentais que ocorriam em meio à crise econômica em Portugal entre o final da década de 1960 e início da década de 1970, exemplificando o modelo de ensino aplicado na Escola preparatória da Ribeira Brava. Segundo a autora, nesse contexto, observa-se a mudança no nome da disciplina para “trabalhos úteis”, articulando-se às outras disciplinas com o intuito de resolver problemas reais da comunidade.

Dias e Nóvoa (2009) estudam a genealogia da disciplina de Educação Artística, considerando a história do Desenho, Trabalhos Manuais, Canto Coral e Educação pelo Teatro nas escolas portuguesas, entre os séculos XIX e meados do século XX, e a relação dessas disciplinas com a Educação Artística. Os autores consideram os processos sociais que levaram à inclusão da disciplina de Trabalhos Manuais no currículo português e analisam sua concepção e histórico, concluindo que no ensino da escola primária, os Trabalhos Manuais não teriam um caráter profissional, mas sim objetivava o desenvolvimento da destreza manual e do sentido estético, servindo como subsídio para outras disciplinas.

Já no Brasil, Fizzarini (2018) analisa a disciplina no curso primário de São Paulo e Rio de Janeiro entre os anos de 1890 e 1900, verificando suas representações e finalidades, apontando para dois momentos distintos da história: a Pedagogia Moderna, que, segundo a autora, evidenciaria os saberes matemáticos como ferramentas das construções propostas em Trabalhos Manuais e, o movimento decorrido da Pedagogia da Escola Nova. Aponta que os Trabalhos Manuais seriam uma metodologia de ensino que atuaria com os saberes matemáticos como um meio para se ensinar a Matemática (FIZZARINI, 2018, p.07).

Duarte (2017) fala sobre as propostas do professor Manoel Penna para a cadeira de Trabalhos Manuais no Ensino Primário de Minas Gerais e a relação com os discursos presentes

na sociedade, entre os anos de 1906 e 1934. A autora mostra que as propostas de Manuel Penna se relacionavam aos ideais educacionais circulantes no Estado de Minas Gerais no período estudado. Para tanto, analisa as funções (Trabalhos Manuais como Arte, Ofício ou Educação Corporal), e as principais estratégias utilizadas no ensino dos Trabalhos Manuais, tal como o *Slojð* educacional, um sistema pedagógico concebido pela Escola Normal de Nääs (Suécia) e que se fundamenta na máxima “educação pela ação”, que, segundo a autora, seria capaz de manipular e formar um trabalhador nacional, por meio da aplicação, no ensino primário, dos ideais de ordem, civismo, disciplina, seriedade e competência (DUARTE, 2017, p.58).

Os princípios mostrados por Duarte, ao tratar sobre a educação de Minas Gerais, podem ser também encontrados na disciplina de Trabalhos Manuais no Estado de São Paulo, como aponta Santos (2012), ao mostrar que a concepção do *Slojð* seria uma maneira de realizar uma modificação no ensino, considerando as diversas habilidades dos estudantes.

Ao estudar os discursos sobre os Trabalhos Manuais, contidos na Revista de Ensino da Associação Beneficente do Professorado Público de São Paulo e nos Anuários de Ensino do Estado de São Paulo entre os anos de 1902 e 1920, Santos (2012) descreve as mudanças dos argumentos dos reformadores republicanos e os métodos de valorização do trabalho e das atividades manuais, analisando as proposições pedagógicas *Slojð* e *arts and crafts*. Segundo a autora, essas concepções de ensino seriam capazes de aliar as habilidades manuais e intelectuais, possibilitando a formação integral dos estudantes. (SANTOS, 2012, p. 09). Mostra que havia uma inconstância nas práticas dos Trabalhos Manuais na instrução primária e fala sobre a possível decadência da disciplina a partir do ano de 1911, concluindo que não haveria uma apropriação dos Trabalhos Manuais como proposta de ensino no Estado. Percebe-se, contudo, ao analisar as documentações (Anuário do Ensino e os Relatórios da Inspeção Pública), a possibilidade dessa apropriação ter sido diversa no ensino masculino e no ensino feminino, ao longo do processo de escolarização da disciplina, sendo esse um dos pontos de interesse nessa pesquisa.

Hoeller e Daros (2014) e Taborda de Oliveira (2019), discutem a presença do *ethos* do trabalho na educação. Hoeller e Daros (2014) analisam as proposições de Orestes Guimarães e Corinto da Fonseca e as conferências educacionais ocorridas em Santa Catarina, investigando as finalidades do ensino de Trabalhos Manuais, quanto as principais finalidades da disciplina, conforme apontado por Guimarães e Fonseca (educativa, econômica e a conciliação de ambas).

Ao considerar o ideal trazido pela Revolução Francesa e pelas Revoluções industriais da “dignificação do homem pelo trabalho”, bem como a construção do ideário de nação e de

cidadão presentes nos discursos republicanos, as autoras verificam que a disciplina de Trabalhos Manuais, e suas diferentes concepções, auxiliaria na “construção laboriosa da nação brasileira” (HOELLER e DAROS, 2014, p.03) e na formação de atitudes e comportamentos que possibilitariam aos alunos tornarem-se socialmente úteis e produtivos.

Taborda de Oliveira (2019) discute a presença da disciplina nas revistas “A Escola” (1906-1921), publicada no Estado do Paraná e “Revista do Ensino” (1925), publicada no Estado de Minas Gerais; e no livro “Trabalhos Manuais Escolares” de Manoel Penna. Em sua análise aponta para o fato de que a escola primária, nas primeiras décadas do século XX, seria responsável por produzir dispositivos diversos para estimular a atividade dos alunos, desenvolvendo habilidades manuais e a educação dos sentidos.

Segundo o autor:

As relações entre educação e trabalho, tendo como uma das suas dimensões os trabalhos manuais na escola primária, apareciam na imprensa pedagógica das primeiras décadas do século XX ajuntadas a um vetor modernizador da educação, da escola e da sociedade brasileiras. Segundo nossa compreensão, eram vetores da produção de um novo tipo de sensibilidade (TABORDA DE OLIVEIRA, 2019, p. 388).

O autor verifica ainda as questões moralizantes que envolviam a disciplina e a formação dos estudantes, visto que ao educar os sentidos e ao conhecer o próprio corpo, os alunos desenvolveriam a capacidade de tomar decisões por conta própria, sendo essa uma característica considerada essencial para a sociabilização e para o progresso no mundo moderno e urbano.

Hoffman e Costa (2017) observam questões envolvendo os Trabalhos Manuais e as articulações da disciplina com os saberes matemáticos. A partir da análise dos Annaes da Primeira Conferência Estadual de Ensino Primário em Santa Catarina, ocorrida em 1927, definem as questões matemáticas envolvidas no ensino. Ao comparar com os conteúdos ensinados na disciplina de Trabalhos Manuais, concluem que há uma aproximação entre os saberes ensinados em ambas as disciplinas.

Pedrosa (2020) investiga a educação profissional no Brasil entre os anos de 1920 e 1950, verificando as práticas ligadas a manualidade como um método presente no ensino intuitivo. Ao tratar sobre os Trabalhos Manuais o autor não investiga a disciplina, mas sim o que denomina de “pedagogia dos trabalhos manuais”, considerando as atividades práticas relacionadas ao ensino profissional.

Osinski e Santini (2019) estudam a organização dos espaços, mobiliários e materiais referentes ao ensino artístico no contexto das disciplinas de Desenho e Trabalhos Manuais nas escolas do Paraná durante a década de 1950. As autoras falam sobre a relação das disciplinas

com os materiais utilizados no ensino, tendo como perspectiva a Cultura Escolar. Dialogando com Viñao Frago (1995; 2000), Guy Vicent, Bernard Lahire e Daniel Thin (2001) e utilizando como fontes de pesquisa documentos institucionais, fotografias, plantas arquitetônicas e artigos de jornais, discutem como a observação das materialidades pode contribuir para identificar os ideais de ordem e progresso existentes na educação no período estudado. Concluem que as organizações do espaço das oficinas e os materiais utilizados e produzidos continham um conteúdo moralizante e de acentuação de desigualdades de gênero. Além disso, apontam que os Trabalhos Manuais seriam uma metodologia da Escola Ativa, servindo para consolidar ações em prol da formação para o trabalho no sistema educacional do estado.

Pereira (2014) analisa o programa de Trabalhos Manuais e Desenho, e as modificações ocorridas após a Reforma de Ensino Francisco Campos, em Minas Gerais, para estudar o papel da arte nas disciplinas. A autora traça uma comparação entre o ensino de Desenho e Trabalhos Manuais no período republicano e o ensino da Arte no século XXI, verificando que a orientação dada às Artes dentro dos programas de Desenho e Trabalhos Manuais estava diretamente ligada à realização de um ensino que favorecesse a valorização e a inculcação de valores sociais ligados ao trabalho. Aponta para modificação das metodologias durante o período da Escola Nova, partindo de uma “educação passiva” para uma “pedagogia ativa” que visava a integração do corpo e da mente dos educandos e conclui que, apesar dos métodos ativos, o ensino do Desenho e dos Trabalhos Manuais estavam mais comprometidos com as demandas de modernização e preparação profissional do que propriamente com a educação integral das crianças.

Gaeta (2002), Oliveira e Amaral (2012) e Carvalho (2017), analisam questões relacionadas ao gênero evidenciadas na disciplina de Trabalhos Manuais. Gaeta (2002) mostra rastros da disciplina por meio de relatos orais e de análise legislativa, enquanto analisa os periódicos e jornais que retratam as exposições promovidas pelas escolas normais de São Paulo, com foco na educação feminina. A autora relata que essas exposições eram grandes eventos organizados pelas instituições escolares para dar visibilidade aos trabalhos desenvolvidos ao longo do ano letivo e evidencia os impactos desses eventos, concluindo que eram considerados uma vitrine dos êxitos escolares; com o objetivo de revelar as habilidades, o capricho e o empenho, competências que, segundo Gaeta, eram exigidas das alunas na realização das tarefas.

Oliveira e Amaral (2012), por meio do estudo de imagens das exposições de Trabalhos Manuais encontradas nos periódicos do município de Pelotas (RS), mostram que os trabalhos realizados pelas alunas revelariam o papel social tido pela mulher entre os anos de 1910 e 1930.

As autoras observam que o tipo de trabalho desenvolvido e a maneira como eram expostos compunham um meio de divulgação dos ideais republicanos para a formação da mulher como responsável pelo lar, além disso, os objetos constituiriam uma parte da cultura material escolar, carregando sentidos construídos social e historicamente.

Carvalho (2017) estuda os chamados “Trabalhos de Agulha” e como esses estariam diretamente relacionados à construção de uma ideia de feminilidade. A autora conclui que o ensino de Trabalhos Manuais colaborou para a incorporação de condutas motoras e normativas que definiriam papéis e estabeleceriam relações de poder na sociedade brasileira (CARVALHO, 2017, p. 09).

Considerando os trabalhos de Gaeta (2002), Oliveira e Amaral (2012) e Carvalho (2017), verifica-se que as pesquisas evidenciam uma das facetas dos Trabalhos Manuais. Compreender as práticas relativas ao ensino dessa disciplina pode trazer uma perspectiva quanto às construções sociais de gênero e as representações do feminino, mostrando parte da cultura e da estética escolar evidenciadas nas matérias escolares.

Compreende-se com essa exposição bibliográfica que a disciplina de Trabalhos Manuais surge a partir dos ideais republicanos que viam o trabalho como um meio de emancipação e dignificação do povo, o que possibilitaria o acesso à felicidade tal qual aponta D’Enfert (2007, p. 40), trazendo para a educação um ideal de ensino pautado na experimentação, na educação do olhar e na educação corporal, exercitando habilidade, agilidade e destreza das mãos, elementos considerados necessários para o desenvolvimento profissional, por meio de exercícios que visam à abstração de conceitos concretos.

Há que se ressaltar as modificações ocorridas no ensino da disciplina de Trabalhos Manuais, apresentada em diferentes vertentes: educativa, econômica, técnica e artística; e que há discrepâncias no que tange ao ensino para meninos e meninas, tanto no que diz respeito a conteúdos quanto na aplicação da disciplina em si.

Verifica-se ainda a existência de diversas possibilidades de pesquisa que podem surgir do estudo da disciplina de Trabalhos Manuais. Das pesquisas analisadas, encontrou-se o tema sendo estudado por diferentes caminhos, tais como: o currículo; as tendências educacionais; processo histórico de diferenciação de gênero; os processos históricos de escolarização envolvendo os seus conteúdos; a aparição dos Trabalhos Manuais e os discursos presentes em periódicos e revistas ou a formação social para o trabalho.

Contudo, apesar de o tema já ter sido tratado, conforme o exposto, é possível perceber que há uma lacuna no que diz respeito ao estudo histórico da disciplina, considerando suas possíveis implicações estéticas.

Tendo em vista que a educação existe para além dos estudos pedagógicos e que os conhecimentos apresentados nas escolas, dizem respeito à sociedade em que se inserem; considera-se a possibilidade do estudo das disciplinas escolares como um caminho profícuo para elucidar questões históricas e compreender fatos que compõem a memória escolar e, conseqüentemente, as condições políticas e sociais que interferem e/ou são constituídas pelas práticas educativas e pelo currículo.

Este trabalho não trata especificamente da constituição da disciplina tendo em vista que o seu aparecimento já está indicado no Brasil como trabalhos de ofício para meninos e trabalhos de agulha para meninas nas legislações imperiais do ano de 1879 (Decreto nº 7.247 de 19 de abril de 1879). O trabalho vê pertinência no estudo da disciplina de Trabalhos Manuais, com o objetivo de compreender os processos culturais e estéticos que são incorporados aos discursos sobre a sua pertinência, quando os seus conteúdos são relacionados, ao mesmo tempo, ao trabalho e às artes, e verificar as modificações que levariam à possível absorção desses conteúdos pela disciplina de Iniciação Artística, durante o ano de 1969.

## **A disciplina de Trabalhos Manuais**

Em 2016, o Museu Republicano de Itu anunciava o recebimento de um artefato que comporia seu acervo: uma toalha de mesa doada pela Dr<sup>a</sup>. Maria Lucia Almeida Caselli<sup>1</sup>. A peça tornou-se parte de uma exposição da instituição durante aquele ano.

A toalha bordada por Maria Lucia, aos 9 anos de idade, compôs a exposição do Grupo Escolar Cesário Motta, nos anos de 1940 e é um exemplo de objeto confeccionado na disciplina de Trabalhos Manuais<sup>2</sup>. A existência desse tipo de artefato nos faz questionar sobre os programas de ensino e os conteúdos ensinados nas escolas, suas concepções e ideologias.

A questão do trabalho manual esteve presente na educação em diferentes momentos da história.

---

<sup>1</sup> Fonte: <http://jornalperiscopio.com.br/site/trabalho-manual-do-seculo-xx-e-doadado-ao-museu-republicano/>

<sup>2</sup> Nessa pesquisa buscaremos diferenciar a disciplina escolar das práticas manuais por meio da grafia: maiúscula para a disciplina (Trabalhos Manuais) e minúscula ao nos referirmos às atividades manuais (trabalhos manuais).

Theobaldo Miranda Santos<sup>3</sup> (1962) aponta que desde a antiguidade, o Cristianismo já desenvolvia o ideal de dignificação dos trabalhos feitos pelas mãos. Séculos mais tarde, autores como Rabelais, Locke e Rousseau, desenvolveriam teorias em relação aos trabalhos manuais. Os ideais de Rousseau repercutiriam posteriormente nos estudos pedagógicos de Pestalozzi, Fröebel e Herbart, sustentando a prática do trabalho manual nas escolas primárias (SANTOS, 1962, p. 221).

Com base nos princípios defendidos por Pestalozzi, Fröebel e Herbart, de que o trabalho com as mãos serviria como uma ferramenta para o desenvolvimento infantil, e dos ideais Republicanos, de dignificação do homem por meio do trabalho, passou-se a discutir em várias partes do mundo o desenvolvimento de uma disciplina pautada na educação pelo trabalho.

Tendo como foco uma educação voltada para a experimentação e para o desenvolvimento físico da criança, ressaltando a dicotomia entre corpo e intelecto e os ideais de dignificação pelo trabalho, surge a disciplina de Trabalhos Manuais, que segundo Dias e Nóvoa (2009), além de trazer a ideia de dignidade do trabalho, teria uma relação com a psicologia experimental no campo da educação. Para os autores:

A reabilitação social e a dignificação do trabalho humano, colocados na ordem do discurso, inscreveram-se como novas categorias sociais e morais no discurso educacional. Há muitos títulos, uma conjugação de sedimentos, usos entrosamentos discursivos que asseguraram aos trabalhos manuais uma posição na cultura escolar com interesses específicos do campo da psicologia experimental, com aproximações à problemática das aptidões e orientação vocacional (DIAS e NÓVOA, 2009, p. 196).

Dessa forma a disciplina estaria ligada à orientação vocacional das crianças, formando os trabalhadores da nação. Tendo sido considerada uma inovação educacional, tornou-se obrigatória em diversos países da Europa e América.

A Suécia utilizaria como princípio o *Sloyd* pedagógico, metodologia baseada na organização e sistematização de diversas técnicas artesanais, priorizando o ensino por meio das práticas manuais, o que levou a investir na formação de professores de Trabalhos Manuais e Desenho em escolas técnicas superiores. Seguindo essa mesma linha de pensamento, Finlândia, Noruega e Dinamarca, apresentavam um interesse pelas atividades técnicas, despertando na criança “o amor pelo trabalho” (SANTOS, 1962, p. 221).

---

<sup>3</sup> Formado pela Escola Normal Oficial de Campos (RJ), foi Professor da Cátedra de Práticas de Ensino na Universidade do Distrito Federal e Secretário Geral de Educação e Cultura da Prefeitura do Rio de Janeiro. Autor de diversos manuais pedagógicos e vasta literatura nas áreas da ciência e educação. Foi Diretor do Departamento de Educação Técnico Profissional e Diretor Geral do Departamento de Educação Primária (RJ) durante a década de 1940 (GREGÓRIO e COSTA, 2019, p. 71).

Na França, desenvolvem-se propostas de oficinas, de acordo com métodos de práticas e teorias ligadas às profissões mecânicas. Contudo, tal projeto apresentado por Luis Bourdon não seria levado à diante, segundo aponta Dias e Nóvoa (2009, p. 176). Ainda no mesmo país, D'Enfert (2007) aponta que o ensino de trabalhos manuais de meninos estava inserido nas leis escolares francesas a partir dos anos de 1870, com a intencionalidade de promover uma escolarização que incitasse uma formação polivalente e que facilitasse a aprendizagem de profissões manuais.

Na Alemanha, os trabalhos manuais aparecem nos ideais de Kerchensteiner, como uma disciplina autônoma e um método educativo (SANTOS, 1962, p. 221) e ainda nas práticas pedagógicas, que desenvolviam trabalhos em madeira e cartão, defendidas por Basedow, Salzman e Blucke (DIAS e NÓVOA, 2009, p. 176).

A Inglaterra discutia o fato de os trabalhos manuais desenvolverem as funções motoras e físicas dos alunos, enquanto na Rússia a disciplina volta-se para o trabalho técnico (SANTOS, 1962, p. 221). Em Portugal, os Trabalhos Manuais teriam um caráter corretivo e assistencial, voltado para o mundo do trabalho (DIAS e NÓVOA, 2009, p. 177).

Saindo da Europa para as Américas, nos Estados Unidos também se verifica a existência de diferentes vertentes, apresentando doutrinas que defendiam o valor educativo e formativo da disciplina, dividindo-se em quatro sistemas diversos: pedagógico, técnico, social e artístico (SANTOS, 1962, p. 221).

Já no Brasil, há a indicação de trabalhos de ofício para meninos e trabalhos de agulha para meninas nas legislações imperiais do ano de 1879 (Decreto nº 7.247 de 19 de abril de 1879), contudo, a disciplina de Trabalhos Manuais, propriamente dita, apareceria nos programas do Distrito Federal como matéria do ensino primário apenas em 1890 com o Decreto nº 981.

A reforma, conhecida como Reforma Benjamin Constant, detalha os conteúdos a serem ensinados, considerando a oferta da disciplina em todo o ensino primário para alunos de 7 a 15 anos (CASTRO, 2018, p. 03). Ao analisar os documentos (Revistas Escolares, Anuários, Programas de ensino e Relatórios de Ensino Paulistas) e os artigos produzidos sobre o tema aqui proposto, percebe-se que a disciplina de Trabalhos Manuais esteve presente no ensino primário até o final dos anos de 1960, permanecendo durante este período no currículo, como um meio de evolução integral dos estudantes.

Contudo, apesar do discurso dos Trabalhos Manuais como formador integral, os estudos indicam que, dentro do recorte temporal proposto (1925-1969), haveria uma divergência entre

as correntes pedagógicas quanto à função da disciplina de Trabalhos Manuais, sendo apresentada como: disciplina independente; instrumento geral de educação; método e disciplina ao mesmo tempo. A natureza da disciplina também é questionada, oscilando entre trabalho educativo e produtivo ou entre artístico e utilitário (SANTOS, 1962, p. 222).

Além disso haveria uma discrepância quanto à finalidade da disciplina, existindo, segundo aponta Santos (1962) quatro sistemas diferentes: pedagógico, que teria como objetivo o desenvolvimento educacional; técnico, com o objetivo profissionalizante; social, ligado a questões sociais; e artísticos, com finalidades estéticas.

Compreende-se que a disciplina, durante seu período de vigência, nos planos curriculares, teria sofrido modificações em seu discurso e na maneira como era vista, passando de um ideal de formação para o trabalho, para uma disciplina com caráter mais intelectual e com foco no aprimoramento físico e estético.

Ao analisar as legislações educativas no Brasil, durante o período em que a disciplina existiu, verifica-se a existência de diversas normativas que trazem modificações no ensino de Trabalhos Manuais. Destacam-se como marcos nesse período: o Decreto nº 5.884 de 21 de abril de 1933 que organiza o Ensino Primário com os Princípios da Escola Nova, a Constituição Federal de 1937 que coloca a disciplina como obrigatória para o funcionamento das instituições escolares e o Decreto Lei nº 8.529/1946 que dá as bases para o Ensino Primário, colocando como finalidade do ensino a iniciação cultural e a indicação de que deveria essa modalidade elevar o nível de conhecimentos úteis à vida, além de considerar Trabalhos Manuais como uma prática educativa referente às atividades econômicas de cada região.

Busca-se analisar o que as mudanças nas legislações acarretaram aos conteúdos ensinados na disciplina, em relação aos seus objetivos implementados no currículo do Estado de São Paulo. Questiona-se como a disciplina passa a ser vista, considerando a perspectiva da inculcação de valores estéticos, ligados à arte, considerando a possível absorção dos Trabalhos Manuais na formação de uma nova disciplina: a Iniciação Artística, que aparece no Programa do Ensino Primário de São Paulo de 1969.

Justifica-se o presente trabalho por compreender que ao estudar a disciplina de Trabalhos Manuais dentro do período recortado podemos ter uma perspectiva de como as linguagens artísticas correlacionadas à perspectiva de trabalho são utilizadas para a inculcação de ideais estéticos encontrados na atualidade no ensino de Artes e nos discursos educacionais chamados modernos.

Desse modo, optou-se pelo recorte temporal apresentado ao verificar que durante esse período, o discurso contido na disciplina aproxima-se mais das concepções ligadas ao ensino das artes, principalmente no que tange a questões relacionadas à liberdade de expressão, visualidade e bom gosto estético. Além disso, escolhemos ter como foco o ensino primário por compreender este como a base inicial para a formação dos estudantes.

O Estado de São Paulo foi considerado no recorte temporal por este ser indicado nos documentos analisados como o principal modelo de educação e ensino durante o período recortado.

Consideramos ainda que, durante todo o seu período de vigência, os Trabalhos Manuais possuíam uma dimensão moral, observada nos objetivos da disciplina, nos princípios e valores defendidos, bem como nos tipos de objetos produzidos pelos estudantes. O que nos faz perguntar sobre a disciplina no período indicado: O que era a disciplina de “Trabalhos Manuais” durante os anos 1925 e 1969?

Acompanha o questionamento principal, as seguintes perguntas: Quais eram os “trabalhos manuais” vistos como saberes escolarizados? Por que se valoriza a ideia de trabalho na educação? Qual a relação da arte dentro da disciplina? Quais são os aspectos estéticos que se destacam como fator de ensino? Qual é o valor das mãos nessa disciplina? Levando em conta os valores estéticos desta disciplina, como ela anuncia as posições de identidade de gênero? E por fim, Trabalhos Manuais teria sido absorvida pela disciplina de Iniciação Artística?

Tendo em conta as práticas e os conteúdos propostos para Trabalhos Manuais, nas documentações que tratam sobre o tema, considera-se a hipótese de a disciplina, durante o período estudado, ter passado por transformações que levariam à valorização da linguagem e da expressão artística, como forma de educação integral do corpo, ressaltando a questão do belo na confecção de objetos utilitários, de modo que a ideia de estética seja uma composição entre arte e trabalho.

### **Procedimentos de pesquisa**

A pesquisa histórica se desenvolve com a utilização de documentos diversos (materiais, escritas, orais, entre outros), portanto, buscam-se fontes variadas para a análise do objeto aqui proposto. Considerando que estudar uma disciplina escolar implica não apenas compreender seu surgimento, mas também os ideais e procedimentos envolvidos no processo de

disciplinarização de um conhecimento, propõe-se a utilização de documentos escritos e iconográficos para a realização dessa pesquisa.

Por conta da pandemia de Covid-19, o acesso a determinados materiais e objetos tornou-se inviável para aquele momento. Ainda assim, foi possível a visita presencial nos acervos do Centro de Referência Mário Covas (CRE-Mário Covas) e no Arquivo Público Mineiro. Desse modo, foram tanto utilizadas fontes digitalizadas para a realização da pesquisa, quanto o estudo de fontes físicas. As documentações foram organizadas de acordo com arquivos e acervos, tal qual apresentado a seguir:

- Arquivo Público do Estado de São Paulo – Jornais, programas de ensino, Revista Escolar e Revista do Ensino, Boletim da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, Anuários do Ensino do Estado de São Paulo, Relatórios de Ensino da Inspeção Pública do Estado de São Paulo e fotografias das exposições de Trabalhos Manuais contidas nos relatórios;
- Biblioteca do Livro Didático da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP) – Livros didáticos e manuais de Trabalhos Manuais;
- Repositório Institucional (RI) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) – Transcrições de falas ocorridas em conferências de ensino, apostilas, atas de reuniões pedagógicas contendo observações sobre a disciplina, Revista Atualidades Pedagógicas, manuais, cadernos de alunos e diários de lições, neste caso, todos documentos estão digitalizados;
- Acervo CRE Mário Covas – Série de manuais didáticos contendo técnicas de Trabalhos Manuais, cadernos de alunos, jornais, revistas e recorte de outros periódicos, boletins de alunas do curso de formação de professores da escola Normal;
- Arquivo Público Mineiro – Legislações nacionais, revistas, jornais e fotografias.

Para análise dos documentos, utiliza-se como base a proposta de Jacques Le Goff (2013) em “Documento Monumento”, buscando uma leitura crítica dos documentos que considera as particularidades da época em que foram produzidos e os discursos e disputas que possam ser percebidos na observação dessas fontes.

Para a análise das revistas e periódicos, utiliza-se como base o estudo de Denice Catani (1996) “A Imprensa Periódica Educacional: As revistas de ensino e o estudo do campo educacional”, que considera as revistas como uma “instância privilegiada” que nos permite

obter conhecimentos quanto ao funcionamento do campo educacional, enquanto fazem circular as especificidades do ensino e das disciplinas, aperfeiçoamentos das práticas docentes e reivindicações da categoria.

Dos livros didáticos pretende-se a análise dos conteúdos contidos, tendo como base a pesquisa de Circe Bittencourt (1993) em “Livro didático e conhecimento histórico: uma história do saber escolar”, que verifica que o livro didático contém silêncios e conteúdos capazes de fornecer indícios quanto a questões morais e sociais. Utiliza-se também o pressuposto da mesma autora contido na obra “Ensino de História: fundamentos e métodos” (2009) que aponta que o livro deve ser compreendido como um “veículo de um sistema de valores”, capaz de auxiliar na observação quanto a cultura e ideologias de uma época.

Considera-se para a leitura e análise das fotografias a ideia de Boris Kossov (2001) em “Fotografia & História”, tendo a fotografia como um “instrumento de disseminação da informação histórico-cultural” (KOSSOV, 2001, p. 43). Segundo o autor:

Toda fotografia é um testemunho segundo um filtro cultural, ao mesmo tempo que é uma criação a partir de um visível fotográfico. Toda fotografia representa o testemunho de uma criação. Por outro lado, ela representará sempre a criação de um testemunho (KOSSOV, 2001, p. 50).

Busca-se, portanto, ao verificar as fotografias, analisar as particularidades dessas fontes, tais como assunto, conteúdos, possíveis intencionalidades, quem fotografa, a tecnologia utilizada e outras particularidades da produção fotográfica, com o intuito de realizar uma leitura crítica do documento.

Considerando a diversidade das documentações encontradas foi constituído um banco de dados, visando analisar de maneira mais contundente as informações oferecidas pelas fontes. Dessa maneira, classifica-se os documentos quanto ao tipo de publicação, sendo divididos em: Documentos Legislativos (decretos, leis, programas e currículos), Relatórios de Ensino (Relatórios da Inspeção Pública e Anuários), Periódicos (Revistas e Jornais) e Documentos Escolares (livros didáticos e cadernos).

Classifica-se os documentos legislativos por data de publicação, autor e objetivo. Compreende-se que a análise desse tipo de fonte possibilita o entendimento quanto aos grupos de poder e seus interesses, bem como das articulações políticas, administrativas e sociais. Assim, a observação desses documentos busca pelos indícios das permanências, mudanças e rupturas ocorridas na história da disciplina de Trabalhos Manuais.

Os Relatórios estão classificados de acordo com o ano em que foram produzidos, cidade, autor, conteúdo e formatação. Realiza-se o cruzamento das informações contidas nesses

relatórios com as legislações, observando-se as possíveis articulações entre as políticas públicas e as práticas pedagógicas.

Os periódicos foram divididos entre revistas e jornais, classificados quanto à data, autor e conteúdo. Foram selecionados artigos que tratam sobre a disciplina de Trabalhos Manuais e notícias sobre as exposições escolares, visando à observação de como essas práticas educativas extrapolavam o ambiente escolar, influenciando no cotidiano das pessoas.

Os livros foram classificados de acordo com editora, ano de publicação e conteúdo, considerando possíveis coleções. Os critérios de observação levaram em conta a organização de textos e imagens contidas nos materiais, as bases de explicações e ideias, organização de páginas e tipos de exercícios contidos. Nos cadernos, observamos as aplicações dos exercícios, buscando a comparação com as propostas curriculares e as atividades propostas nos livros didáticos, verificando indícios das metodologias adotadas, os objetivos e a funcionalidade da disciplina de Trabalhos Manuais no período estudado.

Desse modo, busca-se a compreensão do que era a disciplina de Trabalhos Manuais no tempo proposto; as possíveis modificações ocorridas na história da disciplina; práticas e procedimentos envolvidos no ensino; os ideais estéticos e políticos contidos no currículo e no programa de Trabalhos Manuais e suas implicações sociais.

Ao verificar quais seriam as produções propostas dentro da disciplina de Trabalhos Manuais, vemos a possibilidade de correlação entre os conteúdos da disciplina, a expressão artística e a estética, e como esses processos escolares de produção material poderiam se relacionar aos hábitos, vivências e costumes experimentados pela sociedade no período recortado.

## **Procedimentos de Análise**

Circe Bittencourt (2009) aponta que a compreensão acerca das disciplinas escolares se relaciona com o “papel do conhecimento como instrumento de poder de determinados setores da sociedade”. Nesse sentido, as disciplinas permitem a compreensão quanto ao papel da escola para o desenvolvimento de ideais e comportamentos sociais que proporcionarão a manutenção ou não de privilégios de determinados grupos sociais, tal análise é possível considerando os diferentes contextos históricos.

Para Chervel (1990) estudar as disciplinas escolares é uma maneira de reconhecer “fenômenos de aculturação em massa”, dando-nos uma perspectiva sobre a história da educação

e da história cultural, visto que os conhecimentos e procedimentos apreendidos na escola relacionam-se diretamente com a formação comportamental e social dos indivíduos.

Há que se levar em conta ainda o fato de que os conteúdos, conhecimentos e, conseqüentemente, as produções escolares modificam-se de acordo com as necessidades sociais, acompanhando os períodos históricos e políticos em que se inserem, tornando a escola uma instituição mutável, tal qual aponta Souza (2013) ao descrever as escolas como “instituições vivas”, capazes de transcenderem os limites locais e inscrever histórias compostas pelas identidades de grupos sociais diversos.

Tardif (2014) considera que os saberes disciplinares são produtos da tradição cultural de grupos “produtores de saberes sociais” e as disciplinas o meio pelo qual esses conhecimentos se incorporam às práticas docentes e, conseqüentemente, às discentes. Portanto, os autores nos fazem compreender a importância de se ver a existência de uma disciplina escolar, pela voz de quem está na disputa para organizá-la como saberes escolarizados, mas, principalmente, a possibilidade de observação de suas variações, mudanças e permanências no quadro de seus ideários.

Desse modo, compreender os saberes disciplinares nos auxiliaria a entender melhor os processos de seleção dos conteúdos e atividades ao longo do processo histórico, pensando, inclusive, nas atividades ligadas às práticas escolares.

Segundo Julia (2002), para se compreender fatores relacionados ao que ocorre em uma instituição escolar pode-se utilizar a análise de uma disciplina, considerando todos os seus elementos constituintes, tais como suas inserções ou exclusões no ensino, suas práticas, produtos e conteúdos ensinados, bem como as causas pelas quais essas transformações ocorrem.

Desse modo, propõe-se a partir dos apontamentos dos autores citados, estudar os conteúdos e objetivos propostos na disciplina de Trabalhos Manuais, tendo em conta os valores sociais e morais imbricados no seu ensino e a aproximação da disciplina a um corpo de saberes ligados às artes.

Busca-se também a análise dos exercícios contidos nos livros didáticos, visando compreender as questões ligadas à sensibilidade e o ensino pela experimentação, na educação do olhar e na educação corporal, verificando quais elementos são considerados necessários para o desenvolvimento integral dos estudantes, além de compreender quais seriam os objetos confeccionados na disciplina e as particularidades envolvidas nessas materialidades.

Ao analisar os princípios trazidos pelos autores, verifica-se também a existência de uma relação direta entre os objetos, sujeitos e rotinas que compõem a organização escolar.

Considerando que as disciplinas, seus conteúdos e práticas se modificam de acordo com as necessidades e concepções da própria sociedade, das instituições e dos saberes que a constituem ao longo dos séculos, verifica-se a possibilidade de estudar uma disciplina como espaço de expressão e produção e reprodução de conhecimentos, sensibilidades e comportamentos.

Desse modo, por meio da análise da constituição e percurso histórico de uma disciplina, é possível compreender a didática, os temas, os assuntos e costumes envolvidos em sua realização. Considera-se tais elementos constituintes como geradores de processos estéticos, sendo parte da composição de uma estética produzida pela escola.

Neste caso, pensamos a ideia a partir dos estudos de Pablo Pineau (2014) ao propor que os processos estéticos atravessam a totalidade dos fatos escolares, sendo uma possibilidade de “registro do olhar aplicável a todo o fenômeno escolar”, um tipo de movimento de formação que nos dá os indicadores do que olhar, as formas de olhar, o que é possível captar com a ação do olhar e os registros gerais do que se pode considerar como belo, ou não, durante um determinado espaço-tempo.

O autor aponta para o fato dos gestos, posições de gênero, cores, materiais, e mesmo as noções de “bom gosto” e “sentido comum” existentes na escola, corresponderem à uma “campanha histórica de produção estética”, sancionando ou proibindo, reforçando ou adaptando modelos impostos socialmente. Desse modo, estudar as disciplinas por este entendimento de estética possibilitará a percepção quanto as sensibilidades, comportamentos e modelos sociais e culturais presentes na escola e que digam respeito ao ato das mãos, às ideias de trabalho, e às conduções sociais possíveis às mulheres e homens.

Tendo em conta as discussões aqui propostas, compreende-se que o estudo da disciplina de Trabalhos Manuais, por meio da análise da estética, poderá trazer à tona uma gama de possibilidades de conhecimentos que mostram os pensamentos, comportamentos, práticas que dizem respeito ao tipo de ensino que exige o aprimoramento e o respeito pelo trabalho feito pelas mãos.

A partir do exposto acima, essa dissertação propõe a seguinte organização: No primeiro capítulo, denominado “Arte e Trabalho na disciplina de Trabalhos Manuais”, identificamos como a ideia de trabalho aparece na discussão educacional e buscamos compreender quais os motivos que levam à valorização do tema nas instituições escolares e sua correlação com as linguagens artísticas dentro da disciplina de Trabalhos Manuais.

Esse capítulo também analisará as modificações nos códigos e legislações educacionais brasileira entre o período de 1925 e 1969, e os conteúdos apresentados nos Programas do Ensino

Primário, visando compreender o debate educacional em torno da disciplina, as mudanças e permanências ocorridas e possíveis fatores que levaram aos processos de desuso de Trabalhos Manuais.

O segundo capítulo, denominado “Arte e Estética dos Trabalhos Manuais”, analisará os programas, o conteúdo, as atividades e exercícios realizados na disciplina e como a arte e a estética se relacionam aos saberes socialmente construídos em Trabalhos Manuais, considerando os ideais de formação e as diferenciações de práticas na apresentação das posições de gênero. Também mostra quais eram os trabalhos manuais vistos como saberes escolarizados e as formas como eles marcam os significados de belo e, em contraposição, o feio, como formas de condução do corpo em nome do bom cidadão brasileiro.

Por fim, o terceiro capítulo, “Educando as mãos e o olhar”, analisará as exposições e as normas metodológicas desenvolvidas no ensino de Trabalhos Manuais, considerando a relação dos trabalhos com a sensibilização e a educação estética das mãos e do olhar, buscando compreender qual o valor, principalmente do tato, por meio da operação das mãos. Esse capítulo falará também sobre os processos que acarretaram a possível absorção da disciplina como conteúdo de Iniciação Artística.

## CAPÍTULO 1 - ARTE E TRABALHO NA DISCIPLINA DE TRABALHOS MANUAIS

*Aprender agindo, aprender trabalhando por si mesmo, eis a fórmula de toda a aprendizagem (Alzira de Assis).<sup>4</sup>*

### A valorização do trabalho na educação

Imagine por um momento que estamos vivendo na Idade Média em que as relações de trabalho são pautadas pelas relações servis. Martins (2000) aponta que nesse momento em que a servidão imperava como contrato, o trabalho “era considerado um castigo. Os nobres não trabalhavam” (MARTINS, 2000, p. 169). Havia ainda nesse período, uma tentativa clara de manter uma divisão entre os esforços mental e manual, segundo Sennett (2020):

Em diferentes momentos da história Ocidental, a atividade prática foi menosprezada, divorciada de ocupações supostamente mais elevadas. A habilidade técnica foi desvinculada da imaginação, a realidade tangível, posta em dúvida pela religião, o orgulho pelo próprio trabalho tratado como um luxo (SENNETT, 2020, p. 31).

Considerava-se, portanto, a atividade intelectual como algo de extrema relevância, uma ação elevada e engrandecedora, enquanto as atividades práticas (ou manuais) eram menosprezadas, pensada sempre como alguma reminiscência do passado. A Igreja Católica, tida como a principal detentora dos saberes, ocupava-se em realizar a manutenção das práticas de obediência que regulariam as relações sociais experimentadas (GONÇALVES; WISE, 1997, p. 22).

A Reforma Protestante e o início da era da industrialização marcariam uma mudança de ordem econômica, científica, social e religiosa, alterando as relações de trabalho e a maneira

---

<sup>4</sup> Frase proferida pela Professora D. Alzira de Lourdes Assis, durante conferência ministrada em Curso de Férias sobre o tema “Os trabalhos manuais na Escola Primária”. A professora ocupava cargo de adjunta e posterior professora efetiva da primeira classe da escola elementar do Grupo Escolar Rio Branco (BA) de 1914 a 1924 (MONTEIRO, 2017, p. 140), tendo sido também professora do Ensino Masculino do Distrito de Nazareth (D.O, Estado da Bahia – Capital, Vol. III, p. 163). Convidada por Anísio Teixeira, então Diretor Geral da Instrução Pública do Estado da Bahia, para proferir palestra de formação para os professores do Estado, considerando a modernização do ensino. Os cursos eram destinados a facilitar “a adaptação do professorado às modernas e justas exigências de reforma da escola pública” (TEIXEIRA, Anísio, 1928). Para proferir as conferências eram escolhidos, pela Diretoria de Instrução Pública do Estado, professores ou diretores escolares que de alguma forma se destacassem em seus trabalhos cotidianos. Não se encontrou maiores informações do porquê de o convite ter sido realizado especificamente para a Professora D. Alzira, que indica estar proferindo o discurso apenas em obediência à vontade do Diretor Geral, visto que se colocava como não oradora e “encontrar-se sempre na humildade da direção escolar sem procurar aparecer ou ascender aos maiores postos” (ASSIS, 1927). Não se encontrou maiores dados bibliográficos sobre sua figura, além dos aqui apresentados. O discurso referido ocorreu na Bahia no ano de 1927 e pode ser encontrado na íntegra no repositório UFSC no endereço: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/135022>.

como as pessoas se conectavam umas com as outras. Carmo (1992) aponta que, após a Reforma, o trabalho ganharia uma conotação de base da vida, sendo um meio para “reforçar a fé” e não mais uma atividade menor e indigna, utilizada para expiação dos pecados, destinada a plebeus, escravos ou prisioneiros, como era tido anteriormente (CARMO, 1992, p. 27).

Para Martinho Lutero a fórmula para a dignificação do homem partia do princípio do *ora et labora*, modificando a concepção da ideia de trabalho dentro da religião. Mas é com Calvino que o trabalho ganha uma posição maior de elevação na sociedade (SANSON, 2014, p. 02). Sanson (2014) aponta que o ideal protestante defendido por Calvino:

(...) abandona a ideia do trabalho como fonte do pecado original e mesmo como contemplação. Pelo contrário, o trabalho pode libertar o homem do sofrimento e se tornar agradável a Deus (...) Não trabalhar significa não prestar homenagem a Deus. Somente razões imperativas como a doença podem impedir alguém de trabalhar, mas optar por não trabalhar ou não fazer de tudo para encontrar um trabalho, é moralmente condenável. O ócio, assim como a preguiça, não é desejado por Deus (SANSON, 2014, p. 02).

Desse modo, os ideais protestantes pregavam que por meio das atividades laboriosas e do abandono do ócio os seres humanos seriam dignificados. O trabalho passa a ter uma conotação divinatória, engrandecedora, salvadora da alma dos homens.

Dentre os pensadores da Reforma, Comenius (1593 - 1671) seria um dos primeiros a considerar a criação de uma escola em que o trabalho comporia o ensino, visando a aprendizagem completa. O trabalho auxiliaria as crianças na utilização dos sentidos, desenvolveria sua habilidade manual, cultivaria a inteligência e a auxiliaria no desenvolvimento para as vivências do mundo laboral (DIAS e NÓVOA, 2009, p. 173). Segundo Dias e Nóvoa (2009), Comenius defendia que aprender um ofício tiraria as crianças da ignorância para o que poderiam enfrentar na vida, auxiliando no conhecimento de suas aptidões naturais (DIAS e NÓVOA, 2009, p. 174).

Locke (1690) também propõe que era necessário ensinar educando para um ofício, colocando o trabalho como um importante meio de desenvolvimento físico dos indivíduos, servindo como dignificador (DIAS e NÓVOA, 2009, p. 175).

Essa discussão sobre a função do trabalho propaga-se nos anos seguintes à reforma protestante, influenciando os pensadores iluministas.

Pela expectativa do Iluminismo, por meio do aprendizado dos ofícios os seres humanos seriam capazes de aprender e se autogovernar (SENNETT, 2020, p. 318). Trabalhar bem tornaria o indivíduo um bom cidadão, capaz de modelar satisfatoriamente a sociedade e de escolher um governo efetivo, na mesma medida em que se desenvolve pessoalmente, realizando

atividades úteis e produtivas. Por meio da execução do bom trabalho é que a humanidade poderia desenvolver sua capacidade natural (SENNETT, 2020, p. 300).

A capacidade de autogoverno e autoaprendizagem, trazida pela prática, poderia diminuir as desigualdades, na medida em que desenvolveria a inteligência natural do homem, tornando possível a reivindicação pela maior igualdade (SENNETT, 2020, p. 269). Os franceses viam a prática do trabalho como o ponto principal para o desenvolvimento humano, dessa forma, o trabalhador exemplar seria o símbolo do iluminismo (SENNETT, 2020, p. 107). Por conseguinte, as atividades manuais deveriam ter o mesmo peso das atividades mentais, pois o trabalho seria um ponto de avanço da humanidade (SENNETT, 2020, p. 108).

Essa ideia central estava contida nas páginas da *Enciclopédia*, obra idealizada por Diderot e D’Alambert em colaboração com grandes nomes do período, como Montesquieu, Voltaire, Rousseau, Buffon, entre outros. O compêndio incentivava o pensamento livre e mostrava certo desdém pelos membros da chamada elite hereditária, que “não trabalham e, portanto, em nada contribuem para a sociedade” (SENNETT, 2020, p. 108).

Para Richard Sennett (2020) as ideias contidas na *Enciclopédia* devolvem aos trabalhadores um reconhecimento que os trabalhos manuais teriam na civilização grega. Segundo o autor:

(...) os enciclopedistas lançaram um desafio de força igual ao ataque de Kant contra os privilégios tradicionais, mas de caráter diferente; é antes o trabalho útil que a razão livre que desafia o passado. O próprio avanço do alfabeto contribuía para a convicção enciclopedista da equivalência ética entre o trabalho manual e atividades supostamente mais elevadas. (...) Era o vigor que interessava: os enciclopedistas queriam que os trabalhadores comuns fossem admirados e não lastimados (SENNETT, 2020, p. 108).

Desse modo, na visão dos enciclopedistas, o trabalho seria capaz de tornar o ser humano esclarecido. Tal esclarecimento ocorreria principalmente pelo fato de que o trabalho auxiliaria no desenvolvimento das habilidades, dos pensamentos, da prática, visto que, por meio dele, o indivíduo adquiriria um espírito calmo e satisfeito, evoluindo para um ser humano organizado e disciplinado (SENNETT, 2000, p. 110).

A *Enciclopédia*, publicada entre 1751 e 1772, buscava diminuir as desigualdades no que tange ao conhecimento, facilitando assim “a mudança e o progresso científico e social”<sup>5</sup> e tentava devolver ao trabalho a função redentora.

---

<sup>5</sup>Fonte: [https://es.wikipedia.org/wiki/Encyclop%C3%A9die\\_ou\\_Dictionnaire\\_raisonn%C3%A9\\_des\\_sciences\\_des\\_arts\\_et\\_des\\_m%C3%A9tiers](https://es.wikipedia.org/wiki/Encyclop%C3%A9die_ou_Dictionnaire_raisonn%C3%A9_des_sciences_des_arts_et_des_m%C3%A9tiers)

Os verbetes compostos com riqueza de detalhes e as ilustrações, facilitariam o entendimento quanto ao funcionamento da sociedade e do pensamento. As imagens abaixo mostram algumas páginas da *Enciclopédia*, nas quais podemos observar como eram mostradas as noções sobre economia rústica e os trabalhos manuais com algodão.

**Figura 1** - Economie rustique, coton



Fonte: Enciclopédia Metafísica Diderot e d'Alembert, 2017, p. 517 e 518.

A imagem apresentada é um exemplo de entendimento facilitado do conteúdo dos verbetes. É possível perceber a apresentação detalhada de um procedimento demonstrativo para a realização de um trabalho com tear, o que deveria servir não apenas à compreensão do funcionamento do equipamento, mas também como um molde para realização do trabalho, tornando o conhecimento mais acessível àqueles que tivessem contato com essas páginas.

A obra dirigida por Diderot e D'Alembert se tornaria um dos símbolos dos pensamentos iluministas e uma importante base teórica para a Revolução Francesa, em 1789.

Após a Revolução Francesa, a Assembleia Constituinte, via a necessidade de implantar políticas que auxiliassem na formação de uma Unidade Nacional. Imbuída dos ideais iluministas, a Assembleia discute as melhores formas de divulgação do conhecimento científico. Divulgar o conhecimento seria uma maneira de manter a República e de auxiliar no auto entendimento dos humanos. Seria preciso portanto o desenvolvimento de uma educação

universal e pública, capaz de consolidar as conquistas tidas com a Revolução e de apropriar o povo dos ideais de pátria e nação defendidos pela classe burguesa (RESSINETI e COSTA, 2016, p. 50). O trabalho passa a ser colocado como um meio de realização humana, capaz de educar moralmente a população.

Defendendo a educação pública e universal, a Revolução Francesa “consolidaria a pastoral do trabalho, ao estabelecer o direito de todos os homens participarem na cultura e o dever de concorrerem, pelo seu trabalho, para a produção colectiva de coisas úteis” (DIAS e NÓVOA, 2009, p. 176).

A educação pelo trabalho passa a ocupar as discussões dos estudiosos no período seguinte à Revolução Francesa. Segundo Dias e Nóvoa (2009):

O final do século XVIII testemunharia o esforço dos pedagogistas na concretização de formas práticas de realizar a educação manual. Entre a Revolução Francesa e o ressurgir das novas formas de organização política, que haveriam de conduzir aos modernos sistemas de educação estatal e às novas formas de disciplinarização dos conhecimentos, assistiu-se nos continentes europeu e americano às várias tentativas de fazer associar educação e manualidades (DIAS e NÓVOA, 2009, p. 176).

Essas discussões quanto ao trabalho e as manualidades dentro do processo educativo coincidem com a crescente industrialização e com as mudanças dos processos de produção para o modo capitalista. O surgimento da classe operária traria uma nova reorganização das relações sociais, tornando necessária, portanto, uma Revolução Educacional, que colocaria a escola como ponto principal e dominante da educação da população (SAVIANI, 2007, p. 159).

Com base principalmente nos estudos de Rousseau (1712 - 1778), Basedow (1723 - 1790) e Pestalozzi (1746 - 1827) e partindo dos ideais de autogoverno herdados do iluminismo, verifica-se que por toda a Europa há uma aceleração do discurso pedagógico do trabalho como um meio de aprendizagem escolar (DIAS e NÓVOA, 2009, p. 178).

Segundo Dias e Nóvoa (2009):

Entre filósofos e pedagogos, entre parlamentares e industriais, o protesto contra a pedagogia tradicional, contra a escola livresca, intensificou-se a partir da segunda metade do século XIX. *É preciso ensinar de outro modo!* tornou-se o mote que daria assento aos Trabalhos Manuais numa escola que com eles se tornava mais *activa* e se dizia moderna porque construtora de um cidadão que o trabalho manual, tornado educativo, tornava também livre, investido no *governo de si mesmo* (DIAS e NÓVOA, 2009, p. 178).

A condição do ensino dito ativo apresentaria possibilidades de desenvolvimento do aluno por meio de um processo educativo que proporcionaria o intercâmbio entre a natureza do conhecimento e as relações sociais existentes.

O trabalho passa a ser uma possibilidade dentro da educação, tendo seu principal representante nas manualidades. A tendência dos trabalhos manuais, como educativos, ganha terreno por toda a Europa, fundamentada pelos estudos realizados na Finlândia, Suécia e Dinamarca, o que leva a discussão de sua associação à aprendizagem escolar, definindo finalidades e métodos e realizando a hierarquização de conteúdos que melhor servissem à escola e a educação (DIAS e NÓVOA, 2009, p. 178).

Dessa maneira, as manualidades são incorporadas na educação, e há uma escolarização desse saber por meio de um processo de disciplinarização. Os trabalhos manuais passam a ser utilizados na escola como um meio de desenvolvimento dos estudantes, vistos como um instrumento de modernização e de recuperação pedagógica que se contrapunha ao ensino considerado antigo e livresco. Tais saberes, organizados na disciplina de Trabalhos Manuais, seriam responsáveis pela formação física e intelectual que propiciaria a emancipação do trabalhador e a renovação da sociedade.

### **A implantação dos Trabalhos Manuais no Brasil e os debates cerca da disciplina**

No Brasil, ao falar sobre a disciplina de Trabalhos Manuais há que se considerar que, como aponta Taborda de Oliveira (2019), a extinção do trabalho escravo foi tardia (1888), sendo esse o alicerce do desenvolvimento do país, o que geraria certo preconceito com as manualidades e conseqüentemente, com a própria disciplina. Desse modo, o trabalho manual era visto pela elite como degradante e o ensino pautava-se principalmente no intelectualismo, com um cunho moral da infância e da juventude (TABORDA DE OLIVEIRA, 2019, p. 389).

No final do século XIX circulavam no país as obras de Rousseau, Pestalozzi, Fröebel e Spencer, pensadores que segundo aponta Taborda de Oliveira (2019) chamavam atenção para o trabalho corporal como uma condição básica para o desenvolvimento integral, contudo a reverberação dos pressupostos desses autores ainda era tímida no ensino brasileiro. Com o fim do trabalho escravo, a chegada dos imigrantes e com a Proclamação da República o discurso do trabalho como potência formativa e modernizadora da sociedade parece ocupar os debates educacionais (TABORDA DE OLIVEIRA, 2019, p. 389), e assim, no ano de 1890 a disciplina de Trabalhos Manuais aparece pela primeira vez nos programas brasileiros do ensino primário, sendo dividido entre Trabalhos Manuais para os meninos e Trabalhos de Agulha para as meninas com a assinatura do Decreto nº 981 de 8 de novembro de 1890, conhecido como Reforma Benjamim Constant.

O Decreto nº 981 regulamentou a educação primária e secundária no Distrito Federal, destinando o ensino primário a crianças de 7 a 13 anos e dividindo o ensino em três anos, trazendo uma escola graduada e tendo por referência os grupos escolares, seguindo os modelos das escolas do final do século XIX de países da Europa e dos Estados Unidos, possibilitando uma educação popular (FREITAS, 2010, p. 3).

O Relatório do Diretor da Escola Normal de São Paulo (1894) dizia que o ensino paulista trazia um indicativo modernizador e experimental advindos dos ideais republicanos. O documento aponta a experimentação do Trabalho Manual como prática para o preparo intelectual segundo consta:

O menino que se habitua a experimentar será um homem apto em todos os sentidos. (...) todos os meios gráficos de reproduzir a idéia, que na escripta, quer no desenho, quer mesmo na musica, e no Trabalho Manual, que educa obrigando a *fazer*, são também meios indispensáveis do preparo intelectual (RELATÓRIO DO ENSINO, São Paulo, 1894, p. 40).

O programa da disciplina de Trabalhos Manuais propunha o desenvolvimento de exercícios preparatórios e práticos, desenvolvidos em duas aulas na semana e separados de acordo com os sexos (RELATÓRIO DE ENSINO, São Paulo, 1894, p. 87).

Para os meninos os exercícios iniciavam com dobraduras e recortes, relacionadas às formas geométricas, que dariam origem a um posterior trabalho de tecelagem e trabalhos em junco, vime, salgueiro e modelagem (RELATÓRIO DE ENSINO, São Paulo, 1894, p. 28). Para as meninas as aulas giravam em torno da economia doméstica, com lições de crochê, tricô, filet e bordados, empregando as formas geométricas e as noções de composição de cores para realizar trabalhos de corte e costura. Além disso, as alunas lidariam com as noções necessárias para a manutenção do lar, aprendendo sobre o valor das compras, vestuário, casa e mobília (RELATÓRIO DE ENSINO, São Paulo, 1894, p. 79). Os materiais e a dificuldade dos exercícios variavam de acordo com o grau do ensino.

Verifica-se que as atividades propostas estariam relacionadas a iniciação dos trabalhos manuais com caráter didático e econômico. Fizzarini (2018) aponta para o fato de o trabalho manual adentrar as escolas brasileiras pelo eixo do método intuitivo, segundo a autora esse tipo de ensino:

(...) coloca em evidência a necessidade de um aluno ativo, e da prática como elemento necessário e imprescindível para o processo de aprendizagem. Pautados na praticidade do aluno, os Trabalhos Manuais ressaltam seu caráter prático, resguardando a importância da ação, movimento e manipulação da criança (FRIZZARINI, 2018, p. 31).

Contudo, a noção de trabalho na educação vai acompanhando os ideais de “progresso, melhora, avanço, dever, aptidão, ação” (TABORDA DE OLIVEIRA, 2019, p. 391).

Segundo consta no Anuário de Ensino do Estado de São Paulo de 1907:

Nunca é demasiado o que se faz para difundir e facilitar conhecimentos uteis, que inspirem ao cidadão o espírito de moralidade, de religião e de patriotismo, e que o habilitem para a vida política, e para o aperfeiçoamento e progresso da indústria.

As nações mais adiantadas, e que maiores benefícios têm colhido da educação do povo, considerando-a condição imprescindível e essencial da própria grandeza, estão incitando-nos pelo seu exemplo, e pelos esforços crescentes que empregam, a recuperarmos o tempo perdido, acelerando a marcha progressiva do ensino publico nesta terra de tanto futuro, onde a natureza pródiga oferece vastíssimo campo e larga remuneração, às explorações das sciencias e das artes (ANUÁRIO DE ENSINO DO ESTADO DE SÃO PAULO, 1907, p. 55).

A educação passa a ser vista como uma ferramenta importante para o desenvolvimento de habilidades e comportamentos necessários ao cidadão, pensando no dinamismo da ciência, artes e indústria. Por meio da educação seria possível difundir conhecimentos para a formação de cidadãos trabalhadores, que auxiliassem no progresso político e econômico, ou seja, na construção da nação brasileira, uma nação laboriosa. Nesse sentido, o ensino das manualidades seriam vistos como uma prática modernizadora com vistas ao progresso e aperfeiçoamento das organizações escolares (ANUÁRIO DE ENSINO DO ESTADO DE SÃO PAULO, 1913, p. 48), seria necessária, portanto, a alteração nos conteúdos ensinados na disciplina. Além disso, vale notar que se trata de incorporar um “sentido útil” às atividades, de modo que o sujeito fosse autônomo com sua prática, após aprendê-la.

Em São Paulo, fala-se da necessidade de reestruturar Trabalhos Manuais, considerando sua aplicabilidade nos moldes do ensino Norte-Americano que ofereceria “modelos tão perfeitos para uma boa organização” (ANUÁRIO DE ENSINO DO ESTADO DE SÃO PAULO, 1910, p. 140).

Tais modificações seriam justificadas pela visão de que a implantação dos trabalhos de marcenaria, por meio das técnicas do *Sloyd* auxiliaria atingir um modelo de ensino vocacional e integral (ANUÁRIO DE ENSINO DO ESTADO DE SÃO PAULO, 1913, p. 47).

Trabalhos Manuais teriam um cunho de iniciação aos ideais de trabalho, servindo como uma atividade para dar aos meninos a “destreza de mãos e segurança de vista, inspirar-lhes o gosto pelas occupações desse genero, despertar-lhes o espirito de observação e descobrir a sua aptidão natural” (ANUÁRIO DE ENSINO DO ESTADO DE SÃO PAULO, 1913, p. 49), ou seja, um modo de modernizar a educação e, conseqüentemente, a sociedade, produzindo

segundo Taborda de Oliveira (2019) um novo tipo de sensibilidade necessária a vida moderna, pautada em duas máximas: a vontade e a ação.

Silva (2004) fala sobre o destaque dado a disciplina de Trabalhos Manuais no currículo da escola primária como um modo de difundir valores como o amor à pátria, o nacionalismo e o trabalho. Segundo o autor, o culto ao trabalho seria:

(...) o principal ideário do mundo capitalista, cujo princípio foi exaltado pelo ideário positivista em seu hino ao trabalho, inspirado pelo otimismo da livre concorrência e pela defesa das liberdades como fontes imprescindíveis para o progresso humano (SILVA, 2004, p. 14).

O conceito de trabalho que integra a Educação tem nos Trabalhos Manuais sua principal representação, sendo a disciplina responsável pela difusão do discurso do trabalho como forma de atingir o progresso, a modernidade e a evolução da humanidade.

Os projetos desenvolvidos pelos alunos na disciplina deveriam servir para criar o gosto e o amor pelo trabalho, auxiliando o estudante a obter uma habilidade manual na mesma medida em que facilitaria o conhecimento de uma possível profissão, devendo acompanhar o aluno do primeiro ao último ano do ensino primário.

Contudo, apesar de conter um discurso profissionalizante, verifica-se a diferenciação no que tange aos trabalhos femininos e masculinos. Enquanto para os meninos seriam delegadas atividades ligadas à construção de objetos relacionados às profissões públicas, como marcenaria, carpintaria, serralheria; por exemplo, às mulheres cabiam atividades relacionadas ao lar, tais como pregar botões, confecção de peças de roupa, trabalhos de costura, cortes, bordados... (Anuário de Ensino do Estado de São Paulo, 1917, p. 40).

A fotografia abaixo mostra alguns trabalhos feitos no ensino feminino em 1907, no Grupo Escolar Augusto Reis na cidade de São Manuel (SP). Vale indicar que os objetos aqui observados são encontrados em fotos de períodos diversos da história da disciplina.

**Figura 2** - Trabalhos Femininos - Grupo Escolar Dr. Augusto Reis



Fonte: Anuário de Ensino do Estado de São Paulo, 1907, p. 239.

Ao analisar a fotografia podemos notar que a maior parte dos trabalhos de agulha são compostos por objetos de utilidade doméstica, tais como lenços, peças de roupa de bebê, almofadas, peças de enxoval e panos de prato.

Desse modo, compreende-se que a ligação posta entre o bordado e o ensino feminino seria o cuidado doméstico. Caberia às mulheres a organização, manutenção da família e do lar, e o cuidado estético, visto que o asseio e a aparência da casa dependeriam das jovens donzelas. Em suas casas, com um toque de suas mãos os objetos e ambientes que poderiam ser vistos como “feios ou maus” se transformariam em “belos e bons, a sombra se transforma em luz e o caos se faz harmonia” (SCHWETTER, 1956, prefácio).

Ao desenvolver as habilidades necessárias ao estudo do corte e costura, realizando essas operações de maneira bela, cuidadosa e limpa, as mulheres contribuiriam para a economia e embelezamento de seus lares, compensando, por meio das habilidades manuais, a possível falta de recursos monetários.

Os trabalhos de agulha seriam, portanto, considerados utilitários e de “imediate aplicação às necessidades do lar, às premências da vida”, delegando assim às mulheres a formação de conhecimentos domésticos, necessários para que pudessem exercer as funções de donas de casa e mães (ANUÁRIO DE ENSINO DO ESTADO DE SÃO PAULO, 1917, p. 40).

O Programa do Ensino Primário de 1941 indica que os trabalhos de agulha teriam como objetivo “inspirar às meninas o amor à ordem, fazendo-lhes adquirir a faculdade sérias de donas de casa e pondo-as de sobreaviso contra os gostos frívolos e perigosos” (PROGRAMA DO ENSINO PRIMÁRIO, 1941, p. 62). Ao analisar o discurso do Programa de 1941, verifica-se que há um mote moralizante ao se referir aos trabalhos de agulha para meninas, delegando às alunas um lugar social privado, que serviria à economia doméstica.

Apesar da diferenciação na aplicação do ensino, em ambas as modalidades, a disciplina de Trabalhos Manuais viria imbuída num ideal de economia, principalmente na utilização de materiais “reciclados”, visto que os trabalhos propostos na disciplina deveriam ser realizados “com materiais encontrados nas vizinhanças da escola” (ANUÁRIO DE ENSINO DO ESTADO DE SÃO PAULO, 1918, p. 587) Além disso, as crianças deveriam ser conduzidas ao “espírito de economia” aproveitando ao máximo o material disponível para o trabalho (SANTOS, 1962, p. 227).

Em seu aspecto pedagógico, os trabalhos manuais serviriam para preparar as crianças para a vida (ANUÁRIO DE ENSINO DO ESTADO DE SÃO PAULO, 1915, p. 36), enquanto pudessem “incutir-lhe o espírito de ordem e a exactidão e revelar-lhe as vantagens e a necessidade da atenção da aplicação e da perseverança”, criando os hábitos necessários para o mundo do trabalho (ANUÁRIO DE ENSINO DO ESTADO DE SÃO PAULO, 1917, p. 40).

A disciplina, portanto, contribuiria para a economia do país e para auxiliar no espírito de coletividade, estando pautada no ideal de progresso. Tais ideais permanecem presentes na educação durante os anos de 1920, visto que era preciso desenvolver a vontade e o amor ao trabalho e formar “ideais de igualdade e fraternidade próprias dos ideais democráticos e republicanos” (TABORDA DE OLIVEIRA, 2019, p. 398).

Essa nova base educacional, contrapõe-se à tradicional educação que, segundo aponta Taborda de Oliveira (2019) era considerada “beletrista, mnemônica e passiva”<sup>6</sup>. A escola deveria, portanto, deixar de lado o ensino enciclopédico e propor uma educação baseada na prática e no experimento, tendo como foco a aprendizagem pelo fazer.

A sensibilidade verificada como ideal para a nova educação estaria ligada ao conhecimento do corpo, estimulada pelo *ethos* do trabalho. Para Taborda de Oliveira (2019):

(...) Essa sensibilidade pressupunha o conhecimento do próprio corpo, a cuidadosa educação dos sentidos, a ênfase na educação da vontade e na

---

<sup>6</sup>As apostilas de História da Educação descrevem o ensino tradicional como “antigo, intelectualista e verbalista” (Apostila de História da Educação, Dossiê Didático, 1961, Caixa nº499 – CRE Mario Covas), uma análise que pode ser considerada um tanto apressada, visto que toda inovação um dia virá a ser uma antiguidade.

capacidade de tomar decisões dos alunos. (...) os Trabalhos Manuais cumpriam um papel chave na afirmação daquele *ethos*, mostrando que a plena realização do mundo novo dependeria da contribuição de todos e de cada um, através do suor do seu rosto e da habilidade das suas mãos (TABORDA DE OLIVEIRA, 2019, p. 403).

Talvez haja um certo exagero sobre esse *ethos* do trabalho, em relação ao “suor do rosto”, visto em determinados tipos de trabalho, imediatamente transportado à educação pública. É correto dizer que havia a busca do progresso, pelo ideal da disciplina de Trabalhos Manuais que, por dedicar-se à ação, ao movimento e à manipulação de objetos e materiais pelos alunos, tendo a prática como seu principal meio de formação, estaria de acordo com os métodos ativos do ensino. Mas vemos que essa projeção também diz respeito à regeneração das pessoas no sentido moral e dos costumes, pensados nos atos imediatos.

Segundo consta na Revista Escolar (1925):

O racionalíssimo methodo de ensino, em que se associa o corpo e o espírito no trabalho, para a educação integral, apresenta como resultado imediato, altamente moral e cívico, a formação symetrica do indivíduo. Essa formação acarreta a eliminação ou correção das aberrações innatas, phisicas e Moraes (...) Esta é a grande causa da educação, porque encerra a maior das causas nacionaes, educar e instruir utilitariamente; tão grande que não pode ser maior, porque della depende a formação cívica e econômica do povo brasileiro (REVISTA ESCOLAR, nº 6, 1925, p. 77).

Verifica-se pelo trecho acima que a disciplina teria um cunho modernizador e idealizador, vista como um meio auxiliar da formação para o mundo urbano, contudo, encontra-se uma discrepância no que tange à disciplinarização dos trabalhos manuais.

Ao apresentar o seu valor de moral e civismo, no sentido de criar o elenco de atitudes aptas e inaptas para a educação dos alunos, a disciplina teria sua função questionada por algumas correntes pedagógicas contemporâneas, no momento de fazer uma avaliação retroativa sobre as suas funções pedagógicas. Segundo aponta Santos (1962) em seu livro *Noções de Metodologia do Ensino Primário*:

Para umas, o trabalho manual deve ser utilizado como instrumento geral de educação; para outras, como disciplina independente; para outras ainda, como método e disciplina ao mesmo tempo. Há discrepâncias também quanto à natureza do trabalho a ser realizado, oscilando as opiniões, ora entre o trabalho educativo e o produtivo, ora entre o trabalho artístico e utilitário. Finalmente, discutem-se as finalidades do trabalho manual, resultando dessa divergência quatro sistemas: o *pedagógico*, com objetivos puramente educacionais; o *técnico*, com objetivos profissionais; o *social*, com objetivos predominantemente sociais; e o *artístico*, com objetivos estéticos (SANTOS, 1962, p. 222).

Independente da divergência apontada pelo autor, anos mais tarde, havia uma convicção de que os trabalhos manuais, adaptados à realidade dos educandos constituiriam “um dos meios mais poderosos de educação integral das novas gerações” (SANTOS, 1962, p. 222) sendo utilizado principalmente para desenvolver na criança as habilidades necessárias para a expressão concreta do pensamento (SANTOS, 1962, p. 225), o que poderia explicar o interesse em sua manutenção como disciplina escolar.

Havia certa preocupação em relacionar o ensino dos trabalhos manuais com o mundo do trabalho produtivo. É possível notar a existência de um ideal em que a escola primária funcionaria como uma pequena oficina, onde deveria ser feita uma iniciação profissional dos alunos. Essa projeção da disciplina realça o discurso do trabalho como uma capacidade inata do corpo, capaz de trazer para o país uma “nova era” tornando a pátria “grande e bela” (ANUÁRIO DE ENSINO DO ESTADO DE SÃO PAULO, 1926, p. 278), sendo uma maneira de formar o caráter dos alunos, despertando o hábito do fazer, da ação, a tenacidade, a iniciativa, a paciência; características necessárias para desenvolver o “espírito de trabalho” (REVISTA ESCOLA PRIMÁRIA, 1926, p. 14).

Instruir o povo por meio do Trabalho Manual seria o equivalente a instruir utilitariamente, formando cívica e economicamente o povo brasileiro (REVISTA ESCOLAR, 1925, p. 77). A escola serviria para auxiliar no desenvolvimento de habilidades que permitam aos alunos exercer com maior eficiência uma profissão futura, reforçando o ideal de progresso observado nos discursos liberais.

D. Vizioli (1926) aponta que esse espírito seria algo inerente da criança e que caberia a escola realizar os encaminhamentos necessários para que os alunos desenvolvam “os conhecimentos práticos de fins utilitários” (REVISTA ESCOLAR, n. 16, 1926, p. 56).

Desse modo, a disciplina de Trabalhos Manuais serviria para desenvolver o gosto pelo trabalho e a formação do “bom cidadão” que tenha uma destreza manual a disposição para a vida útil.

Considerando o estudo das manualidades, no próximo tópico analisaremos como o ensino primário estaria organizado durante o período recortado, buscando compreender como as noções de arte e trabalho adentram essa modalidade de ensino e a importância de tal temática na educação paulista.

## **Trabalhos Manuais: Arte e trabalho no ensino primário paulista**

Ao analisar a legislação de ensino, verifica-se que dentro do período recortado, o ensino primário seria organizado em quatro categorias: grupos escolares, escolas isoladas, cursos populares noturnos e escolas experimentais. Nessa pesquisa, tomamos como foco de estudo os grupos escolares, considerando que ao analisar os relatórios de ensino e anuários do Estado de São Paulo, verificamos maior projeção da disciplina de Trabalhos Manuais dentro dessas unidades, sendo que algumas possuíam inclusive instalações e oficinas próprias para esse ensino.

Durante um longo período o ensino primário manteve incorporado em suas bases os princípios liberais de educação, mantendo as bases herdadas do ensino republicano que buscava difundir os saberes considerados elementares e servindo como um projeto político de nação, disseminando conhecimentos, conteúdos, códigos, símbolos e competências necessárias que, como aponta Rosa Fátima de Souza (2008), denotam o “tipo de homens e mulheres que uma dada sociedade em determinado tempo pretende formar” (SOUZA, 2008, p. 11).

Por conseguinte, os conteúdos contidos nos planos curriculares deveriam favorecer a modificação e/ou a criação de hábitos e condutas que direcionassem a população para os valores considerados modernos (SOUZA, 2008, p. 22).

Por meio do Decreto nº 5. 884 de 21 de abril de 1933, o ensino primário seria reorganizado de acordo com os princípios da Escola Nova e, apesar da existência de reestruturações na legislação ao longo do período recortado, os princípios morais trazidos pelo decreto, perdurariam até o fim dos anos de 1960.

O principal mote defendido pela legislação é que a escola primária deveria preparar o estudante para a vida, moldando seu caráter por meio de valores e virtudes morais, que serviriam a um “regime de vida social e de trabalho em cooperação”, satisfazendo as tendências das crianças, dando aos alunos uma formação intelectual, física e moral, criando hábitos de higiene e de trabalho e auxiliando na orientação para uma profissão (Lei nº 5.884/ 1933, art. 225).

A legislação orientava para uma pedagogia que partia da experimentação e observação, o método intuitivo seria o ícone da escola moderna, que garantiria a formação dos estudantes de maneira integral, contribuindo para a disseminação de ideias, valores e representações sociais ligados à constituição de uma nacionalidade.

A formação dos professores para o conhecimento dos métodos aplicados e das disciplinas a serem ensinadas ocorria por meio das Escolas Normais e Escolas Modelo, além

de serem distribuídos impressos oficiais aos professores, tais como manuais didáticos, coleções pedagógicas e periódicos educacionais (SOUZA, 2008, p. 80).

Dentro desse cenário, os saberes profissionais compõem o ensino primário incorporados ao programa de ensino como uma inovação que pretendia ligar os ensinamentos da escola às atividades produtivas e, apesar da existência de reformas que alteraram os programas e currículos, esses saberes, bem como os dispositivos morais que a eles se ligavam, permaneceram nos programas de Trabalhos Manuais durante todo o período recortado.

Outro ponto que nos chama atenção é que haveria uma ligação entre os saberes profissionais e as expressões artísticas na tentativa de despertar sentimentos de ordem, progresso e civilidade. Tal fator é percebido no conteúdo da disciplina contido nos documentos escolares analisados.

Segundo consta no Anuário de Ensino do Estado de São Paulo de 1926, por meio das aulas de Trabalhos Manuais os alunos teriam “reveladas e despertadas as vocações, as aptidões latentes, guiados e estimulados bem cedo os fortes temperamentos artísticos que irão mais tarde dar lustre e gloria ao nome brasileiro” (ANUÁRIO DE ENSINO DO ESTADO DE SÃO PAULO, 1926, p. 277).

Considera-se que os “temperamentos artísticos” relacionados dessa maneira à iniciação ao trabalho, são vistos como um meio de estimular comportamentos ligados à imaginação e desenvolver uma estética própria para a formação cívica dos jovens estudantes, funcionando ainda como um atrativo para as crianças desenvolverem suas habilidades, além de confeccionarem objetos úteis.

Haveria ainda uma ligação dos Trabalhos Manuais com o ensino do Desenho. Segundo consta, as disciplinas seriam aliadas inseparáveis e se completariam mutuamente, o desenho serviria como auxiliar e a partir de seu estudo o aluno:

(...) Copiará do natural, reproduzirá os productos de nossa exuberante natureza, as maravilhas de nossa flora e de nossa fauna, e, com estes elementos, tentará as primeiras composições decorativas. Do papel passarão estes ornatos para o barro (modelagem), do barro para a madeira (entalhe), para os estofos e para tantas outras applicações artísticas e industriaes. Ensinaremos assim o brasileirinho a trabalhar, a construir e a produzir pelas próprias mãos. Elle virá a amar os officios, as artes e as indústrias (ANUÁRIO DE ENSINO DO ESTADO DE SÃO PAULO, 1926, p. 278).

O fato é que a dita disciplina se apresenta muito interessante para a produção de coisas e produtos, no sentido de “artes decorativas”. Mas de forma alguma, o documento sustenta como será a composição dos objetos para a modelagem, de onde virá o barro, quem comprará

esses objetos para ensinar o “brasileirinho a trabalhar, a construir e a produzir pelas próprias mãos”.

A afinidade com as artes funcionaria como um “poderoso instrumento da educação” (REVISTA ESCOLAR, nº 22, 1926, p. 01), auxiliando na formação integral e, mesmo que no ensino primário seu objetivo principal não fosse o de criar profissionais, despertaria nas crianças vocações relacionadas ao trabalho em uma “eclosão brilhante de arte” (REVISTA ESCOLAR, nº 22, 1926, p. 01).

Ao analisar a documentação sobre Trabalhos Manuais, percebe-se que uma das principais afinidades com as linguagens artísticas encontradas na disciplina se relaciona ao ensino e utilização do desenho como meio de estudo e expressão. A Revista Escola Nova (1931) indica o desenho como um meio facilitador do trabalho a ser desenvolvido na disciplina de Trabalhos Manuais. Ao propor a sequência passo a passo que deveria ser seguida pelos professores para realização dos trabalhos em madeira, Aprígio Gonzaga<sup>7</sup> indica que:

O desenho é a linguagem da forma, de compreensão universal. Mas, quando os desenhos vêm acompanhados de plantas de construção, transformam-se então numa quase evidência, pois é somente necessário, digamos assim, armar, juntar as partes componentes, para que se tenha a explicação exacta, ou a leitura do desenho (REVISTA ESCOLA NOVA, 1931, nº1 e 2, p. 100).

Desse modo o desenho dentro de Trabalhos Manuais serviria como um modelo para ser estudado, um plano para ser discutido, um guia para a execução dos trabalhos pelos alunos, servindo como ferramenta de organização.

A utilização do desenho auxiliaria no aperfeiçoamento das habilidades consideradas necessárias para a criança desenvolver-se integralmente. Por meio da observação dos esquemas ilustrados, a criança realizaria as conexões necessárias na realização dos objetos propostos, desenvolvendo a habilidade de análise, investigação e planejamento que a levariam a escolher os materiais e ferramentas corretas para a execução do trabalho proposto, habilidades estas que seriam úteis em sua vida laboriosa. Segundo consta:

Dada a sua afinidade com o desenho, como este, faculta os meios de desenvolver a atenção, a reflexão, a memória e a imaginação, além de proporcionar às mãos e à vista as qualidades que os órgãos requerem. O senso estético também é solicitado e evolui ao influxo de tão útil disciplina. O TRABALHO MANUAL concorre, portanto, poderosamente para a

---

<sup>7</sup>Aprígio Gonzaga foi professor e um dos precursores da educação profissional no Estado de São Paulo, sendo fundador da ETEC Getúlio Vargas (escola técnica de ensino masculino) e da ETEC Carlos de Campos (escola técnica de ensino feminino). Pregava uma educação com cunho de modernidade, organizando Liceus de Artes e Ofícios em Amparo e Jacaré. Em São Paulo, defendeu o ensino do *Sloyd*, visando o desenvolvimento financeiro e profissional para os meninos, fazendo prosperar as cidades e desenvolver a indústria, propondo um sistema de ensino que “educaria pelo trabalho e para o trabalho na perspectiva de formar uma grande classe produtiva, e criar a consciência industrial na juventude paulista” (ASSUNÇÃO, 2017, p. 54).

educação integral na escola pública (REVISTA ESCOLAR, 1926, nº22, p. 01 – destaque original do texto).

Como se vê, dado o destaque ao “trabalho manual” no texto, parece haver ênfase, para que os leitores o levem a sério como disciplina escolar. Visto que essa seria tida como um meio de desenvolvimento da criatividade e da imaginação, que aliadas às técnicas artísticas, estimularia ao aluno o gosto pelo trabalho, fazendo com que a educação cumpra com sua função: a de estimular à realização de atividades que possam ser aproveitadas de maneira prática, em seu dia a dia, colaborando para o desenvolvimento da sociedade.

A construção dos objetos auxiliaria ainda no desenvolvimento de um censo comunitário, visto que o projeto deveria ser desenvolvido pelos alunos em grupo ou dupla, ficando “um menino de cada lado” (REVISTA ESCOLAR, nº 28, 1927, p. 55).

Tal fator nos mostra que a disciplina teria uma possível preocupação com a formação social dos estudantes. Além disso, ao verificar os discursos contidos nos documentos escolares, percebe-se uma relação posta entre arte, estética, imaginação, memória, manualidade e a preocupação com o desenvolvimento para o trabalho útil e para a economia, pois:

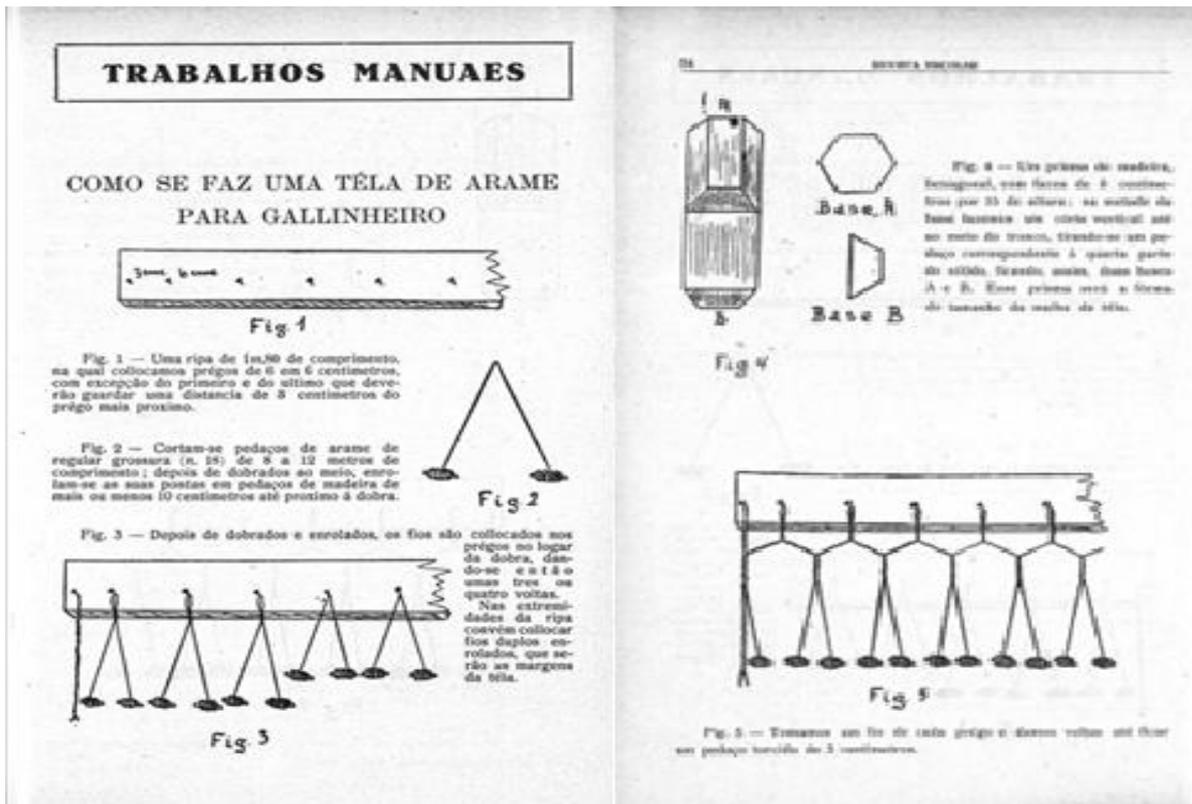
O aluno aprenderá a fazer coisas uteis e aproveitáveis, iniciar-se-a nas pequenas indústrias domésticas, habituando-se a não desperdiçar nada, a construir com as próprias mãos objetos de muito uso e de muita utilidade em sua casa, com esses rebotalhos na aparência imprestáveis. Não precisará comprar aquilo que souber fazer (...) amarás o trabalho, criará, produzirá, construirá sempre com maior perfeição, e ao contemplar a sua obra, sentir-se-á satisfeito consigo mesmo (ANUARIO DE ENSINO DO ESTADO DE SÃO PAULO, 1926, p. 276).

A **figura 3** é um exemplo de um dos trabalhos propostos para a disciplina de Trabalhos Manuais que representaria a utilidade dos objetos desenvolvidos na disciplina como forma de manutenção do espaço doméstico.

Podemos observar na imagem as orientações para a criação de uma tela de arame para galinheiro. As indicações mostram todo o material e medidas necessárias à construção do objeto, como também o procedimento à sua confecção, escrito e ilustrado, exemplificando como as formas geométricas deveriam ser utilizadas no passo a passo para a construção da obra com exatidão e perfeição.

A proposta da confecção do objeto é o de ser útil ao dia a dia dos estudantes, desse modo, compreende-se que essa aula seria um modelo para estudantes que habitassem as áreas rurais, e de cidades que mantinham criações.

Figura 3 - Imagem de um trabalho manual



Fonte: Revista Escolar nº 28, 1927, p. 53 – 54.

Outro ponto que podemos levantar ao observar a imagem é o fato de que a disciplina de Trabalhos Manuais teria uma relação direta com o ensino matemático (geometrizações e medidas), artístico (simetria e estudo dos desenhos) e estético (uso econômico, social e utilitário do objeto), servindo à formação integral dos estudantes.

Esse tipo de atividade também nos mostra quais são as tarefas domésticas que mais se identificam com os meninos, concedendo-lhes um rol de trabalhos que também lhes constituem como sujeitos ativos e praticantes de trabalhos “menos artísticos” e mais objetivos. Essas discussões sobre os trabalhos para homens e mulheres serão melhor apresentadas mais adiante.

Considerando as construções dos objetos de cunho prático e decorativo, realizados na disciplina, percebe-se que Trabalhos Manuais seria uma disciplina pautada em duas principais frentes: a orientação e a inculcação. Sendo orientadora para uma vocação, para um desejo, para uma aptidão artística, e inculcadora de hábitos, do gosto pelo trabalho e do espírito de progressão, ordem e moralidade, considerando que os conhecimentos implantados na infância teriam “sombras na velhice” (REVISTA ESCOLAR, nº 22, 1926, p. 11).

Durante os anos de 1930 verifica-se que a orientação para uma formação profissional é vista como uma base para a harmonia e o equilíbrio social, sendo a escola a chave para o desenvolvimento político e econômico.

Os discursos sobre a Escola Nova indicam ser uma das funções da escola a busca pelo desenvolvimento laboral da sociedade. Segundo consta em artigo escrito por Lourenço Filho<sup>8</sup>, então Diretor Geral do Ensino paulista:

A escola de nosso tempo precisa refletir as condições geraes da collectividade, concorrendo, por todos os meios ao seu alcance, para a harmonia e equilibrio sociaes. Ora o equilibrio da sociedade depende, hoje, sem dúvida, dos fatores economicos. A escola que só cuide de ensinar a ler e a escrever, em certos casos, como no das populações ruraes, é antes prejudicial que util a collectividade. (...) Escolla-Nova não será aquella escola que arremede processos, que substitua uma rotina velha pela rotina nova, mas aquella em que vibre, antes de tudo, um espírito novo de intenção social, de preocupação pelo destino da creança, tanto em relação á creança, como individuo, como em relação às necessidades e possibilidades economicas do meio em que ella deve viver. A questão da orientação profissional (...) focaliza a urgência em se crear esse espírito (REVISTA ESCOLA NOVA, 1931, nº 1 e 2, p. 04 - 05).

A prática para o trabalho na escola primária seria vista como uma medida de “salvação social” (REVISTA ESCOLA NOVA, 1931, nº1 e 2, p. 96), o Trabalho Manual teria um cunho vocacional, pois só haveria um caminho para a renovação social e esse seria “SABER USAR FERRAMENTAS” (REVISTA ESCOLA NOVA, 1931, nº 1 e 2, p. 95).

Trabalhos Manuais traria para o aluno uma aptidão técnica e auxiliaria na elevação da “consciência industrial” do povo brasileiro, além de desenvolver a “sã consciência de hygiene, sem largas aulas, sem mestres especialistas, sem formalismos” (REVISTA ESCOLA NOVA, nº 1 e 2, 1931, p. 102). O fato de os alunos saberem construir as coisas é visto como uma maneira de ordenar, formar, inculcar o hábito para a ordem, sendo essa “a primeira qualidade a formar no caráter das crianças, como deve ser, juntamente com a economia, a base do progresso da família e da sociedade” (REVISTA ESCOLA NOVA, nº 1 e 2, 1931, p. 102).

Verifica-se que os ideais de progresso e avanço da indústria estariam presentes na educação e o uso das ferramentas na disciplina de Trabalhos Manuais continua a ser visto como um meio de educação vocacional. Era ali, no ensino primário, que os alunos descobririam quais aptidões poderiam desenvolver e quais profissões poderiam seguir. Neste caso a vocação já estaria centrada na ideia de inclusão em carreiras. O objetivo da disciplina seria, segundo Aprígio Gonzaga (1931), o de:

---

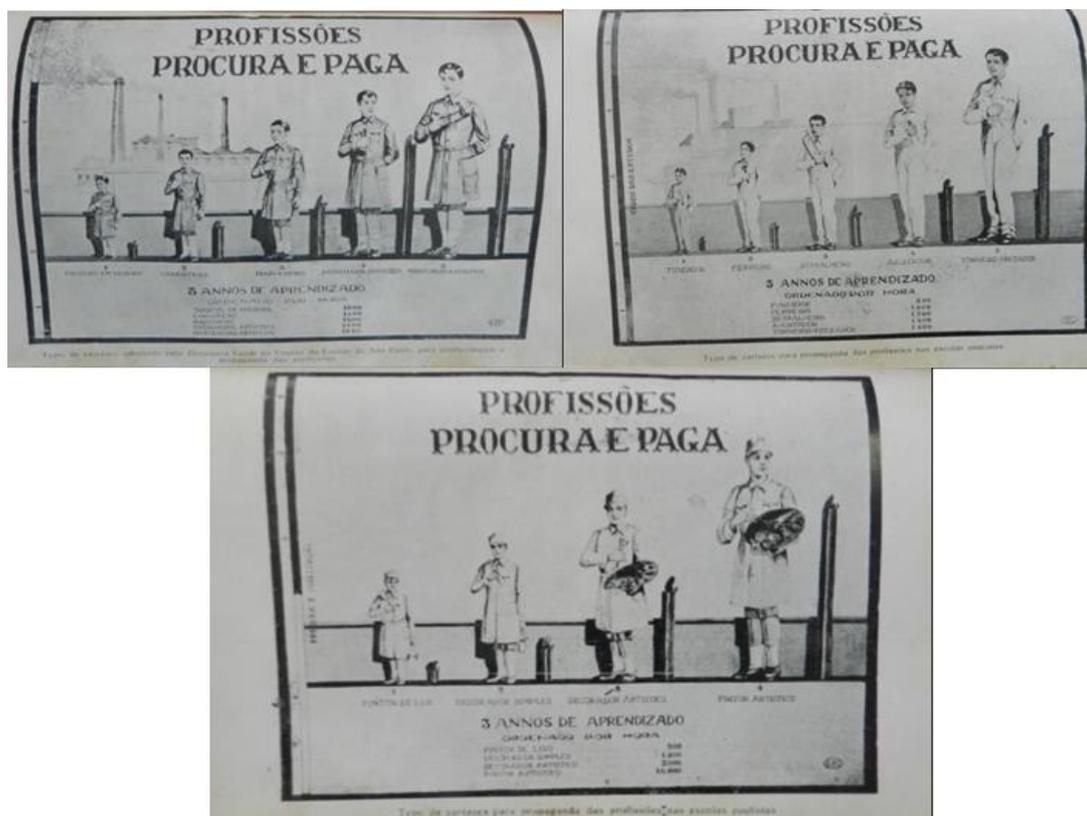
<sup>8</sup> Nascido no Interior de São Paulo Manuel Bergström Lourenço Filho foi um educador e pedagogo brasileiro, conhecido principalmente por integrar o movimento da Escola Nova. Lecionou na Escola Primária de São Paulo, fundou a Revista de Educação, foi Diretor da Instrução Pública em Fortaleza. Como Diretor da Instrução Pública de São Paulo, reorganizou o ensino e criou cursos de aperfeiçoamento para professores, exigindo que os mestres cursassem as disciplinas. Criador da Escola Normal de São Paulo, foi um dos autores do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, demonstrava-se preocupado com as questões didático-pedagógicas e defendia que ensinar é a arte de transmitir conhecimentos e técnicas, inculcando noções, valores e ideias, cabendo esse papel à escola. Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Louren%C3%A7o\\_Filho](https://pt.wikipedia.org/wiki/Louren%C3%A7o_Filho).

(...) infundir e espalhar hábitos de trabalho; formar uma consciência industrial no povo, para que cada jovem possa viver por si, com o trabalho de suas mãos, com o fruto dessa operosidade, pensando com o próprio cérebro, fazendo-se apto, enérgico, forte, cheio de iniciativa, patrão de si mesmo e amando a combatividade na luta pela vida. (...) O hábito do trabalho, o exercício de uma profissão manual, foi o caminho que seguiram e ainda seguem grandes povos e é premente dever das democracias: espalhar o trabalho manual vocacional desde a grande escola da cidade (...) até os vilarejos e os povos espalhados pelos rincões das serras, nos campos e lagamares do litoral (REVISTA ESCOLA NOVA, 1931, nº 1 e 2, p. 95).

Assim, o Trabalho Manual como orientação vocacional, daria aos estudantes os conhecimentos necessários para a utilização de ferramentas úteis ao desenvolvimento de habilidades e na escolha de uma futura profissão.

As imagens abaixo estão contidas nas páginas da Revista Escola Nova (1931) e trazem exemplos das profissões que poderiam ser seguidas pelos alunos após a aprendizagem do uso das ferramentas e serviriam como uma propaganda do ensino, sendo utilizadas nas escolas do Estado de São Paulo para dar ideia das carreiras que os meninos poderiam seguir e os valores que receberiam pelo trabalho realizado.

**Figura 4** - Cartazes utilizados para propaganda das profissões nas escolas paulistas



Fonte: Revista Escola Nova, 1931, p. 96 – 97.

Os cartazes trazem, além do nome da profissão, a indicação de quanto tempo seria necessário para a formação completa do estudante, dentro de determinada ocupação. Com um ano de estudo por exemplo, poderia o aluno ter o conhecimento para se tornar um “pintor de liso”, ganhando pelo serviço o montante de \$900, enquanto o “pintor artístico”, estaria habilitado com 4 anos de estudo, ganhando pelo seu serviço o valor de \$10.000. O mesmo acontece na apresentação de funções ligadas à serra e fundição e à trabalhos em madeira.

A escala de cada ofício é apresentada em uma linha evolutiva, onde para cada etapa de desenvolvimento o estudante é representado em um tamanho maior, o que nos faz compreender que a evolução profissional estaria ligada ao desenvolvimento do estudante e à sua especialização no uso das ferramentas.

Verifica-se que haveria uma tentativa de sistematização dos Trabalhos Manuais como meio de educação vocacional e profissional durante toda a formação dos estudantes. Segundo consta no artigo escrito por Aprígio Gonzaga (1931) os trabalhos manuais na disciplina seriam divididos da seguinte forma:

1. Para os jardins da infância e escolas maternas – Trabalhos em *Sloÿd* puramente educativo, sem finalidade profissional com aplicação utilitária. Essas atividades serviriam para tornar o trabalho um centro de interesse para as crianças desde a primeira infância, ensinando-a a “observar, deduzir, discernir e formar sua própria observação sobre as cousas e dellas tirar inferencias próprias” (REVISTA ESCOLA NOVA, 1931, nº 1 e 2, p. 103);
2. Para o 1º e 2º grau dos grupos escolares e escolas isoladas – aplicação do *Sloÿd* ainda sem finalidade profissional, mas sempre utilitária, considerando o desenvolvimento “intellectual dos alumnos”. Os alunos trabalhariam com atividades em papel, tecelagem, dobradura, redes, entre outros, sendo acrescentado ao ensino feminino os trabalhos de agulha. Os exercícios deveriam estar associados ao desenho e relacionados às demais disciplinas, servindo como um método pedagógico de ensino e fixação de conteúdos (REVISTA ESCOLA NOVA, 1931, nº 1 e 2, p. 103);
3. Para o 3º e 4º grau dos grupos escolares – os trabalhos mantêm-se ainda sem finalidade profissional, mas já ganhando cunho vocacional educativo para as classes masculinas. Aqui os meninos aprenderiam mais sobre as possibilidades de profissão a seguir, enquanto para as meninas os conteúdos seguiam voltados para a construção de roupas e acessórios “sempre que possível para as próprias alunas”, roupas para rapazes, crianças pequenas e bebês, roupas para o lar (REVISTA ESCOLA NOVA, 1931, nº

1 e 2, p. 106). Tais conteúdos relegariam a vocação das meninas ao lar (mesmo que nem todas tivessem essa “vocação” e aos meninos à vida pública;

4. Para os Grupos escolares que mantinham oficinas, ou escolas vocacionais sem muitos aparatos técnicos indicava-se a realização de trabalhos em madeira com finalidades práticas, sendo Trabalhos Manuais colocada como uma disciplina com ligeira finalidade profissional, visto que trabalharia com elementos de construção de objetos e móveis avulsos. Os desenhos também deveriam estar aliados ao planejamento e construção dos móveis. (REVISTA ESCOLA NOVA, 1931, nº 1 e 2, p. 106);

Por fim, Aprígio Gonzaga (1931) aponta que os trabalhos francamente profissionais e “ligeiramente industriais”, deveriam ser realizados nas Escolas Profissionais Monotechnicas e Profissionais Geraes (REVISTA ESCOLA NOVA, 1931, nº 1 e 2, p. 107). Desse modo, a disciplina ao longo da educação básica, prepararia o estudante para descobrir sua vocação e escolher uma profissão, dando continuidade em seus estudos futuros em uma escola técnica ou industrial, o que auxiliaria na formação e emancipação da classe trabalhadora no Brasil.

Podemos considerar que essa visão do Trabalho Manual como disciplina que se volta para a criação de uma vocação para o trabalho, estaria voltada aos ideais progressistas e capitalistas que se consolidavam no Brasil a partir dos anos de 1930. Contudo, Enquanto a legislação apontava para a sensibilização profissional e para obtenção de um ofício, estudiosos como Manuel Penna discordavam dessa visão de teor profissionalizante.

O pensamento do autor estava em consonância com os métodos da Pedagogia considerada moderna, principalmente com os ideais de Kerschensteiner e Decroly que viam os Trabalhos Manuais como um sistema *educativo-instrutivo*.

Para Manoel Penna (1934):

A maioria de nossa gente, por desconhecer a razão de ser desse já consagrado meio educativo (...), acha que, com a introdução de tal disciplina nas nossas escolas, estas ficam transformadas em verdadeiras oficinas de ensino profissional, onde as crianças, depois de poucos anos de curso, aprendem um ou mais ofícios, e saem com habilitação e capacidade para se estabelecerem e ganharem a vida cá fora, como verdadeiros profissionais. Isto, entretanto não sucedendo, por ser humanamente impossível e constituir mesmo um grande absurdo, a conclusão que se tira é forçosamente esta: os trabalhos manuais escolares não dão resultados... (PENNA, 1934, p. 09).

O autor ainda realiza uma crítica, dizendo que essa visão de que os Trabalhos Manuais não serviriam para nada caso não funcionasse para geração de um ofício, é uma afirmação tida erroneamente, não somente por “parte inculta da sociedade”, como também por pessoas instruídas e por alguns professores (PENNA, 1934, p. 09).

Penna aponta para o fato de que os Trabalhos Manuais, para terem efetiva função, deveriam ser vistos como um meio educativo e instrutivo, visando a destreza das mãos e a sua relação com a organização mental da criança, devendo o ensino profissional ser delegado à estabelecimentos propriamente construídos para isso (PENNA, 1934, p. 10).

Durante os anos de 1940, a ligação da disciplina com a Arte e a expressividade fica ainda mais evidente. O Programa Mínimo para o Ensino Primário de São Paulo, separa as matérias que devem ser estudadas em: Disciplinas de expressão, Iniciação Matemática e Noções Comuns, considerando o tipo de aprendizagem e “o mínimo de conhecimentos exigíveis dos estudantes no fim do ano escolar” (PROGRAMA DE ENSINO PARA AS ESCOLAS PRIMÁRIAS, 1941, p. 01). Aqui, a disciplina de Trabalhos Manuais aparece como uma disciplina de expressão, em conjunto com as disciplinas de: leitura, linguagem oral e escrita, desenho e música.

O programa traz ainda a indicação de que os professores deveriam dar preferência para a realização de trabalhos que utilizassem materiais encontrados facilmente pelos alunos na comunidade escolar e fossem desenvolvidos de forma “elementar, intuitiva, prática e interessante”, colocando como conteúdos a produção de objetos decorativos e utilitários (PROGRAMA DE ENSINO PARA AS ESCOLAS PRIMÁRIAS, 1941, p. 67).

Ao longo do tempo, percebe-se que há uma aproximação da disciplina de Trabalhos Manuais com as linguagens artísticas, no sentido de “artes decorativas” e como elemento intrínseco a um trabalho bem-feito, como resultado das destrezas treinadas, considerando o desenvolvimento da expressividade e das habilidades manuais dos alunos por meio da confecção de objetos. No entanto, a sua aproximação mais evidente se dá nos anos 1940 com a evidente ligação feita pelos documentos normativos. Vale lembrar que o Decreto Lei nº 8. 529 de 2 de janeiro de 1946 que dá a base para o ensino primário, articula o ensino primário às aprendizagens artesanais, industriais e agrícolas, buscando o desenvolvimento cultural e as aptidões dos alunos, cooperando para o aproveitamento “do bem-estar individual e coletivo” (BRASIL, 1946, art. 10).

Considerando essa aproximação com o mundo das artes, o próximo capítulo analisará as questões estéticas implicadas na disciplina de Trabalhos Manuais.

## CAPÍTULO 2 - ARTE E ESTÉTICA DOS TRABALHOS MANUAIS

*“A maior ou menor confiança que tenhamos em nós mesmos, provém da certeza de que somos capazes de realizar, com as nossas próprias mãos, alguma coisa bela” (Lemgruber).<sup>9</sup>*

Por meio dos estudos da estética é possível vislumbrar questões ligadas à outras esferas da sociedade. Pablo Pineau (2014) aponta que essas articulações (econômica, política, social, cultural, ideológica, religiosa, artística, tecnológica) servem para que a escola possa dar conta de si mesma, tornando-se um lugar de debate e produções de conhecimentos e hábitos (PINEAU, 2014, p. 09).

Todos os processos de construção social perpassam as aprendizagens escolares: cores, vestuários, hábitos de higiene, as disposições, os gestos, costumes aceitos ou não, as posições de gênero... Construções que podem ser sancionadas ou proibidas, de acordo com o modelo social aceito e imposto pelas instituições educacionais (PINEAU, 2014, p. 22).

Desse modo, para a análise proposta nesse capítulo, levaremos em conta o conceito abordado por Pablo Pineau, considerando a estética como um conjunto constitutivo e inseparável das experiências individuais e coletivas capaz de produzir sensibilidades, provocar um conjunto de emoções que são parte das formas como os sujeitos habitam e compreendem o mundo, ou seja, um sistema de operações que permite:

(...) convertir el “mundo sensorial” de los sujetos em determinadas sensibilidades mediante la sanción de juicios de valor. Para lograrlo, desarrolla un vocabulário de categorías específicas (bello/ feo, agradable/ desagradable; etc.) de clasificación sobre las sensaciones (...) la estética es un sistema de signos implícitos, latentes y contingentes. Opera mediante códigos inscriptos dentro de un entramado ideológico discursivo que muchas veces se vincula con valores categóricos como la ética, la civilización, la moral, la nación, el progreso, el orden, el Pueblo o la patria (PINEAU, 2014, p. 24).

Consideraremos a escola como um microcosmo da sociedade, onde encontramos códigos de moralidade, civilidade e civismo dominantes em determinadas épocas e lugares, servindo como uma “máquina estetizante”, uma ferramenta de produção e reprodução de costumes, práticas e valores massificados (PINEAU, 2014, p. 22).

Tendo em vista tais conceitos, compreendemos que a estética escolar possibilita a construção de experiências capazes de educar os sentidos e formar sensibilidades coletivas, e a

---

<sup>9</sup> Maria de Lourdes Moreira Lemgruber foi professora do Instituto de Educação do Distrito Federal (1956) autora do livro *Compêndio de Trabalhos Manuais*, livro contendo a matéria dos programas de ensino dos cursos primário, secundário e normal.

construção de gostos e valores específicos, códigos e sistemas transmissíveis, que moldam os corpos e os hábitos dos sujeitos para habitarem o mundo de acordo com uma tradição, normas, regras e práticas organizadas (PINEAU, 2014, p. 28).

Vemos que a ideia de estética na escola ou pela escola é abrangente, por se tratar de um elemento que perpassa pelo espaço, pelas edificações, pelos comportamentos e valores que são apresentados como delimitadores do belo e do feio, formas de condução do que se deve ver e como deve ser vista a realidade. No caso desta pesquisa, partimos desse pressuposto de que as disciplinas são produtoras de estéticas, para neste capítulo analisar os conteúdos e práticas da disciplina de Trabalhos Manuais entre os anos de 1925 e 1969, visando compreender quais eram os trabalhos manuais vistos como saberes escolarizados e os valores estéticos que se destacam como fator de ensino.

Utilizando como principais fontes os livros didáticos, compêndios e cadernos de alunos, analisa-se a relação entre a arte e a estética na disciplina bem como os ideais de formação e as posições de identidade de gênero contidas em suas práticas, com o intuito de perceber qual o ideal de formação do lugar do feminino e do masculino no período estudado e como essas posições são anunciadas dentro da educação.

### **Trabalhos manuais como saberes escolarizados: o que fazer e não fazer (ou o belo e o feio)**

*“Nada contribui mais para a ordem e para a economia, que ter cada coisa em seu lugar”.*  
Fenelon

Os trabalhos manuais entram na educação como uma maneira de produzir algo de utilidade e que isso faça parte da formação dos estudantes, pensando-o como ser de formação “integral”. A educação seria um meio de promoção de ideais e sentimentos republicanos à população, apontados como necessários para a própria existência de uma nacionalidade. Para tanto, seria preciso que o hábito do trabalho, em cooperação e de maneira disciplinada fosse exaltado.

A Educação deveria trazer ao aluno a vontade e o amor pelo trabalho, exacerbando um espírito nacionalista em busca de uma comunhão social, com o intuito de se criar uma unidade nacional por meio da cultura literária, cívica e moral (REVISTA EDUCAÇÃO, 1928, p. 262).

Desse modo, o ensino primário teria um caráter acentuadamente nacionalista e com uma relação intrínseca ao mundo do trabalho e os Trabalhos Manuais serviriam para estimular o

desenvolvimento manual, com a realização de atividades que exercitassem o poder de criação, a investigação do aluno, tendo como principal foco a iniciação profissional do estudante.

Ao verificar os Programas de Ensino de 1941 (o mesmo desde 1925), 1946 e 1950, é possível perceber que os conteúdos compreendidos em Trabalhos Manuais como meio de educação compreendem uma infinidade de atividades que desenvolvem a capacidade manual, a observação e o aproveitamento de materiais.

Essas atividades laborais seguiam em seus procedimentos os princípios defendidos por Kerschensteiner de que a escola elementar deveria oportunizar o trabalho prático, com a utilização de espaços de oficinas, jardins, cozinhas, salas de costura e laboratórios, que auxiliariam às crianças na aprendizagem de habilidades que levariam ao desenvolvimento sistemático dos instintos próprios das atividades manuais. As tarefas seriam, portanto, realizadas “cuidadosamente, com honradez e escrúpulo” (LEMGRUBER, 1956, p. 10).

Ainda que haja uma cobrança feita às crianças, vemos que a contrapartida dessa oferta não eram proporcionais em relação aos espaços, materiais e oportunidades oferecidas para que pudessem desenvolver as técnicas de maneira contundente, visto que o próprio Programa de Ensino de 1950 aponta como problemática a falta de local, ferramentas e recursos para as aulas (ATO nº 65, 1950, p. 21).

Acreditava-se que aprender a se desenvolver por meio do ensino manual seria de extrema importância ao jovem aprendiz, pois a criança poderia ter que lutar “pela necessidade de ganhar a vida”. A disciplina colocaria o Brasil um passo mais à frente no mundo moderno e ativo, ao estimular a ação e a capacidade de iniciativa das crianças (LEMGRUBER, 1956, p. 10). Afinal, se a educação não fosse integral, que futuro teriam os próximos trabalhadores da nação?

Fato é que, para além do aspecto utilitário, os trabalhos manuais como saberes escolarizados, no Brasil, entre os anos de 1925 e 1960 teve um aspecto artístico e educativo, como aponta Lemgruber (1956):

Não se pode esquecer também que a feição utilitária e prática do trabalho manual não deve prejudicar seu aspecto artístico, a estética, mas ambos devem correr paralelamente (LEMGRUBER, 1956, p. 14).

A criação dos objetos seguiria um planejamento detalhado e para cada material ou atividade utilizada, haveria um objetivo específico a ser desenvolvido, bem como uma postura corporal a se adotar (PROGRAMA DE TRABALHOS MANUAIS DAS ESCOLAS PIMÁRIAS PÚBLICAS DO DISTRITO FEDERAL, 1944 *apud* SANTOS, 1962, p. 228).

Para isso, os alunos deveriam planejar qual objeto mais adequado para se construir e, caberia ao professor auxiliar aos estudantes no desenvolvimento de um bom plano de trabalho.

O plano de aula deveria levar em consideração os seguintes itens: a finalidade do objeto a se executar, o desenho (projeto e decoração), a matéria prima necessária, ferramentas e seu uso correto, acabamento do trabalho e conter um relatório indicando os passos da execução (LEMGRUBER, 1956, p. 18).

Aos professores de Trabalhos Manuais caberia estar sempre atentos, não tendo seu foco apenas na construção de objetos, mas compreendendo que a disciplina funcionaria como um importante recurso de aprendizagem dos estudantes, uma vez que as atividades propostas além de colaborar para o desenvolvimento da atenção dirigida, auxiliaria no despertar do gosto para o estudo de outras disciplinas, na medida em que os alunos trabalhariam de maneira prática os conteúdos aprendidos em outros momentos (KUSSÁ, 1948, p. 13 - 15).

Os materiais deveriam ser diversificados, considerando a construção e representação de conceitos por meio do conhecimento de insumos distintos. A confecção dos objetos serviria para, a partir do trabalho manual, disciplinar os movimentos, as mãos e o olhar, despertar o gosto estético, educar para a paciência e para a atenção, fixar conhecimentos adquiridos e desenvolver o cérebro (KUSSÁ, 1948, p. 14).

O quadro abaixo apresenta as propostas de técnicas, conteúdos e objetos desenvolvidos na disciplina de Trabalhos Manuais em diferentes séries do Ensino Primário. Considerando a diversidade de materiais e visando compreender a relação estética da disciplina, realizaremos uma análise comparando as propostas e orientações contidas nos Programas de Ensino de São Paulo de 1941 (o mesmo de 1925) e 1950.

**Quadro 1** - Quadro comparativo dos conteúdos da disciplina de Trabalhos Manuais (1941 e 1950)

<b>Programa do Ensino Primário - 1941</b>				
<b>Série</b>	<b>Técnicas</b>	<b>Conteúdos/ objetos</b>	<b>Materiais e ferramentas Utilizados</b>	<b>Orientações/ objetivos</b>
1º ano	Recorte Tecelagem Dobradura Modelagem de Trabalhos de agulha (apenas para o ensino feminino)	Formação de arranjos decorativos; objetos úteis e brinquedos	Papel, serpentina, junco, rafia, papel cartão, barro, plastilina, agulha de osso, fios grossos, barbante, lã	Exercícios voltados para a realização de objetos simples e úteis, tais como barquinhos e chapéus; Modelagem de frutas, flores, folhas, sólidos geométricos; Execução de cintos, golas e outros objetos úteis ao lar (para meninas);

				Todas as criações deveriam ser realizadas pensando na articulação com as demais disciplinas do conhecimento
2º ano	Cartonagem Tecelagem Modelagem Jardinagem Trabalhos de agulha (apenas para o ensino feminino)	Estudo das cores e formas e suas combinações; alinhavo de motivos como animais, flores, plantas; trançados; tecelagem aplicada a confecção de objetos úteis; cultivo de plantas; modelagem de sólidos geométricos; remendos e crochê (apenas para as meninas)	Papel, cartão, contos, cordas, tecidos, vime, palha, plantas	Criação de obras que possam auxiliar no entendimento de outras disciplinas; Criação de objetos úteis e usuais semelhantes as formas geométricas; Cultivo de plantas em vasos ou canteiros; Concerto de roupas e remendos (apenas para as meninas)
3º ano	Cartonagem Tecelagem Cestaria Modelagem Jardinagem Trabalhos de Agulha (apenas para o ensino feminino)	Execução de trabalhos úteis para a vida	Tecidos, papel, palha, taquara, vime, arame, barbante, filé, barro, cerâmica, lãs e linhas	Execução de trabalhos em aplicação diversas, utilitários e usuais; Para o ensino feminino acrescenta-se reparos de vestuários e a confecção de peças de vestuário e adornos para casa, aplicações de desenhos realizados pela própria aluna e tricô
4º ano	Cartonagem Pequenos trabalhos em arame Trabalhos de arame e madeira Modelagem Sloyd em papel cartão e madeira Trabalhos de Agulha (apenas para o ensino feminino)	Execução de objetos úteis; desenvolvimento de sólidos geométricos, aplicações de costura em peças usuais (para o ensino feminino)	Vime, arame, junco, madeiras moles, papeis e tecidos, linhas e lãs	Criação de brinquedos; Cantoneiras em madeira; Desenvolvimento de sólidos geométricos; Exercícios de modelagem; Jardinagem (onde for possível a introdução à sericultura e apicultura). Para o ensino feminino: estudo de diversos pontos e aplicação em pequenas peças como: lenços, toalhinhas, babadouros, aventais, roupinhas para bonecas; Tricô e suas aplicações em peças usuais
<b>Programa do Ensino Primário 1950</b>				
<b>Série</b>	<b>Técnicas</b>	<b>Conteúdos/ objetos</b>	<b>Materiais e ferramentas Utilizados</b>	<b>Orientações/ objetivos</b>

1º ano	Recorte Dobradura Tecelagem Modelagem Trabalhos de agulha e Crochê (recomendado ao ensino feminino)	Recorte de diversas figuras; criação de objetos em dobradura de acordo com o “desembaraço” da criança; tecelagem em papel; modelagem de motivos estudados em outras disciplinas; trabalhos de curta execução	Papeis, papel de bala, bandeirolas, agulha de varinha de bambu, linhas grossas, fios diversos, tabuleiro de areia, argila, massa plástica, cera, plastilina, massa de pão, conchas, palha, penas, caixas de fósforo, papelão, carretéis	Os trabalhos devem ser realizados de acordo com a capacidade da criança, aproveitando produtos da região da escola e coisas “sem serventia em casa da criança”, construindo objetos úteis como brinquedos, saquinhos para lanche, estojos e outros objetos de utilidade visando desenvolver a iniciativa, o hábito de trabalho, ordem e asseio, adestrar as mãos exercitando-as em técnicas simples
2º ano	Recorte Dobradura Tecelagem Modelagem Cartonagem Trabalhos de agulha, Crochê e tricô (recomendado ao ensino feminino)	Confeção de pastas, envelopes, bicos de prateleiras, dobradura de letras, sólidos geométricos; confecção de objetos úteis: caixas, marcadores de livros, jogos, quadros de cenas, bonecas; modelagem de quadros que auxiliem no estudo de outras disciplinas (ciências, geometria, geografia...); confecção de tapetes, franjas, colares e pulseiras; construção de brinquedos e ornamentos; para o ensino feminino: Ponto cruz, bainhas, centro de mesas, toalhinhas, guardanapos, toalhas de copa	Papel, papelão, plásticos, fitas, embrulhos, cartolinas, cera, massa plástica, argila, feltro, contas, fios grossos, talagarça, algodão, pano, linha, torçal, serragem	A escolha das cores nos trabalhos deve ser feita de maneira “harmoniosa e delicada”; Aproveitamento dos produtos da região e de coisas consideradas inúteis na casa da criança; Os trabalhos em tricô podem ser realizados pelas crianças para outro ente da família; Aperfeiçoar as habilidades do primeiro ano, desenvolver a imaginação criadora, o gosto artístico, firmar os hábitos de trabalho, ordem, asseio e economia
3º ano	Recorte Cartonagem Modelagem Tecelagem e trançagem Trabalhos em madeira (recomendado ao ensino masculino) Trabalhos de agulha, crochê,	Construção de objetos usuais e utilitários de acordo com um planejamento	Revistas, jornais, oleado, feltro, caixas, cestas, cera, massa plástica, argila, vidrinhos, palha, folhas, papel, barbantes, metais, contas, caixas de giz, caixotes, tabuas, latinhas, varinhas, vegetais e frutas	As confecções dos objetos devem se relacionar às outras disciplinas e/ou à Economia Doméstica; Os hábitos de asseio, saúde, higiene e limpeza são ressaltados nas aulas de economia doméstica e no momento de confecção dos objetos;

	<p>tricô, macramé e Economia doméstica (Recomendado ao ensino feminino)</p>			<p>Desenvolver a capacidade construtiva, o espírito criador e o gosto artístico, a iniciativa e a perseverança, assegurar os hábitos de ordem, asseio e economia; Dominar técnicas mais complexas; “Por meio de observações simples e atraentes, o professor deverá salientar o valor social e econômico do trabalho manual”</p>
4º ano	<p>Recorte Cartonagem Modelagem Tecelagem e trançagem Trabalhos de madeira Trabalhos de Agulha, tricô, Filé, Crochê, Economia Doméstica (Recomendado ao ensino feminino)</p>	<p>Criação de álbuns e cartazes sobre temas de comemoração nacional (desenvolvimento do nacionalismo); ilustrações de programa de festas; vasos decorativos; jogos; cestas, caixas, ventarolas, porta-retratos, cantoneiras, porta jornais, bolsas, brinquedos, peneiras, abanadores, assentos de cadeira, toalhas, cortinas, redes, chinelos, quadros em relevo, barcos de madeira, descansos de prato, tábua para carne, raquetes de pingue pongue, ratoeira, faquinha para cortar papel, palheta para trabalhos de modelagem, aparelhos para experiência (recomendados nos programas de ciência), alças, remendos, fronhas, toalhas, golas e punhos para vestidos, colcha de retalho, carimbos, peças de roupa</p>	<p>Papel, revistas, jornais, verniz cristal (para finalizar os trabalhos em papel), tintas, escovas, pinceis, cartolina, massa plástica, cera, argila, massa de jornal (papel marche), junco, vime, bambu, piaçaba, palha de milho, fitas de madeira, cordas, barbantes e outras linhas grossas (para trançagem), feltro, couro, arame, contas, serrinha de arco, formão, goíva, broca, martelo, lima, lixa, madeiras moles, cortiça, madeiras resistentes, tecidos, algodão, linho, argolas</p>	<p>Visar os benefícios que a construção dos objetos poderá proporcionar à criança; fazer com que a criança participe de todo o processo com planejamento e com a máxima perfeição possível; comentar todos os bons resultados, incentivando a iniciativa, a perseverança e o gosto artístico; Incutir na criança o ideal de que trabalho e progresso (do indivíduo e da sociedade) estão intimamente ligados</p>
5º ano	<p>Recorte Cartonagem Modelagem</p>	<p>Álbuns, cartazes e programas; encadernações,</p>	<p>Papel, cartolinas, papelão, rafia,</p>	<p>Aproveitar todos os momentos da aula para formar nos alunos o</p>

<p>Tecelagem e trançagem de madeira (recomendado ao ensino masculino)</p> <p>Trabalhos de agulha, tricô, file, educação doméstica (recomendado ao ensino feminino)</p>	<p>construção de sólidos, caixas, cestas, tapetes e capachos, mobílias para casas de boneca; aparelhos para experiências, caixas, cofres de maneira, brinquedos, jogos, aeromodelos; peças de enxoval, lenços, toalhas, blusas, cobertas; outros trabalhos que julgarem oportunos</p>	<p>fibras, palhas, barbantes e fios grossos, madeiras, arame, tecidos diversos, couro, outros materiais que achar necessário</p>	<p>hábito da economia, a confecção dos trabalhos é colocada como uma condição de “bem-estar e progresso”</p>
--	---	--	--

Fonte: Programa Mínimo para o Ensino Primário de São Paulo (1941) e Programa para o Ensino Primário Fundamental de São Paulo (1950). Organização: Carina Gotardelo

Ao analisar os conteúdos apresentados no quadro acima verificamos que as técnicas utilizadas sofrem pouca variação, sendo divididas em: Trabalhos em madeira (também chamada de xilotomia ou carpintaria); trabalhos em metal (metaloplastia); modelagem; cartonagem; Tecelagem (que se ligava também à tapeçaria, trançagem e certaria); jardinagem (em alguns casos) e trabalhos de agulha (sempre voltado para o ensino feminino, afinal, as juvenzinhas precisavam ter as mãos educadas para serem boas mães e esposas).

O Programa de Ensino de 1950 indica a possibilidade de desenvolvimento de outros tipos de trabalhos (como em couro, por exemplo), considerando as necessidades locais ou a necessidade de aprendizagem e, apesar das técnicas apresentadas pelos programas permanecerem basicamente as mesmas, percebe-se uma ampliação no Programa de 1950, ao se considerar os tipos de objetos propostos para confecção.

Ambos os Programas mostram a preocupação com a questão da utilidade dos objetos produzidos e do acabamento, contudo, o Programa de 1950 relaciona o hábito artístico e o “bom gosto” diretamente aos objetivos da disciplina de Trabalhos Manuais, além de dar grande importância à questão de economia e aproveitamento dos materiais.

O tipo de material utilizado diversificava-se de acordo com o tipo de objeto a ser desenvolvido, a idade, gênero e a capacidade dos estudantes que deveriam realizar um planejamento para que não houvesse desperdício desses materiais. Os alunos durante as aulas deveriam expandir:

(...) o instinto imitativo ou inventivo, guiando-as dentro da finalidade de suas ocupações, ocasião em que o professor tira todo partido possível, no sentido de ampliar os ensinamentos, com perfeição e economia (KUSSÁ, 1948, p. 27).

Essa diversidade nos materiais auxiliaria a evitar o enfado dos estudantes pela disciplina, além de ser uma ferramenta para estudar conteúdos ligados a outras matérias do currículo. Enquanto criavam objetos, os alunos compreenderiam a origem dos materiais, suas características físicas, históricas, suas utilidades práticas, desenvolveriam estudos nas áreas de geografia, história, ciências naturais, matemática e outras áreas de conhecimento a qual o professor pudesse relacionar o trabalho, além de ampliarem os conhecimentos do mundo e do local em que vivem. Ao encontrar serventia às matérias primas estudariam a noção básica de economia, habilidade necessária para que pudessem atuar como trabalhadores e se desenvolverem socialmente.

Verificamos pela análise do quadro que há uma modificação nos tipos de materiais utilizados na disciplina ao longo dos anos. Enquanto no programa de 1941 há a aplicação de matérias primas como fios, lãs, ossos e/ou produtos encontrados na natureza (como palha e plantas), o programa de 1950 traz sugestões mais amplas de materiais, considerando além dos comumente utilizados, outros produtos industrializados, como vidros, plásticos e metais, ampliando a gama de atividades que podem ser desenvolvidas em sala de aula.

A diversidade de materiais pressupõe uma amplitude das técnicas, visto que para o manuseio de cada um deles é necessária determinada habilidade, desse modo, quanto maior a gama de possibilidades, maior o grau de habilidade manual empreendida na construção dos objetos.

Outro ponto que nos chama a atenção são os objetivos e orientações para o ensino dos Trabalhos Manuais. Verifica-se que enquanto no documento de 1941 fica evidente maior preocupação com a utilidade dos objetos e o diálogo de Trabalhos Manuais com as outras disciplinas, no documento de 1950, além das questões de articulação e utilidade, ressalta-se o aperfeiçoamento de habilidades dos estudantes, bem como o bem-estar pessoal que aparece diretamente ligado ao progresso e à economia.

O Programa de 1950 indica que a disciplina serviria para que as crianças compreendessem que “o trabalho, seja qual for, mesmo o mais modesto, feito com dignidade, enobrece o homem” (PROGRAMA DO ENSINO PRIMÁRIO DO ESTADO DE SÃO PAULO, 1950, p. 47).

Seguindo a mesma linha de pensamento que considera o bem-estar pessoal e social dos estudantes, Lemgruber (1956) aponta que os trabalhos manuais poderiam expandir as tendências artísticas que possibilitariam aos estudantes “educar o gosto, aperfeiçoar a técnica, tornando-os capazes de criações posteriores” (LEMGRUBER, 1956, p. 07) o que, teoricamente,

serviria como base para o desenvolvimento de uma sensibilidade para o trabalho e para a cidadania, tal qual aponta a autora ao dizer que:

A educação moderna, educação para a vida, não pode dispensar a prática do trabalho manual. O uso das mãos torna o espírito leve e descansa o cérebro, concorrendo extraordinariamente para o bem-estar pessoal (...) A vida prática exige o aprendizado do trabalho manual. A introdução desse ensino nas escolas, deu à educação a integridade que lhe faltava, pois ela deve exercitar e desenvolver tôdas as fôrças psicofísicas do indivíduo harmonizando-o com o meio em que vive (LEMGRUBER, 1956, p. 09 - 10).

Comparando o discurso da autora e o contido no Programa de 1950 percebemos que se fazia uma ligação direta entre bem-estar pessoal e trabalho, ressaltando as ideologias ligadas aos princípios capitalistas e dialogando com os ideários nacional-desenvolvimentistas do governo de Getúlio Vargas<sup>10</sup>.

Havia ainda a defesa de que ao concentrar seus esforços na realização de algo, os estudantes se sentiriam capazes, desenvolvendo-se física e mentalmente, e que ao realizar uma obra bem-feita eles seriam estimulados, o que traria uma sensação de contentamento, fazendo com que a criança adquira maior confiança em si mesma e, por conseguinte, caminhasse para a realização pessoal e social (LEMGRUBER, 1956, p. 09) e (PROGRAMA DO ENSINO PRIMÁRIO DO ESTADO DE SÃO PAULO, 1950, p. 47).

Apesar das diferenças entre os programas, um fator que não se modifica no ensino das manualidades é a questão da utilidade dos objetos, algo que é discutido e apontado como essencial durante toda a permanência da disciplina no currículo.

A imagem abaixo mostra um exemplo do tipo de objetos confeccionados na disciplina de Trabalhos Manuais. Ao analisá-la à luz dos conteúdos apresentados nos Programas de Ensino é possível compreender melhor como as questões estéticas estavam envolvidas no ensino das manualidades:

---

<sup>10</sup> O Projeto Nacional-desenvolvimentista visava modernizar a sociedade brasileira por meio da industrialização e da incorporação de progressos técnicos e da educação/ civilização da população brasileira, visando ultrapassar a situação de subdesenvolvimento do país. Para isso, propõe-se uma série de reformas básicas nos setores agrários, fiscais, bancários, urbanos, tributários, administrativos e universitários. Fonte: <http://memorialdademocracia.com.br/card/nacional-desenvolvimentismo> acesso em 23 de fev. de 2023

**Figura 5** - Trabalhos Manuais. Exposição de Trabalhos realizados no Grupo Escolar de Uberaba, 1916



Fonte: Acervo Arquivo Mineiro – SI – 201 (08).

Vemos apresentados na imagem alguns objetos produzidos na disciplina de Trabalhos Manuais no ano de 1916, no Grupo Escolar de Uberaba (MG) e é um exemplo dos tipos de objetos que poderiam ser construídos nas aulas. Ainda que seja feito em outro estado, vale-se pela possibilidade de comparação.

Por meio da imagem é possível evidenciar questões que permaneceram intactas no ensino das manualidades ao longo de sua vigência nos currículos brasileiros. A imagem nos mostra uma variedade de trabalhos com cunho utilitário. Bolsas, caixas, bules e espanadores, objetos ligados diretamente à vida escolar e/ou doméstica. O que corrobora a afirmação dos programas de que os trabalhos deveriam ter uma utilidade para os estudantes.

Comparando a imagem com os conteúdos contidos nos Programas de Ensino e evidenciadas no quadro 1, verifica-se que os alunos seguiriam receitas técnicas específicas para a realização dos trabalhos.

As bolsas, aparentemente feitas de couro, seguem um padrão em sua execução, possuindo formatos, tamanhos e acabamentos semelhantes. A maneira como são construídas, sem considerar possíveis alterações na decoração ou modelo, quase faz lembrar uma produção industrial. São lisas, com desenho limpo, sem adereços, com formato prático.

O mesmo ocorre com os espanadores, apesar de haver certa diferença no tamanho por conta da matéria prima utilizada, seguem uma forma que nos leva a crer que foram construídos seguindo uma mesma receita.

Tal fator nos mostra que, apesar do discurso da individualidade e da capacidade inventiva dos alunos, os objetos também eram construídos a partir de fórmulas e projetos prontos, muito embora não se possa definir pela foto, se isso é trabalho coletivo ou de apenas uma pessoa.

É possível também observar que realmente havia uma variedade de matérias primas utilizadas na confecção dos objetos, na imagem notamos a utilização de penas diversas, madeiras, fios, tecidos, papéis, palhas, ráfias, fitas e metais.

Parece haver ainda um cuidado na exposição dos objetos, que se encontram agrupados de maneira harmônica, tendo em conta questões como: cor, tamanho, material e utilização, compondo um espaço de vitrine de exibição. E apesar do olhar ser direcionado ao alto, para os objetos que se repetem, àqueles que possuem uma única peça são postos em local de destaque, no centro da exposição.

Observamos também uma divisão na apresentação de objetos domésticos, como bules, caixas e espanadores e as bolsas, que poderiam ser utilizadas para sair e exibir. A colocação dos objetos no espaço de acordo com o tipo de utilidade pode denotar uma preocupação estética na representação da vida pública (bolsas) e privada (espanadores e objetos de cozinha).

Todos os trabalhos produzidos parecem possuir um acabamento pensado e um grau de capricho e limpeza em sua execução, pois, não é possível ver manchas ou imperfeições na fotografia. Desse modo, podemos concluir, ao menos neste caso, que o cuidado com a composição e a busca pela perfeição estaria presente não apenas na confecção dos objetos, mas também na maneira como seriam apresentados ao público, evidenciando a existência de uma noção de estética (belo/feio) na disciplina.

Esse ideal estético se faz presente nos objetivos da disciplina que coloca o gosto pelo belo, a arte de criar, a higiene dos trabalhos e o cuidado com as ferramentas, como pontos importantes a se considerar ao aplicar os conteúdos. Kussá<sup>11</sup> (1948) fala sobre a importância de se repetir aos alunos a maneira correta de utilizar as ferramentas. Segundo a autora:

Não é demais repetir que os alunos devem ter sempre as ferramentas conservadas e aparelhadas, prontas para as utilizar, recolocando-as nos respectivos lugares em boas condições por questão de ordem depois de concluída a tarefa. Também a sala sempre limpa e organizada demonstra

---

<sup>11</sup> Professora licenciada pela Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, organizou diversos compêndios sobre Trabalhos Manuais, destinado ao ensino primário, considerando o programa oficial.

asseio, capricho, método, bom gosto, fatores que muito influem na execução do trabalho (KUSSÁ, 1948, p. 82).

Desse modo, Trabalhos Manuais traria em sua concepção uma noção de organização, asseio, economia, perfeição, exatidão e bom gosto expressado nos cuidados com os materiais e objetos.

O cuidado perpetrado na confecção dos trabalhos propõe um ideal de beleza, ligado à limpeza, à perfeição, à utilidade e à economia dos materiais. O equilíbrio das formas geométricas e das cores, criando harmonia trariam uma noção do que seria considerado belo e passível de admiração.

Mas como se definem os ideais de beleza e como compreender qual seria o destino dos objetos considerados fora do padrão? Como definir o que seria considerado feio de acordo com os princípios estéticos defendidos na disciplina?

Consideraremos para a análise dessa questão algumas reflexões trazidas na *Enciclopédia* por Diderot (2015) ao analisar o belo e por Umberto Eco (2007) na obra *História da Feiura*.

Diderot (2015) nos traz a concepção de que o belo exprimiria a “verdade do objeto”, estando ligado à sua “regularidade na execução”, trazendo uma delicadeza que geraria a sensação de agradabilidade. Já Umberto Eco (2007) nos aponta que:

O feio é relativo aos tempos e às culturas, o inaceitável de ontem pode ser o bem aceito de amanhã e o que é percebido como feio pode contribuir, em um contexto adequado, para a beleza do conjunto (ECO, 2007, p. 421).

Desse modo, podemos compreender que as atribuições de beleza e feiura, sendo definidos em referência a um modelo específico de regularidade, dependem da educação dos sentidos, sendo definidas por critérios sociais, políticos, históricos.

Para que possamos entender, portanto, o que seria considerado feio ou inadequado dentro de Trabalhos Manuais, devemos considerar suas propostas pedagógicas, que nos dão um vislumbre quanto ao ideal de aprendizagem e padrão de valoração do que deve ser apresentado, como formas adequadas e inadequadas de apresentação e exposição.

Ao analisar os Programas de Ensino dentro do período recortado, verificamos que os objetivos da disciplina não sofrem grandes alterações. Apresentamos abaixo as principais finalidades do “ensino das manualidades”, encontradas nos programas e manuais, com o intuito de compreender como as noções estéticas do belo-feio, perfeito-imperfeito, ideal-escandaloso, se apresentavam na confecção dos objetos, ou seja, o que seria aceitável e inaceitável para a disciplina?

Os objetivos foram comparados, agrupados de acordo com as semelhanças, considerando as repetições encontradas nos documentos. Ao realizar esse agrupamento, verificamos que os temas se repetiam, tendo como ponto alto quatro motes: trabalho, arte e estética, bem-estar e economia. Apresentamos abaixo, listados em tópicos as propostas de Trabalhos Manuais, considerando a análise do que seria visto como boa ou má estética dentro do ensino da disciplina:

1. Trabalho - Formar na criança o hábito de trabalho e desenvolver-lhe a iniciativa: Dentro desse objetivo a disciplina apresenta a formação de hábitos relacionados ao desenvolvimento de um cidadão trabalhador, auxiliando no conhecimento e na escolha de uma profissão futura, ensinando a criança a exercer essa profissão com dignidade. Solidariedade, cordialidade, subordinação social, ordem, precisão, segurança na execução do trabalho, asseio, disciplina e economia são itens que aparecem nos documentos analisados ao realizar a descrição do que seria necessário para a formação dos indivíduos. A disciplina deveria “infundir a alegria pelo trabalho, despertando o entusiasmo e transformando o mero espectador em hábil executor” (LEMGRUBER, 1956, p. 16). Desse modo, a escola estaria preparando os jovens para a vida futura, ensinando de maneira ampla e formando os estudantes para que estivessem prontos para a vida adulta de maneira prática, “predispondo-os para o bem, para a virtude, para os deveres sociais” (LEMGRUBER, 1956, p. 15). Portanto, compreende-se que a boa iniciativa estaria ligada à obediência das normas e das regras impostas e que os hábitos ligados ao trabalho serviriam como uma base de controle social e político, o que condiz com as políticas desenvolvimentistas dos anos de 1930, 1940 e 1950. Por conseguinte, podemos concluir que o ócio e a falta de gosto pelo trabalho seriam desvios do caráter desejado. Indivíduos com essas características poderiam ser vistos como desvirtuados por não cumprirem seus “deveres sociais” ou não apresentarem a virtude desejada para a época, logo, poderiam ser considerados como maus;

2. Arte e Estética - Desenvolver a imaginação criadora, o espírito construtivo e o gosto artístico na construção de objetos úteis e belos, compreendendo o trabalho manual como um meio de expressão concreta, com utilidade prática e como fonte de prazer: Verificamos aqui mais uma maneira de controle estético. Apesar de a disciplina, nos documentos, se propor a desenvolver a imaginação criadora, a expressão concreta e o espírito construtivo; os objetos deveriam seguir normas e critérios específicos, contendo um “valor técnico e artístico” (LEMGRUBER, 1956, p. 16). Lemgruber (1956) aponta que a ideia do aluno deveria ser melhorada e apresentada de modo atraente. Desse modo, compreendemos que a imaginação

estaria condicionada ao ideal do que seria apreciável e belo, havendo um rechaço àquilo que fosse pensado ou executado fora das normas e padrões previstos, ou seja, a capacidade criadora estaria condicionada à técnica e não à expressividade das crianças.

Podemos apontar essa como uma das contradições no ensino da disciplina, visto que ela se propunha respeitar a “inspiração do aluno em suas criações” (LEMGRUBER, 1956, p. 16). Mas se a educação estética e o gosto artístico estariam ligados ao ideal de beleza e à utilidade, entendemos que os objetos que apresentassem imperfeição na execução de sua técnica, ou que fossem criados sem uma função específica, seriam considerados feios e indignos de apresentação. Isso exigiria aperfeiçoamento, técnica para a precisão, repetição de ações. Talvez, o termo para o momento seria “esmero”. Mas, compreendemos que, apesar de apresentada como um objetivo no discurso, na prática, a inspiração dos alunos e sua expressividade espontânea seria relegada. Além disso, a cobrança pela perfeição dos objetos não levava em conta as dificuldades que alguns alunos teriam em realizar as lições. Gaeta (2002) em seu artigo “Entre Rendas e Bordados: Memórias de uma disciplina escolar” aponta para os possíveis “traumas” que a disciplina poderia trazer para os alunos que não conseguiam realizar os trabalhos com perfeição. Em um dos depoimentos apontados pela autora, uma aluna indica que seus trabalhos sempre ficavam sujos (os trabalhos eram majoritariamente realizados em peças brancas), marcados pelos erros e pelos desmanches dos pontos e colocados nas exposições ao lado dos trabalhos realizados à perfeição seriam um motivo de vergonha para a família e para a própria aluna, que comemora a saída da disciplina do currículo (GAETA, 2002, p. 11);

3. Bem-estar - Firmar na criança a consciência de que o trabalho manual é condição de bem-estar e de progresso do homem: Como apresentado anteriormente, esse objetivo estaria ligado ao desenvolvimento das políticas de valorização do trabalho, tendo em vista o avanço do capitalismo industrial e, posteriormente, às políticas desenvolvimentistas, pensando que os fundamentos da disciplina influenciariam, diretamente, nas relações sociais e políticas do país. Ligar a ideia de trabalho ao bem-estar pessoal nos mostra que havia um rechaço à ideia de ócio. Ou seja, uma pessoa sem uma ocupação definida, que tivesse um tempo livre ou que não se desenvolvesse produtivamente, seria um mal cidadão, incapaz de desenvolver seu próprio bem-estar e progredir. Assim, de acordo com essa visão o bem-estar estaria ligado à produtividade, ao bem fazer, ao ser útil e não ao lazer, ao ócio ou ao tempo livre;

4. Economia - Auxiliar o pensamento ágil e a resolução de problemas por parte dos estudantes e desenvolver a habilidade para escolher e trabalhar com as matérias primas e ferramentas necessárias para a confecção de objetos, sem desperdício: A questão da economia

estaria ligada à organização completa do que deve ser feito, sem desperdícios, pensando que, com o produto resultante, seria possível ter algum ganho financeiro.

As concepções acima são evidenciadas nos livros e compêndios de Trabalhos Manuais. No quadro abaixo, apresentamos alguns títulos que aparecem nos documentos para ser utilizados como guias para os professores da disciplina dentro do período estudado:

**Quadro 2** - Lista de Livros e Compêndios de Trabalhos Manuais

<b>Título</b>	<b>Autor</b>	<b>Data</b>	<b>Editora</b>
Trabalhos Manuaes (Cartonagem)	Henrique Braga & Cia.	1926	Papelaria Americana
Trabalhos Manuaes – Cestaria	Henrique Braga e Cia.	1927	Papelaria Americana
Artefactos de Madeira	Henrique Braga & Cia.	1929	Papelaria Americana
A Escola Ativa e os Trabalhos Manuais	Corinto da Fonseca	1929	Editores Melhoramentos
Còmo se ensenan los Trabajos Manuales	José Montua Imbert	1932	Published by Madrid, Revista de Pedagogia
Trabalhos Manuais Escolares	Manoel Penna	1934	Belo Horizonte Imprensa Oficial
Noções Educativas de Modelagem – Histórico dos Trabalhos Manuais – Evolução da técnica através dos tempos	Benedito Candido de Moraes	1937	Empreza Editora Brasileira
Trabalhos Manuais em Madeira	Benedito Candido de Moraes	1938	Empresa Brasileira
Trabalhos Manuais como Disciplina Escolar	Prof. <sup>a</sup> Ida Kussá	1948	H. Santiago
Compêndio de Trabalhos Manuais	Maria de Lourdes Lemgruber	1956	Companhia Editora Nacional
Enciclopédia de Trabalhos Manuais	Bertha Schwetter	1956	Editores Globo
Noções de Metodologia do Ensino Primário	Theobaldo Miranda Santos	1962	Companhia Editora Nacional

Fonte: Banco de Dados de Livros Escolares Brasileiros (Livres). Obras digitalizadas e disponibilizadas pelo acervo via e-mail. São Paulo, 18 mai. 2021. Organização: Carina Gotardelo.

Ao analisar os livros e compêndios de Trabalhos Manuais, encontramos algumas semelhanças e divergências nos discursos que compunham a disciplina. Apesar dos livros seguirem os Programas de Ensino e proporem exercícios semelhantes no que diz respeito à construção dos objetos, havia uma diferenciação quanto a defesa da disciplina em si.

Enquanto uma parte dos estudiosos defendiam Trabalhos Manuais como uma disciplina independente (tais como Santos, Schwetter e Kussá); outros, como é o caso de Corinto da

Fonseca, colocavam a disciplina como uma metodologia para a aprendizagem de outras disciplinas e habilidades necessárias para a vida em sociedade. Há ainda autores, como Lemgruber, que defendem que nenhum desses aspectos deve ser ignorado, sendo Trabalhos Manuais uma disciplina que tem uma metodologia própria que se relaciona com as outras disciplinas, de maneira utilitária e artística.

As visões da disciplina contudo, não influenciam os autores na questão da construção dos objetos. Em todos os compêndios analisados esta é colocada como uma forma de educar integralmente o estudante.

As questões do trabalho, arte e estética, bem-estar e economia, bem como a utilidade nas construções, também estão presentes em todas as obras analisadas.

Outro ponto em comum nos livros são as propostas de exercícios seguidos de explicações detalhadas, utilizados pelos professores como auxiliares na disciplina.

Desse modo, tendo em vista os objetivos e as análises expostas acima, entendemos que para que o objeto pudesse ser considerado belo e útil deveria apresentar a perfeição técnica desde o seu planejamento até sua confecção. Para tanto, o domínio das ferramentas, dos materiais e das técnicas seria de extrema importância durante as aulas, por isso, os livros apresentavam detalhadamente as ferramentas, materiais e os projetos para cada tipo de técnica utilizada, considerando os saberes e as habilidades necessárias para o desenvolvimento de determinada técnica.

Ao analisar, portanto, os exercícios contidos nos livros, podemos sistematizar informações que ampliem as análises quanto às questões estéticas envolvidas na disciplina. Desse modo, propomos a seguir a análise em tópicos das principais técnicas encontradas nos compêndios, buscando compreender quais eram os trabalhos manuais vistos como saberes escolarizados e como esses saberes marcam os significados de belo e feio, na condução do corpo para formação ideal do bom cidadão.

### **Trabalhos em madeira (xilotomia)**

Iniciamos nossa análise pelos trabalhos em madeira por ser uma das técnicas que se destaca nos Programas e Relatórios de Ensino como essencial para a formação integral. Ao que consta, esse tipo de trabalho serviria para atingir “todos os fins pedagógicos e sociais mais consentâneos com a formação moral, social e educativa dos moços” (REVISTA ESCOLA NOVA, 1931, nº 1 e 2, p. 97).

A ideia do trabalho com a madeira está ligada a questão do controle, do poder sobre os movimentos. Segundo consta em compêndio sobre Trabalhos Manuais desenvolvido pelo Serviço Social do Comércio (1960):

(...) a sensação do poder que vem do controle sobre a madeira é – dentro naturalmente de certos limites – muito forte. (...) a criança insegura encontra na rispidez da madeira uma forma definida; parece-lhe um padrão, uma forma que ela pode seguir, pelo menos no começo. A madeira, finalmente pode também suportar várias formas de agressividade (WILSON e RYLAND, 1960, p. 14).

A justificativa da utilização da madeira dava-se principalmente por conta de sua resistência, visto que sua durabilidade dificultaria o hábito de destruição visto como natural das crianças (BRAGA, 1929, p. 06).

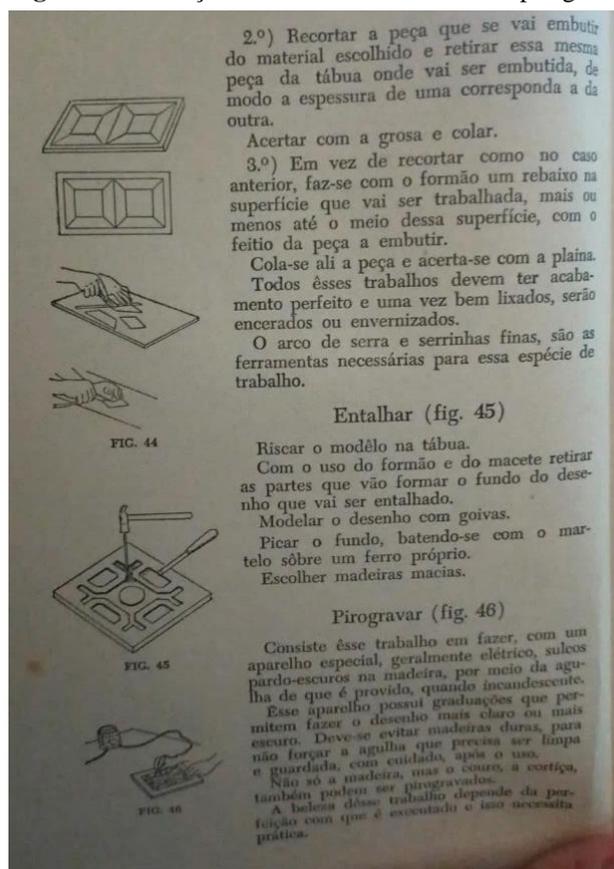
Os trabalhos em madeira desenvolveriam, portanto, o interesse e a habilidade da criança, servindo de escopo para a aprendizagem moral e econômica, fornecendo as ferramentas necessárias para que desenvolvessem a capacidade de criar, recriar, destruir e construir coisas novas, partindo de materiais novos ou não, visto que “os meninos, ainda pequenos ou já crescidos, dão maior valor as cousas, de acordo com o que estas lhes custam” (BRAGA, 1929, p. 06).

Assim, recomenda-se que a madeira seja utilizada para a construção de objetos que tragam o apreço da criança ou que lhes fossem úteis no dia a dia. A execução dos trabalhos deveria obedecer aos princípios do *Sloÿd*, adaptando a tarefa à capacidade e ao desenvolvimento físico de cada aluno (PROGRAMA DO ENSINO PRIMÁRIO, 1941, p. 46).

O professor acompanharia o aluno em seu desenvolvimento para que estes pudessem realizar os planejamentos dos objetos, elaborando um desenho do que seria realizado e tendo em conta o tipo de material mais adequado à sua capacidade física, dando preferência no início, às madeiras moles e fáceis de cortar, aumentando a dificuldade gradualmente, bem como a finalização e beleza dos objetos.

Abaixo vemos uma página retirada de um dos livros base para o ensino de Trabalhos Manuais:

Figura 6 - Indicação de como realizar entalhe e pirografia

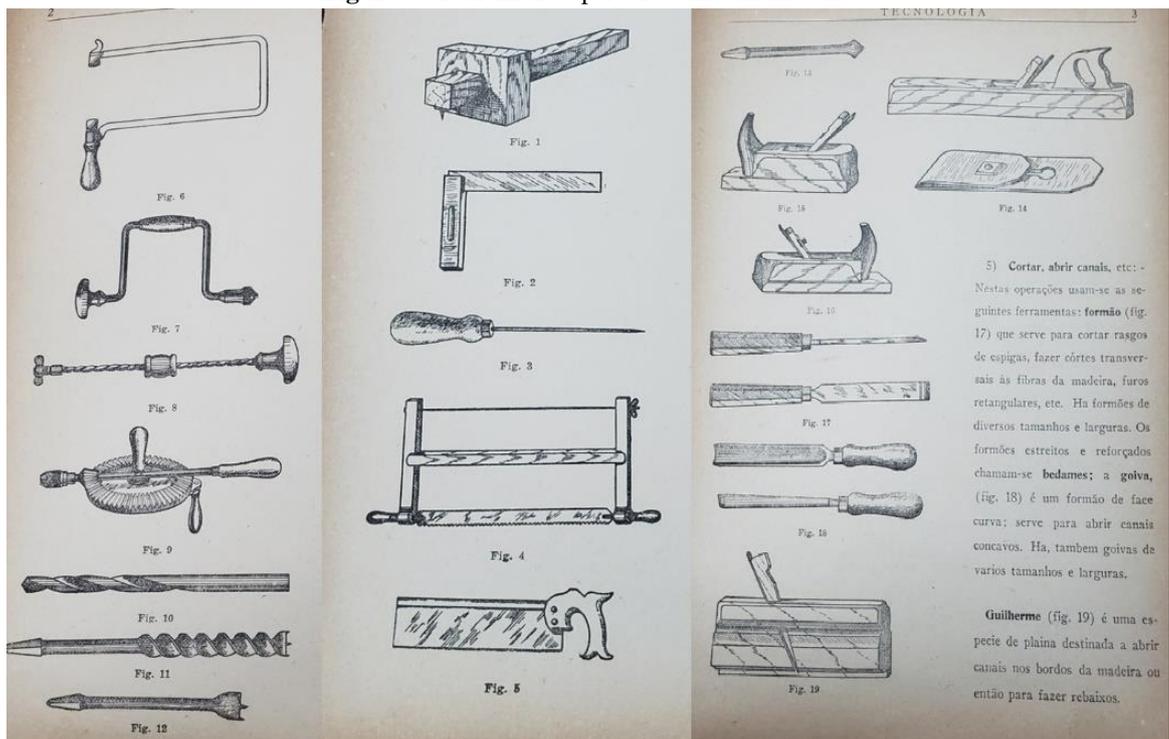


Fonte: LEMGRUBER, 1956, p. 34

Nessa imagem é possível perceber a indicação de potenciais acabamentos para ser realizados nos trabalhos de madeira. O livro indica que o aluno poderia entalhar, pirografar ou pintar seus objetos para que esses obtivessem uma estética agradável e harmoniosa. Tal fator estaria de acordo com os objetivos dos Programas de Ensino que propunham que os trabalhos deveriam ser planejados e executados com perfeição, asseio e ter uma utilidade (PROGRAMA DO ENSINO PRIMÁRIO, 1941, p. 46).

Os livros também traziam a indicação dos tipos de ferramentas que poderiam ser utilizadas pelos estudantes, bem como o passo a passo para a sua utilização, como verificamos abaixo:

**Figura 7 - Ferramentas para trabalho em madeira**



Fonte: Série Técnicas de Trabalhos Manuais, aprox. 1940, p. 1 – 3, Acervo CRE Mario Covas.

A imagem mostra uma série de parafusos, serras, martelos, formões e outros tipos de ferramentas utilizadas para trabalhos em madeira. Acompanhavam as imagens as instruções detalhadas de como utilizar as ferramentas e a suas especificidades, visando trazer ao aluno o conhecimento técnico necessário para que desenvolvesse suas obras de maneira eficiente. Deve-se ter em mente que para cada material, requisita-se um tipo de habilidade e controle motor, não sendo, portanto, nem um ensinamento simples, nem uma aprendizagem tranquila. Parece-nos evidente que o trabalho, bem-feito, não surge de imediato.

Apesar de parecer assustador a nós, na atualidade, a imagem de crianças utilizando ferramentas como serras e martelos, de maneira autônoma, parece que a prescrição tinha por certo que, a criança ao conhecer as ferramentas e aprender a lidar com elas, inclusive escolhendo em quais matérias primas utilizá-las, estariam desenvolvendo-se plenamente e tornando-se socialmente útil. Isso porque, poderiam utilizar suas criações (caixas, estantes, bancos, brinquedos, entre outros) em casa, na escola ou mesmo para seu próprio lazer. Valeria um estudo para questionar o que significam as condições de segurança no universo escolar e como eles vão se alterando historicamente.

Contudo, apesar do trabalho com a madeira ter uma grande projeção no ensino dos Trabalhos Manuais, sua recomendação é dada apenas aos meninos. É possível perceber pelas

imagens abaixo que os próprios livros possuíam uma indicação de que esses trabalhos seriam relacionados ao universo masculino e não ao feminino.

**Figura 8** - Capa de caderno de Trabalhos Manuais



Fonte: Série Técnica de Trabalhos Manuais, aprox. 1940, Acervo CRE Mario Covas.

Verificamos na imagem 8 a capa de dois cadernos produzidos pela Empresa Editora Brasileira para ser utilizada no ensino de Trabalhos Manuais nos 3º e 4º anos dos Grupos Escolares, Colégios, Cursos pré-vocacionais, vocacionais e profissionais das Escolas Normais.

Ambos mostram a representação de meninos, executando trabalhos relacionados à confecção de objetos em madeira. Em ambos verificamos um pouco da postura esperada dos estudantes, visto que as ilustrações são compostas por meninos penteados, aparentemente asseados e com as roupas arrumadas. Suas ações parecem delicadas e firmes. Seus materiais organizados.

Não vemos nas imagens nenhum sinal de desperdício de material, o que corrobora os objetivos de ordem, asseio, economia e trabalho.

A ausência de figuras femininas corrobora a indicação dos Programas de que os trabalhos em madeira seriam próprios para a “secção masculina”, evidenciando a divisão de gênero dentro do ensino.

As capas dos cadernos são uma réplica do que seria uma aula de trabalhos em madeira. Podemos comparar essas imagens ilustradas com a fotografia abaixo, que nos mostra um

exemplo de aula de Trabalhos Manuais, em 1908, o que parece indicar uma tradição nesta composição social de marcenaria para meninos:

**Figura 9** - Aula de Trabalhos Manuais (modelagem)



Fonte: Álbum de fotografias da Escola Normal e Anexa (1908) - Arquivo do Estado – Acervo Digitalizado

Ao comparar a fotografia com a ilustração contidas nos cadernos é possível perceber as semelhanças nas posturas e organização dos materiais e ferramentas por parte dos alunos. Vemos nas fotos dos meninos de 1908, a apresentação em roupas formais e somente um jovem com jaleco, acompanhando o professor. Nas ilustrações dos manuais técnicos, meninos trabalham com avental. Há indicações de proteção do corpo com esses itens de trabalho. Verifica-se que a realização da tarefa em pé, quase obriga aos alunos manter a postura impecável, mantendo-os despertos. Tal postura, traria maior domínio para que utilizassem as ferramentas de maneira segura, evitando assim a sujeira, o desperdício e possíveis acidentes.

Apesar dos registros da aplicação dos trabalhos em madeira, os Relatórios de Ensino de São Paulo indicam que haveria uma dificuldade na realização desse tipo de técnica. A falta de oficinas apropriadas e professores que possuam o conhecimento necessário à tal aplicação, além

do tempo dedicado à disciplina nas instituições escolares, são os principais fatores citados no Programa de 1950 para o não desenvolvimento profícuo de tais atividades, o que poderia explicar sua decadência ao longo do período estudado.

Outro ponto que nos chama atenção ao estudar o ensino dos trabalhos manuais em madeira é o fato de que durante o ano de 1931, cogitou-se a realização desse tipo de trabalho também pelas meninas, o que seria proveitoso caso tivesse sido realizado, não fosse a repugnância que causaria tal proposta. Segundo indica o documento:

Mesmo às moças, se não fora, talvez, uma como repugnancia que no momento provocaria a inovação, mesmo às moças recomendaríamos series em madeira, que, pelo gosto artístico, fineza de acabamento e elevação dos motivos decorativos nella empregados, fossem pelo espírito de minucia da mulher, mais propícios para o sexo feminino (REVISTA ESCOLA NOVA, 1931, nº 1 e 2, p. 97).

Desse modo, o trabalho de madeira para o ensino masculino teria uma conotação pedagógica, social e vocacional, sendo utilizado para o desenvolvimento de habilidades necessárias ao futuro social. Enquanto ao trabalho feminino, caso fossem realizados, teriam um cunho mais artístico e decorativo. Tal fator, evoca claramente a ideia de que os trabalhos de madeira são coisas para homens e o ensino com este material às mulheres seria uma inovação, que infelizmente, ao menos oficialmente, não se realizou, o que pode ser observado analisando os programas de ensino e os livros didáticos, que apontam os trabalhos em madeira como mais adequados ao ensino masculino.

### **Trabalhos em metal (metaloplastia)**

Na disciplina de Trabalhos Manuais, o metal não só servia como material para confeccionar peças específicas, como também para realizar o acabamento em outras peças, dando aos objetos um valor artístico, ao ser combinado a outros materiais como madeira e couro (LEMGRUBER, 1956, p. 35).

A utilização dos metais seria realizada de acordo com o processo de confecção escolhido, sendo os mais utilizados as folhas de flandres, o zinco, o alumínio, o cobre, o latão, o estanho, a prata e o ferro. No ensino primário o trabalho em metal denomina-se “fio e folha”, concentrando-se nas técnicas de “cortar e recortar, dobrar, modelar, arredondar, orlar, soldar, colocar arames” (LEMGRUBER, 1956, p. 36).

Segundo Kussá (1948) os trabalhos em metal:

(...) serão práticos como os anteriores, incentivando o gosto do aluno pela manufatura de modo geral, de objetos úteis e que lhe proporcione conforto e

economia. Não se trata de especialização pois a escola primária não é a técnica, por isso a matéria prima deve ser a mais variada possível em aulas de trabalhos manuais, com a finalidade de ampliar conhecimentos, educar para o ingresso nas oficinas, dar habilidade à altura de perfeito e produtivo desempenho, desde a imaginação até a prática (KUSSÁ, 1948, p. 188).

Novamente vemos a preocupação em se trabalhar por um caminho estético que traga a questão do trabalho produtivo e da economia, na utilização de materiais variados e na confecção de objetos úteis ao dia a dia, e que sejam fruto do trabalho do corpo e da mente.

A criança aprendendo sobre as ferramentas e as técnicas, utilizando folhas de flandres ou latas reaproveitadas, retalhos de metal e arames de grossuras diversas, produziram objetos como: cinzeiros, lanternas, floreiras, castiçais, bandejas, porta livros, vasos, fruteiras e outros que pudessem ser úteis.

A técnica também variava de acordo com a idade dos estudantes, sendo mais comum o metal recortado. Nesta técnica as crianças desenhavam os motivos a serem recortados (dando preferência ao latão) lixavam o metal, arredondando as superfícies a fim de “eliminar o óxido formado pelo contato com o ar”, para depois com uma tesoura forte recortar os desenhos e utilizar os motivos em outros objetos (LEMGRUBER, 1956, p. 43).

O desenho serviria ao planejamento. Segundo Kussá (1948):

A execução deve sempre ser posterior ao desenho, que serve de guia seguro à realização; é de grande vantagem que ele seja idealizado e traçado pelo aluno embora ajudado pelo professor (KUSSÁ, 1948, p. 189).

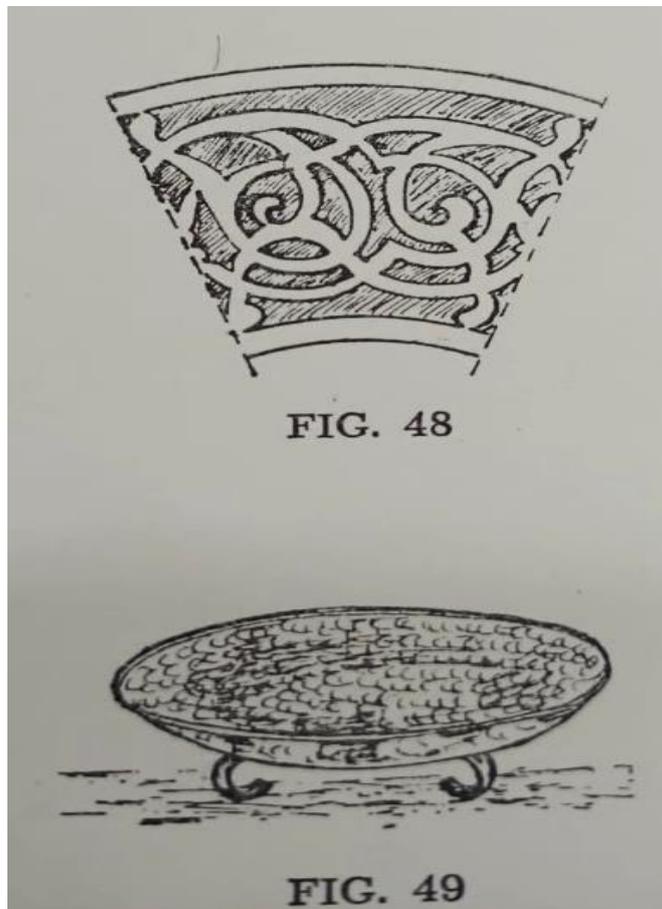
Novamente verificamos o contato com a arte dentro dos Trabalhos Manuais, visto que havia uma cobrança aos alunos para que os objetos tivessem além da funcionalidade prática uma estética decorativa. O desenho se torna um importante aliado nesse momento, visto que “da perfeição do desenho depende o bom êxito de qualquer trabalho” (LEMGRUBER, 1956, p. 50). Neste caso, o desenho, por ser antecipado, indica a ideia de projeção prévia das formas, da técnica a ser empregada e da concepção imaginativa do que será feito.

Essa cobrança da perfeição dos projetos e dos desenhos está de acordo com as propostas metodológicas encontradas nos Programas de Ensino Primário para Trabalhos Manuais, que propõe que a confecção do desenho preceda a realização dos objetos e que o planejamento considere o acabamento das peças, além de sua utilidade (SANTOS, 1962, p. 228).

Na **figura 10** encontramos um exemplo do tipo de objeto confeccionado em metal. Nela temos o desenho do planejamento de um cinzeiro. É possível observar que para além da utilidade há uma preocupação com os ornamentos colocados no objeto, fazendo com que, para

além de sua usualidade, as peças apresentem também uma função decorativa, o que a tornaria bela.

**Figura 10** - Modelo de confecção de objeto em metal



Fonte: LEMGRUBER, 1956, p. 36

A beleza contida nas peças de metal estaria ligada aos tipos de ornamento pensado para composição. Os alunos deveriam desenvolver seus estudos considerando a harmonização das figuras que comporiam a arte final da obra.

A questão do trabalho também é realçada nas atividades de metaloplastia. Segundo consta, ao adquirir as habilidades necessárias à utilização das ferramentas com metal, os estudantes estariam aptos à realização de pequenos consertos e aprenderiam a valorizar os objetos estragados, realizando neles reparos, o que faria com que a criança desse “um grande passo no sentido de desenvolver a economia, o gosto pelo trabalho, o mérito pessoal, a confiança em si para novos empreendimentos” (KUSSÁ, 1948, p. 207).

Quanto a questão do ensino masculino e feminino, apesar de não haver indicação de divisão dessa técnica nos Programas de Ensino, ao estudar os compêndios verificamos uma indicação dos trabalhos de acordo com as seções masculinas e femininas. Nos cadernos da Série

Técnica para Trabalhos Manuais, já apresentados anteriormente, vemos que os trabalhos em metal e ferro batido são colocados como próprios para o ensino masculino, em conjunto com os trabalhos de madeira, eletricidade e a confecções de aeromodelos. Abaixo podemos comparar as capas desses cadernos.

**Figura 11 - Capas Série Técnicas de Trabalhos Manuais**



Fonte: Série Técnicas de Trabalhos Manuais, aprox. 1940, Acervo CRE Mario Covas.

Ao analisar as capas apresentadas pela série que se propõe a servir como guia didático, percebe-se as técnicas ligadas à possíveis atividades laborais associadas à vida pública, tais como trabalhos em madeira, ferro e eletricidade, utilizavam como representação estética a imagem de meninos. Já as atividades relacionadas à costura e ao lar aparecem como uma representação do feminino.

No caso dos brinquedos, trabalhos em couro, tecelagem, trabalhos em vime e pintura, na contracapa da série técnica encontramos a indicação de que seriam trabalhos destinados à ambas as seções (femininas e masculinas), ainda que a escolha estética coloque uma figura masculina realizando os trabalhos de couro como um artesão e a figura feminina na capa do caderno de brinquedos em uma ação que lembraria a maternidade. Há ainda, algumas ilustrações que se mostram como neutras (como no caso do caderno de pintura). Tal fator nos evidenciam como estariam definidas as posições de gênero na disciplina.

Apesar das conquistas femininas, com os movimentos sufragistas e feministas, verificase a tentativa de ligar o feminino ao lar em suas representações, condizendo com os planos do governo Vargas para o ensino feminino. Ao implantar o ensino doméstico visando preparar as mocinhas para a vida de dona de casa, incentivando “sua missão de esposa, de mãe, de filha, de

irmã, de educadora, o seu reinado no lar e o seu papel na escola, a sua ação nas obras sociais de caridade (...)” (SCHWARTZMAN, 1984, p. 109).

Tais posicionamentos e representações do feminino estiveram presentes em todo o período de vigência de Trabalhos Manuais no currículo, anunciando a posição de gênero idealizada aos meninos e meninas, futuro da nação brasileira. Lembramos que essa condição de separação dos trabalhos manuais por vocações, indicando a ação masculina para o mundo externo da casa, é um tipo de ensino tradicional, no sentido que tem sido passado pelas normatizações da disciplina anteriormente, remontando aos finais do século XIX.

## **Modelagem**

Dos trabalhos manuais adotados como saberes escolarizados, a modelagem é uma das técnicas que aparece em alta conta para esclarecer e fixar as aprendizagens de todas as matérias do currículo, bem como das habilidades necessárias para o desenvolvimento infantil.

Sendo a arte de representar de maneira plástica aquilo que se vê, desenha ou imagina, a técnica seria utilizada para corrigir possíveis falhas no ensino, causadas pela falta de experimentação das mãos, dando aos estudantes o “conhecimento prático das formas das coisas e mãos aptas para a vida ativa”, tornando-os seres úteis para a sociedade (MORAIS, 1937, p. 17).

As faculdades mentais seriam desenvolvidas na medida que os alunos usassem as mãos de maneira simultânea. Para Lemgruber (1956):

Se os trabalhos manuais concorrem de maneira indiscutível para a aprendizagem das matérias do currículo escolar, ao mesmo tempo que desenvolvem as faculdades mentais, a modelagem supera qualquer outra técnica, porque dá melhor a compreensão exata da forma preparando o indivíduo para a vida ativa. Exigindo o uso simultâneo das mãos, torna-as igualmente aptas e, que não acontece com outras espécies de trabalho manual, em que a mão direita tem papel preponderante (LEMGRUBER, 1956, p. 52).

Durante a confecção de obras em modelagem tanto a mão esquerda quanto a direita são utilizadas para confeccionar os objetos, tendo igual desenvolvimento. O mesmo não ocorre em outras técnicas em que a criança utilizaria a mão esquerda apenas como auxiliar enquanto com a mão direita utilizaria as ferramentas. Essa diferenciação das mãos esquerda e direita feita pela autora pode ser explicada pelo fato de que historicamente a mão esquerda era desvalorizada, relacionada ao mal, ao profano; enquanto a mão direita seria relacionada à honra e designações, o que fez com que por décadas os canhotos fossem obrigados a desenvolver seus trabalhos com a mão direita (LAMBACH, 2014, p. 21).

Contudo, o desenvolvimento da destreza de ambas as mãos auxiliaria no aprimoramento dos objetos, o que poderia explicar a importância que Lemgruber (1956) dá para o ensino da modelagem, considerando o desenvolvimento da “aptidão das mãos”. Compreendemos que ao se desenvolver de maneira ambidestra, a criança teria ampliada suas habilidades mentais, tal qual aponta Moraes (1937) ao ressaltar que a importância da modelagem para a criança está no fato de agir no desenvolvimento das faculdades mentais, auxiliando a corrigir “erros que nelas existem, por falta da experimentação executada com o auxílio das mãos” (MORAIS, 1937, p. 17). Dessa forma o principal objetivo da modelagem seria o de, por meio do treinamento das mãos, adaptar a criança a uma vida ativa, tornando-a “útil a sociedade, com o saber preciso de empregar as suas mãos em algum trabalho pertinente” (MORAIS, 1937, p. 17).

Ao trabalhar com as duas mãos o estudante estaria empregando sua imaginação à serviço da construção de seu objeto, estabelecendo uma “corrente de ligação” entre o cérebro e as mãos (MORAIS, 1937, p. 12), dessa maneira se realizaria a educação do tato e da visão.

Os materiais utilizados para esse ensino seriam diversificados, considerando a possibilidade de obtenção em cada região, sendo os mais comumente usados: o barro, a plastilina, a massa de papel e argilas (cerâmicas).

Os trabalhos seriam divididos em trabalhos gerais (o mesmo trabalho sendo realizado por toda a turma) e trabalhos individuais (realizados por apenas um aluno). Os trabalhos coletivos seriam determinados pelos professores, sendo realizado um planejamento em que o produto seria composto pelas obras de diversos alunos. Enquanto um aluno confeccionasse a modelagem de um prato, por exemplo, outro modelará uma laranja, outro um pêssigo, outro uma maçã e ao final da aula, dentro do prato seria colocada as melhores frutas modeladas.

Moraes (1937) aponta como possibilidades para os trabalhos gerais, a realização de cenários compostos por modelagens diversas dos alunos, tais como: uma sala de visitas, uma sala de jantar, um dormitório, uma cozinha, um banheiro, uma mesa de doces, uma mesa preparada para o jantar, um banco de ferramentas de carpinteiro, uma mesa de escritório, uma sala de aula, uma feira, uma exposição industrial de frutas ou animais, uma vila ou aldeia, um campo de aviação, um batalhão, um passarinho sobre o ninho, bandejas de café, etc. Esses modelos depois de secos serviriam para utilização nas aulas de desenho de observação da própria classe ou de outras classes (MORAIS, 1937, p. 60).

Já os trabalhos individuais estão ligados à modelagem artística. Segundo Moraes (1937) esses trabalhos seriam divididos em quatro momentos: Estudo das formas cubistas, modelação oca e cheia, estilização e imaginação e estudo. Primeiro, o aluno deveria estudar as formas

cubistas, que o autor indica como a “disposição geométrica de um corpo em forma de volume” (MORAIS, 1937, p. 60); desenvolvendo o senso das proporções, da praticabilidade e da estabilidade.

Pelo estudo das formas geométricas o aluno aprenderia a criar, a partir da investigação e da observação do mundo, moldando objetos/ coisas e animais. Após esse momento realizaria o estudo do tipo de modelagens: ocas (vasos, caixas, casinhas de boneca) e cheias (construídas de maneira sólida, utilizando formas de gesso, por exemplo, animais, estátuas, castelos, maquetes). Depois o aluno transformaria as obras criadas combinando-as numa existência imaginada, por meio da estilização.

O autor aponta que a estilização se baseia no desenho para que o aluno tenha o conhecimento do que é necessário para sua criação, determinando onde colocar os altos e baixos relevos. Os objetos estilizados poderiam ser utilizados para estudos ou serviriam de ornamento. Tal fator condiz com os objetivos contidos nos Programas de Ensino que propõe que os objetos deveriam ser executados “com perfeição e asseio e ter um fim útil”, sendo que o desenho seria a base para a compreensão do projeto a ser executado, servindo de “complemento ao estudo correspondente de desenho” constando como uma “cópia de objetos naturais e manufaturados e da execução de trabalhos livres” (PROGRAMA DE ENSINO PARA AS ESCOLAS PRIMÁRIAS, 1941, p. 46).

A estilização auxiliaria o aluno a desenvolver seu potencial criador, senso estético e a criatividade, tal qual um artista que metamorfoseia os materiais, criando composições novas e únicas, despertando o “cérebro criador” que:

(...) vai buscar na natureza os assuntos que a imaginação transforma em belezas inexistentes que só as mãos hábeis são capazes de nos dar conhecimento, perpetuando-as num friso, nas decorações de um edifício, de um móvel ou de outro trabalho qualquer (MORAIS, 1937, p. 93).

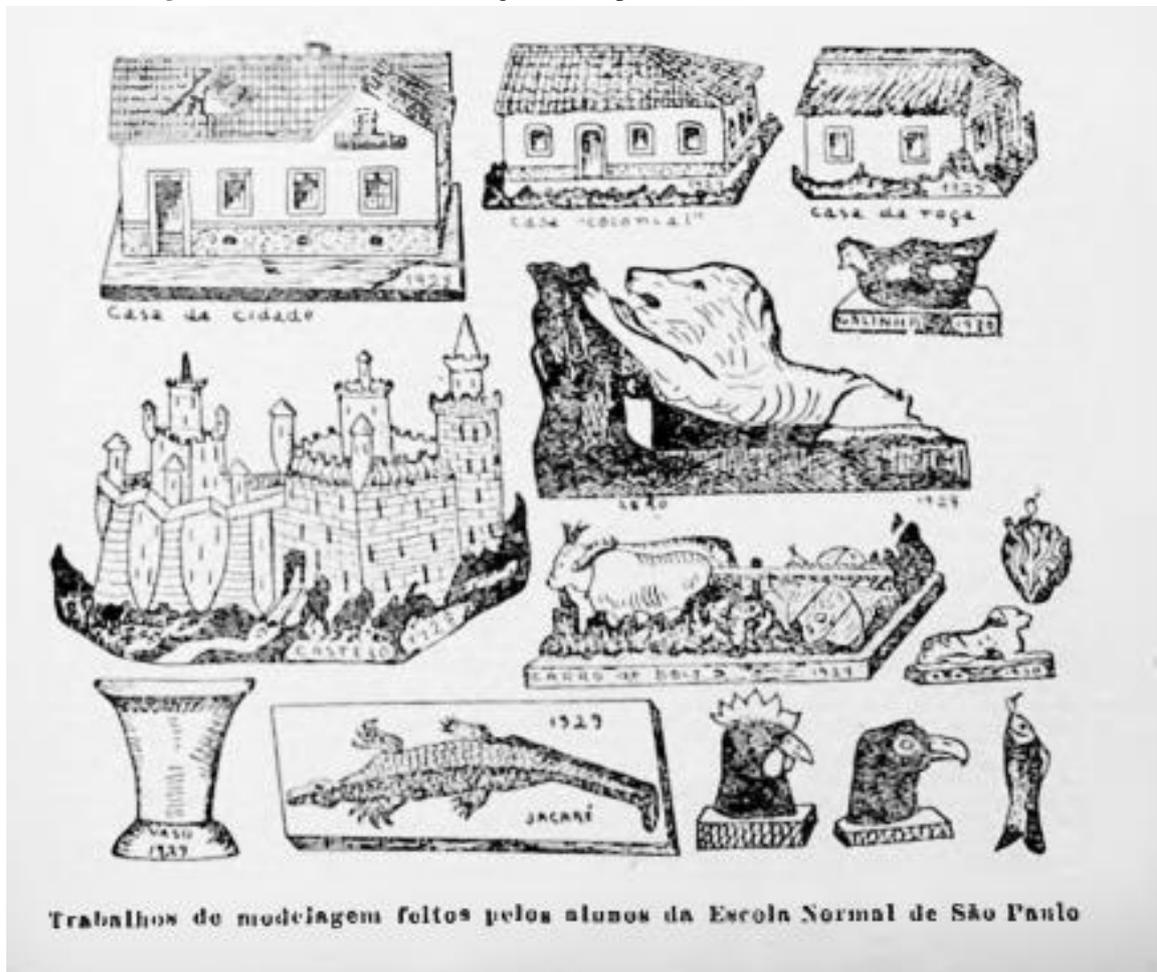
Assim, o trabalho com modelagem ressalta o caráter artístico dado aos trabalhos manuais propostos na disciplina.

O último elemento apontado por Morais (1937) no desenvolvimento dos trabalhos individuais, com cunho artístico, é a imaginação e estudo. Nessa linha de modelagem o aluno trabalharia com temas ligados ao folclore, lendas, histórias como inspiração em suas representações, podendo por exemplo modelar utensílio da era paleolítica, vasos ornamentados seguindo diferentes estilos (grego, egípcio, romano). Dessa maneira os conteúdos das outras disciplinas poderiam ser desenvolvidos, considerando as temáticas, seria possível, segundo aponta Morais (1937) a confecção de cenas, como os bandeirantes descendo o rio ou

internando-se pelos sertões em busca de ouro, a realização de estudos geográficos ou anatômicos (MORAIS, 1937, p. 120).

A figura abaixo mostra alguns exemplos de trabalhos que poderiam ser desenvolvidos nas aulas de modelagem:

**Figura 12** - Trabalhos de modelagem feitos pelos alunos da Escola Normal de São Paulo



Fonte: MORAIS, 1937, p. 85.

É possível perceber pela análise da imagem que há uma variedade de trabalhos que essa técnica possibilita, assim como apontado pelos autores dos compêndios analisados (LEMGRUBER, 1956 e MORAIS, 1937). Além disso, percebe-se a riqueza de detalhes contidas nos desenhos que serviriam para o planejamento dessas atividades, o que nos mostra que as mãos seriam acionadas de diferentes formas nessas confecções, sendo as habilidades motoras finas desenvolvidas em conjunto com o olhar cuidadoso e do pensamento criador. Mas, vale pensar que os exemplos pré-concebidos restringem qualquer outro trabalho com formas mais livres e abstratas.

Pela variedade e possibilidades encontradas no ensino dessa técnica, compreendemos que a modelagem contribuiria para a fixação dos conteúdos de outras disciplinas, cabendo aos professores estimular a liberdade de expressão e criação dos estudantes na escolha e na execução dos trabalhos (PROGRAMA DE ENSINO PRIMÁRIO DE SÃO PAULO, 1950, p. 25).

Havia também a proposta de construção de fantoches, marionetes e cenários utilizando a técnica da modelagem. A construção dos bonecos estaria relacionada à questão cultural, recomendada principalmente às escolas e famílias que se encontram “afastadas dos grandes centros onde faltam teatros ou cinemas” (LEMGRUBER, 1956, p. 66). A construção dos teatros de fantoche serviria para despertar na criança vocações que se revelariam a partir desse tipo de trabalho, além de possibilitar a ampliação do ensino das linguagens oral e escrita.

Sob o aspecto econômico a técnica teria vantagem sob as outras por utilizar material de baixo custo e que evitaria desperdício visto que “um trabalho pode ser transformado em outros” (LEMGRUBER, 1956, p. 52), o que estaria de acordo com os objetivos da disciplina de ensinar aos pequenos o espírito de economia, necessário para a ampliação dos valores dos objetos e, por conseguinte, da possibilidade de obtenção de lucro, como já indicado pelo seu aspecto “econômico”.

Quanto às posições de gênero, a modelagem é recomendada para ambas as modalidades de ensino (feminino e masculino) dada sua capacidade de “firmar os hábitos de trabalho, asseio, ordem e economia” (PROGRAMA DE ENSINO PRIMÁRIO DE SÃO PAULO, 1950, p. 28).

Contudo, há a indicação de que essa seria uma atividade aplicada mais no ensino feminino, visto que o programa de 1941 indica a necessidade de ampliar os exercícios de modelagem na sessão masculina, afinal, é preciso que os “mocinhos” desenvolvam a habilidade e a destreza das mãos para realizar seus trabalhos futuros.

## **Cartonagem**

Os trabalhos de cartonagem dentro da disciplina de Trabalhos Manuais, segundo consta nos livros analisados, parece constituir uma das atividades mais aceitas pelos estudantes por se tratar de uma técnica que não exigiria domínio de muitas ferramentas e nem materiais caros.

A cartonagem é aplicada nas aulas após a criança entrar em contato com diversos tipos de papel e dominar as técnicas de recorte e colagem. Ao analisar os Programas de Ensino, verificamos que durante o 1º ano as crianças entrariam em contato com diversos tipos de papéis e cartolinas, trabalhando a coordenação e a utilização da tesoura em confecções de dobraduras

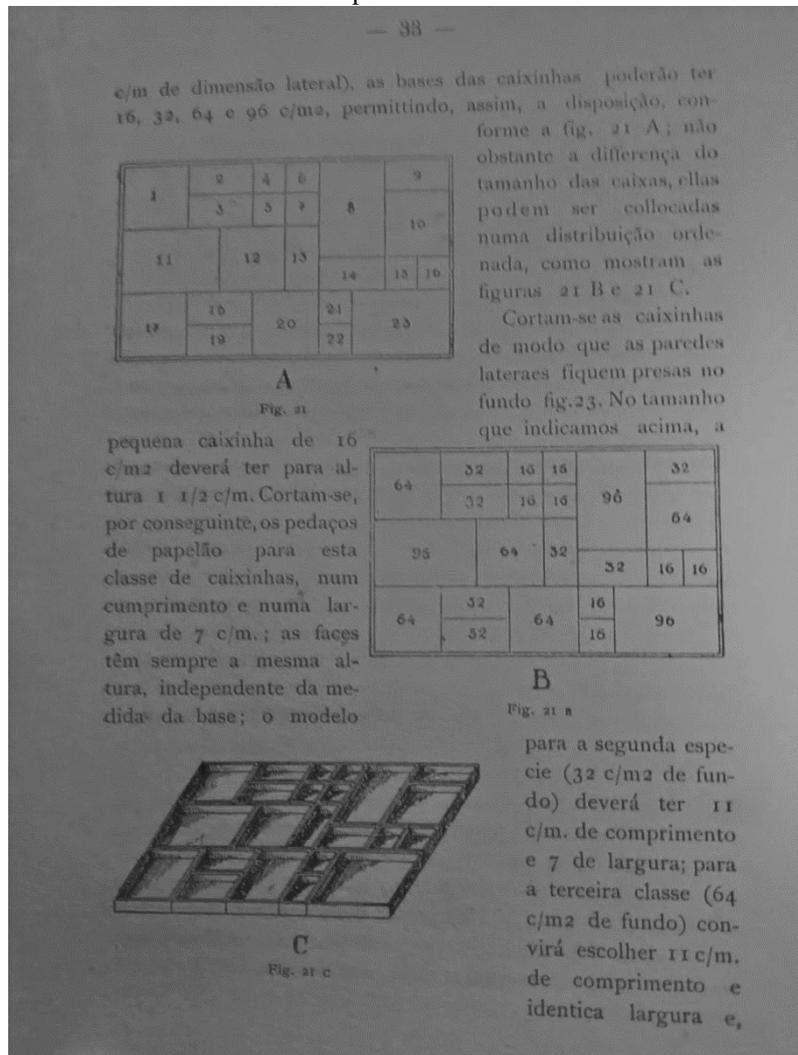
e colagens, o que auxiliaria na obtenção das habilidades que futuramente seriam utilizadas na técnica de cartonagem.

A partir do 2º ano do primário, o contato com os mesmos materiais se intensificaria, sendo utilizada uma técnica diferente da aprendida no primeiro ano. Assim, conforme aponta Kussá (1948):

Em trabalhos manuais os diversos estudos ligam-se, completam-se e entrosam-se ou pela variedade da técnica empregada num mesmo material, ou pela variedade de material sob a mesma técnica, ou ainda conjugando técnica e material diferentes (KUSSÁ, 1948, p. 34).

Desse modo, a cartolina e o papel cartão utilizados na fase anterior para a realização de trabalhos de recorte, agora são utilizados de maneira mais avançada, para a confecção de objetos como caixas, marcadores de livro, estojos e cataventos, como se vê abaixo:

**Figura 13** - Modelo de fabrico de caixinhas para classificação de minerais e para acondicionamento de drogas de pharmacia



Fonte: BRAGA, 1926, p. 33.

A imagem acima está contida no compêndio sobre Trabalhos Manuais – Cartonagem, organizado por Henrique Braga (1926) e mostra um exemplo dos exercícios realizados durante o estudo da técnica de cartonagem. O passo a passo ensina aos alunos a confecção de caixas de papelão utilizadas para armazenamento de remédios farmacêuticos ou para classificar minerais (utilizadas em aulas de ciências, por exemplo).

A cartonagem, assim como as outras técnicas, seria utilizada para reforçar aprendizagens. Os alunos deveriam seguir com exatidão as medidas, dobras e indicações colocadas no desenho e a partir da criação de sólidos geométricos, criar outros objetos ou quadros de cena, que serviria para enfatizar os estudos realizados em outras disciplinas.

Os brinquedos também estavam na lista do que poderia ser criado. A partir do 3º ano, as crianças já passariam a desenvolver os planejamentos de maneira mais contundente, traçando modelos com medidas exatas e aplicando os conhecimentos anteriormente obtidos na confecção de objetos utilitários como cestas, cantoneiras, porta jornais ou mesmo uma casa de bonecas com todos os móveis (PROGRAMA DE ENSINO PRIMÁRIO DE SÃO PAULO, 1950, p. 34).

Além da utilidade, os objetos teriam um valor artístico, pois deveriam ser adornados com desenhos ou coloridos à tinta, utilizando técnicas de pintura, servindo para apurar “o senso do perfeito acabamento” e criando trabalhos profissionais (KUSSÁ, 1948, p. 16).

Do ponto de vista econômico, os trabalhos de cartonagem eram bem quistos por não necessitarem de ferramentas complicadas e por serem desenvolvidos com materiais de baixo custo. Outro ponto que podemos relacionar à sensibilização para a economia é o fato de que por meio da técnica da cartonagem os alunos poderiam confeccionar objetos que seriam utilizados na própria escola, ou mesmo servirem para a obtenção de uma renda, tais como: blocos, cadernos, álbuns, pastas, caixas ou estojos. Desse modo, o aluno pode “trabalhar economicamente, usando material considerado imprestável” e desenvolvendo a base para realização de exercícios mais elaborados como trabalhos de encadernação, que requereriam maiores aptidões desenvolvidas (LEMGRUBER, 1956, p. 70).

Do ponto de vista artístico, a cartonagem serviria como uma oportunidade para que os alunos realizassem várias combinações de elementos, despertando o gosto pela arte e “o gênio inventivo das crianças”, dando corpo a suas ideias e descobertas, tornando-a “agradável pela regularidade de suas partes, pela beleza de seu conjunto” (VASCONCELLOS<sup>12</sup>, 1897, p. 16).

---

<sup>12</sup> Ezequiel Benigno de Vasconcellos foi discípulo de Olavo Freire, ex-professor de Trabalhos Manuais da Escola Normal do Rio de Janeiro, mestre da disciplina na casa de S. José e conservador do *Pedagogium*.

Além da confecção de possíveis objetos, os alunos poderiam trabalhar com a decoração de papéis que seriam transformados em forros, pastas, álbuns, abajures, capas, caixas, ou mesmo para encadernar livros e cadernos, criando verdadeiras obras de arte e decoração.

Nas imagens abaixo podemos observar que as técnicas empregadas na decoração desses papéis eram diversas, havendo um estudo artístico para desenvolvê-las, considerando a textura, materiais, cores e sensações.

**Figura 14** - Modelos de papéis pintados - cartonagem



Fonte: LEMGRUBER, 1956, p. 73 – 78.

Com a criação de estampas, os estudantes poderiam desenvolver a criatividade e a expressão. A cartonagem proporcionaria a criação de uma infinidade de projetos, sendo que cada objeto produzido seria único.

Apesar de toda a economia buscada no desenvolvimento desse tipo de técnica, os estudantes deveriam ter cuidado na apresentação e na finalização dos trabalhos, o que nos mostra que havia uma busca pela estética perfeita e bela, capaz de aliar as concepções de arte e trabalho.

Quanto às questões de gênero, todas as crianças, desde o 1º ano, realizariam trabalhos utilizando a técnica de cartonagem, não havendo separação de conteúdo entre meninos e meninas.

### **Tecelagem, tapeçaria e cestaria**

A finalidade dos trabalhos de tecelagem, tapeçaria e cestaria nas aulas de Trabalhos Manuais é principalmente o de transformar artefatos em objetos úteis que proporcionem conforto para o dia a dia e desenvolvam o gosto pela arte, proporcionando o desenvolvimento

das habilidades dos alunos, a precisão em seus movimentos, a paciência, atenção, asseio, economia e a capacidade inventiva, “oferecendo quanto possível o contato direto com o variadíssimo número de materiais, instrumentos empregados e utilizados nos meios de expressão” (KUSSÁ, 1948, p. 91).

O tipo de trabalho a ser realizado deveria considerar a possível falta de espaço e as dimensões da matéria prima (BRAGA, 1926, p. 08), além do interesse do aluno e não depender de muito tempo para a sua execução (KUSSÁ, 1948, p. 96). Tais considerações influenciariam no emprego do material, o tipo de ferramentas a ser utilizada e o acabamento necessário para a finalização dos objetos.

O desenho também seria o ponto de partida para os trabalhos de tecelagem, tapeçaria e cestaria. Nele estariam contidas todas as informações necessárias para a confecção do objeto, tais como cores, medidas, formatos, ornamentos e materiais (PROGRAMA DE ENSINO PRIMÁRIO DO ESTADO DE SÃO PAULO, 1950, p. 31).

Entre os objetos que as crianças poderiam criar com essas técnicas, sugeria-se: tapetes, esteiras, descansos de mesa, sacolas para compras, cintos, colares, pulseiras e bolsas, cestas, barras para toalhas e cortinas, suspensórios, redes para ser utilizadas em jogos (pingue pongue, bola ao cesto), mobílias para casas de bonecas (feitos com arames e cobertos com linhas grossas), objetos de ráfia (PROGRAMA DE ENSINO PRIMÁRIO DO ESTADO DE SÃO PAULO, 1950, p. 35 - 51).

No planejamento o professor deveria estimular as crianças a observarem modelos diversos de objetos que poderiam ser confeccionados e guiá-las na apreciação destes moldes, “procurando despertar-lhe o gosto artístico e a imaginação criadora” (PROGRAMA DE ENSINO PRIMÁRIO DO ESTADO DE SÃO PAULO, 1950, p. 48).

A criação de tecidos próprios por meio da sobreposição de fios, utilizando o tear manual, lançadeira ou agulha grossa também seria uma das atividades que poderiam ser propostas ao utilizar essa técnica (LEMGRUBER, 1956, p. 96). O tear manual poderia ser construído pelos alunos, com madeiras, pregos e outros materiais de fácil acesso, desenvolvendo o espírito de economia e o conhecimento das ferramentas.

No início de suas formações os estudantes aprenderiam as habilidades que, mais tarde seriam utilizadas na tecelagem, tapeçaria e cestaria realizando a trançagem em papéis. Nos anos mais avançados utilizavam um bastidor montado como tear e realizariam a confecção das peças trabalhando com o entrelaçamento de fios.

Esse tipo de trabalho seria utilizado para “distrair” os alunos, dando-lhes uma ocupação prazerosa enquanto trabalhavam com as mãos. Lemgruber (1956) aponta que tais trabalhos seriam de fácil execução na escola, por se tratar de uma técnica que todos os seres humanos teriam propensão a desenvolver, sendo considerada uma arte instintiva.

Segundo a autora:

O aprendizado da cestaria oferece aos alunos ocupação agradável e muito educativa. Fortalece as faculdades de ação, desenvolve o gosto, proporcionando-lhes distrações a que se entregam com prazer. Fácil e pouco dispendiosa, a cestaria satisfaz as crianças e jovens que da escola estendem-na até a casa. Ficam encantadas com a facilidade do trabalho, para o qual dispõem de ferramental insignificante, usando as próprias mãos como principal instrumento (LEMGRUBER, 1956, p. 100).

A afirmação da autora nos mostra a importância que se dava à questão da economia nas aulas de Trabalhos Manuais, bem como a tentativa de fazer com que os alunos tivessem a imagem do trabalho como algo prazeroso, criando a sensibilidade para o labor.

A autora ainda continua dizendo que:

Quanto mais distrações o trabalho proporciona, mais facilidade encontram os alunos e, enquanto trabalham com as mãos, descansam a memória quando fatigada pelo excesso de exercício intelectual. Ficara assim a criança mais apta para vencer mil pequenas dificuldades que diariamente se apresentam na vida. Terminado o trabalho, o aluno se admirará do que ele próprio executou; nascerá confiança em si mesmo e a certeza de que será capaz de criar muitas outras coisas úteis e belas (LEMGRUBER, 1956, p. 100).

Assim como Lemgruber (1956), Braga (1926) defende a confecção de cestas pelas crianças e a utilização dessa técnica para além dos muros da escola. Segundo o autor:

A cestaria satisfaz a necessidade de uma indústria doméstica para as crianças, podendo os jovens cesteiros nela praticarem, não somente nas escolas ou estabelecimentos similares, mas em suas próprias casas, também. Embora nunca tenham feito móveis, nem rústicos sequer, ficarão fascinados, verificando sua produção em cestaria com materiais de que possam dispor facilmente (BRAGA, 1926, p. 6).

Percebe-se pela fala de ambos que Trabalhos Manuais, além de ensinar alguns aspectos da indústria, buscava criar a consciência e a sensibilização nas crianças de que o trabalho com as mãos seria uma forma de descanso do dia a dia e do esforço do pensar. Não passando pela crítica que para se produzir em tamanha perfeição os objetos, como cobrado nas prescrições, seria necessário, para além do físico, um desenvolvimento mental e condução gestual rigorosa.

Quando tratamos das questões de gênero, percebe-se que os trabalhos de tapeçaria, tecelagem e cestaria, apesar de primos dos trabalhos de agulha, não possuem uma diferenciação

entre os ensinamentos masculino e feminino, talvez pelo fato de serem trabalhos ligados ao desenvolvimento industrial, ou porque tenha um certo cunho de passatempo.

Parece-nos também que o trabalho é indicado pelos autores (nos compêndios utilizados como fonte para os professores) como algo divertido, quase utilizado para um momento de lazer. E que lazer melhor do que o momento do trabalho árduo de pensar e produzir um objeto de maneira contundente, asseada, bela e útil? Afinal, o ócio não seria algo bem-vindo na escola e muito menos em uma sociedade moderna e produtiva.

### **Trabalhos de agulha**

De todos os trabalhos desenvolvidos na disciplina de Trabalhos Manuais os de agulha são os que mais deixam clara a divisão de gênero e as posições propostas às mulheres no período estudado.

Ainda que houvesse mulheres trabalhadoras, a elas ainda caberia o cuidado do lar, em uma dupla jornada. Nesse sentido, a disciplina de Trabalhos Manuais serviria como um auxiliar na formação feminina, dotando-as de “conhecimentos práticos e úteis para as necessidades domésticas”, auxiliando assim a “preparar os filhos do povo para a vida prática, ensinando-lhes o que seja necessário, indispensável e capaz de lhes dar os meios de suprirem-se a si próprios” (RELATÓRIO DA INSPETORIA PÚBLICA, Piracicaba, 1933, p. 88).

Em sua Enciclopédia de Trabalhos Manuais<sup>13</sup>, Bertha Schwetter indica que a estética de um lar depende das mulheres e que, para isso, desenvolver as habilidades manuais seria de grande utilidade, visto que:

A beleza dum interior nem sempre depende do preço e da quantidade dos objetos que o adornam. Uma sala modesta que custou algumas centenas de mil réis pode ter uma aparência mais agradável e harmoniosa que um salão rico que custou dezenas de contos (SCHWETTER, 1956, prefácio).

Podemos notar pela afirmação da autora que havia uma distinção de gênero ao se tratar dos usos e ocupações dos espaços domésticos, corroborando o que os conteúdos já tinham apontado na série com os cadernos de técnicas.

Em artigo sobre a relação de espaços domésticos e a materialidade, Nascimento (2012) aponta para a existência de uma relação entre as formas de habitar e a organização social.

---

<sup>13</sup> Livro escrito por Bertha Schwetter, publicado pela editora Globo e utilizado pelas professoras durante as décadas de 1940 a 1960. O compêndio é dividido em duas partes: O fio e seu emprego e tecido e fio. Assim, a enciclopédia traz toda uma gama de trabalhos e “artes domésticas” que podem ser desenvolvidos pelas meninas nas aulas e em casa.

Segundo a autora, os espaços domésticos e a materialidade nele contida nos dão uma dimensão sobre os cotidianos, sendo capazes de indicar uma “história social”, da família, da relação entre os espaços e as maneiras de habitar, seus usos e estruturas. Tal fator seria capaz de trazer reflexões quanto aos significados de família, intimidade, convivialidade e sexualidade (NASCIMENTO, in LIRA e LOPES, 2012, p. 27).

A casa representaria na sociedade as relações entre espaço público e privado, evidenciando, na maneira como era organizada, as dicotomias entre homens e mulheres, pais e filhos, patrões e empregados, lugares de intimidade e sociabilidade, ócio e trabalho, ideias e práticas de conforto, higiene e prazer (NASCIMENTO, in LIRA e LOPES, 2012, p. 31).

A afirmação de Schwetter (1956) de que caberia às mulheres a definição e cuidado da estética do lar evidencia um pensamento tradicional que segundo Nascimento (2012):

(...) reinava na sociedade dos anos 1950, onde a mulher dos anos dourados ainda estava limitada aos recônditos do lar e aos papéis de esposa e mãe, colocava aquelas que buscavam outras formas de inserção social muitos desafios (NASCIMENTO, in LIRA e LOPES, 2012, p. 176).

As relações entre os espaços domésticos e habitacionais e a maneira como eram constituídos não apenas representavam as relações de poder, ou a diferença entre os sexos, mas também eram utilizadas para construir relações sociais, envolvendo “formas e instituições morais, econômicas e políticas, além de uma série de símbolos culturais e conceitos normativos acerca do masculino e do feminino” (NASCIMENTO, in LIRA e LOPES, 2012, p. 29).

Desse modo, o papel imposto para as mulheres no cuidado com o lar e os padrões de decoração exigidos para os trabalhos de agulha, contribuía para produzir e reproduzir os ideais de formação de homem, como sujeito político, e mulher, como sujeito doméstico, servindo como um controle social a partir da administração dos gêneros.

Isto posto, considera-se que, a beleza cobrada no desenvolvimento dos trabalhos utilizados para embelezamento dos lares das moçoilas, além de ressaltar um teor artístico e decorativo para os trabalhos de agulha, reforçam um ideal conservador que buscava ligar a mulher ao âmbito doméstico.

Considerando a formação para a economia, encontra-se no Relatório da Inspeção Pública de Piracicaba (1933) a indicação de que os trabalhos de agulha serviriam não apenas para auxiliar na organização do lar como também para a confecção de peças que poderiam poupar gastos “desnecessários” para as famílias mais pobres.

Segundo o documento:

A uma menina pobre, interessa mais aprender a cortar e a confeccionar a sua própria indumentaria e a de seus irmãozinhos, a concertar peças de roupas, fazendo costuras a máquina e a mão, do que perder o tempo em bordados finos, aplicações luxuosas, trabalhos em sêda e de pintura. Terminado o 4º ano, a aluna já é moça e auxiliará os pais cuidando dos maninhos. Dentro em breve estará casada e será mãe. Terá chegado, então, a ocasião de utilizar-se das prendas adquiridas na escola primaria, e, portanto, a hora de bemdizer ou amaldiçoar as professoras que teve (RELATÓRIO DA INSPETORIA PÚBLICA, Piracicaba, 1933, p. 88).

Compreende-se pelo excerto acima que para as meninas pobres, os trabalhos de agulha serviriam para manutenção econômica da família e do lar, tendo uma função de “utilidade imediata e prática”, como aponta o inspetor José de Campos Camargo em seu relatório sobre a disciplina. Compreende-se que as aplicações luxuosas e trabalhadas em sedas e pintadas seriam dedicadas às meninas que não necessitavam de um ofício. Tal fator nos mostra que enquanto as meninas ricas, poderiam utilizar os trabalhos para manter as mãos ocupadas em momentos de ociosidade, às meninas pobres restaria ficar cuidando de sua própria vida, dos irmãos e pais, para depois, ser mãe. Tal fator levava os trabalhos de agulha a ser considerado de “importância capital” para o ensino feminino (RELATÓRIO DA INSPETORIA PÚBLICA, Piracicaba, 1933, p. 88).

As falas do inspetor evidenciam uma visão de que as manualidades seguiriam um padrão na formação de crianças pobres, configurando um discurso elitista de educação e evidenciando ideias já concebidas que ligavam os trabalhos manuais à qualificação da vida de gente pobre.

Outro ponto ligado à sensibilização para a economia se dava na utilização dos materiais, assim como ocorre nas outras técnicas estudadas. Ao tratar sobre o ensino dos trabalhos em agulha o Programa de Ensino do Estado de São Paulo (1950) indica que caberia ao professor:

(...) guiando e orientando a criança no planejamento e na execução do trabalho, tecer considerações a respeito do material, sob o ponto de vista econômico, fazendo-la ver a necessidade de aproveitá-lo bem. Deverá também falar sobre o valor do trabalho, de sua utilidade, quando bem executado, procurando despertar-lhe o espírito de responsabilidade e maior interesse pela execução perfeita dos trabalhos manuais (PROGRAMA DE ENSINO DO ESTADO DE SÃO PAULO, 1950, p. 36).

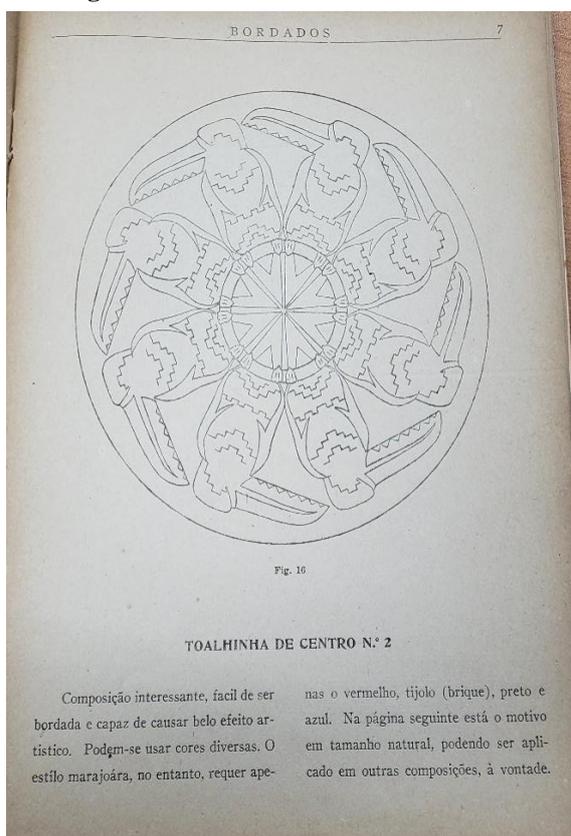
Os materiais deveriam ser, portanto, bem aproveitados e pensados para a realização de um trabalho perfeito e belo. Tal fator além de mostrar um valor pela economia dos materiais, apelando ao não desperdício novamente, mostra também a preocupação quanto a questão decorativa e artística do trabalho desenvolvido.

A escolha das cores e dos motivos de decoração dos objetos também ressaltam essa função artística dos trabalhos de agulha. Segundo consta no Programa de Ensino de 1950, os

trabalhos deveriam ser de fácil execução para não fatigar as crianças, além de considerar as cores que teriam grande importância para esse tipo de técnica, criando “combinações harmoniosas e delicadas” (PROGRAMA DE ENSINO DO ESTADO DE SÃO PAULO, 1950, p. 32), refletindo assim, por meio da utilização das técnicas artísticas, atitudes que se espera para uma esposa em seu lar: visão sem desperdício e harmonia na apresentação das coisas da casa.

As criações variavam desde toalhas e panos de uso caseiro que poderiam ser usados como decoração, até trabalhos mais produtivos e úteis ao dia a dia, tais como: pregar botões ou confeccionar peças de roupa e brinquedos. As figuras abaixo mostram alguns planejamentos, moldes e execuções de trabalhos de agulha:

**Figura 15** - Toalhinha de Centro - Molde



Fonte: Caderno nº 1 - bordados - Série Técnica de Trabalhos Manuais, aprox. 1940, p. 7 - Acervo CRE Mario Covas.

**Figura 16** - Modelo de bordado



Fonte: Enciclopédia de Trabalhos Manuais, SCHWETTER, 1956, p. 477.

Verifica-se pelas imagens a preocupação com a apresentação dos trabalhos, bem como a busca pela precisão dos pontos de agulha, na confecção de motivos decorativos considerados belos.

A **figura 15** mostra um planejamento de uma geometrização contida no caderno nº 1 de bordados da Série Técnica de Trabalhos Manuais e é indicada como uma “composição

interessante, fácil de ser bordada e capaz de causar belo efeito artístico” (SERIE TÉCNICA DE TRABALHOS MANUAIS, bordados, aprox. 1940, p. 7). O compêndio indica ainda as cores a ser utilizadas e diversas possibilidades para aplicação do desenho que, apesar da indicação de facilidade, não parece ser uma execução tão simples, visto que apresenta o estereótipo de um tucano que na versão bordada recebe cores, tornando o trabalho mais detalhado.

Tais indicações eram comuns nos livros de manualidades, os planejamentos realizados deveriam pensar na harmonia das geometrizações e cores, mesmo que utilizassem os pontos mais simples e, apesar das imagens serem apresentadas em preto e branco, há a indicação para utilização de cores diversas, o que podemos notar ao considerar as nuances nas tonalidades de cinza observadas na **figura 16**.

A **figura 16** mostra um modelo de bordado em toalha com ornamentos pensados para mesclar a funcionalidade e a estética artística do objeto, corroborando a afirmação de que os trabalhos deveriam ser belos e funcionais.

Havia uma variedade de lições que poderiam ser realizadas no ensino de agulha, dos pontos mais simples à confecção de roupas, principalmente brancas, tal qual indica Soares<sup>14</sup> (1913) em seu livro “Methodo prático de corte”. Ao analisar as figuras acima, podemos verificar que essa variedade não deixaria de lado a cobrança pela perfeição estética, sendo ambas, modelos que demonstram que, como aponta Schwetter (1956), a elaboração dos motivos dependeria do avanço das estudantes, criando-se “verdadeiros trabalhos artísticos” (SCHWETTER, 1956, p. 01), o que exigiria um domínio de gestos, técnicas e ferramentas que nem sempre seria fácil a todas as estudantes, apesar dos compêndios o fazerem parecer.

Os trabalhos de agulha tiveram grande projeção no ensino de Trabalhos Manuais, sendo observada uma variedade de técnicas e uma grande quantidade de trabalhos, como tratado anteriormente, no primeiro capítulo dessa dissertação.

Ao analisar e comparar as técnicas apresentadas nesse capítulo percebemos que, apesar de cada conteúdo desenvolvido na disciplina lidar com uma técnica específica, havia uma norma metodológica e procedimentos específicos observados no ensino de todos os conteúdos, que propunham a obtenção de hábitos e o aperfeiçoamento intelectual, estético e social dos estudantes. Além disso, Trabalhos Manuais buscava o desenvolvimento de hábitos relacionados ao controle social, corporal e comportamental (incorporados nas orientações e maneiras como

---

<sup>14</sup> Rosina Nogueira Soares foi professora e inspetora da Escola Normal Secundária de São Paulo, escreve o livro para que possa ser utilizado por suas alunas na aplicação das técnicas para o ensino primário. Foi utilizado como manual para a disciplina, indicado nos programas de ensino, por isso sua utilização nesse trabalho.

os estudantes deveriam se portar, se vestir e lidar com as ferramentas para a confecções de objetos).

A disciplina traria ainda um ideal de ensino artístico; visto que o planejamento dos motivos, utilizados na decoração dos objetos, tendiam a seguir formas e cores harmonizadas que refletiam o gosto da época (nem sempre considerando o gosto artístico da própria criança).

As concepções da disciplina seriam utilizadas, portanto, para ressaltar a moralidade e a noção de civismo considerada ideal para educação dos futuros trabalhadores da nação.

Tendo em vista tais afirmações, no próximo capítulo analisaremos as normas metodológicas do ensino de Trabalhos Manuais, buscando compreender qual o valor das mãos para essa disciplina.

### **CAPÍTULO 3 - EDUCANDO AS MÃOS E O OLHAR**

*“O Homem pensa porque tem mãos”  
Anaxágoras*

*“A mão é a janela que dá para a mente”  
Immanuel Kant*

Ao analisar os documentos encontrados, verificamos que durante o período recortado, a disciplina de Trabalhos Manuais teria sido considerada tão imprescindível quanto a leitura e a escrita, aparecendo nos programas como um meio de desenvolvimento claro e preciso do estudante, satisfazendo as exigências da vida (KUSSÁ, 1948, p. 18).

Além de ser utilizada como uma forma de fixar conteúdos de outras disciplinas, Trabalhos Manuais auxiliaria no desenvolvimento integral dos estudantes, intensificando o desenvolvimento intelectual e a capacidade manual, ampliando os conhecimentos na matemática, na física, o gosto pelo belo e a arte de criar. Para isso, possuía normas metodológicas específicas, desenvolvendo o espírito de economia, o cuidado, o senso de responsabilidade e o zelo (WILSON e RYLAND, 1960, p. 06).

Considerando a relação dos trabalhos com a sensibilização e a educação estética das mãos e do olhar, esse capítulo analisará as normas didáticas envolvidas no ensino das manualidades, bem como as exposições realizadas pelos alunos ao final do ano letivo, compreendendo os símbolos de moral relacionados à disciplina e o valor, principalmente do tato, por meio da operação das mãos, tendo como base a relação da disciplina com a educação dos sentidos.

#### **Trabalhos Manuais: A Educação das Mãos e do Olhar**

*“Quando a cabeça e a mão estão separadas, a  
cabeça que sofre”  
Richard Sennett*

Durante muito tempo na história da educação, em teorias, os exercícios intelectuais estiveram separados dos manuais. A disciplina de Trabalhos Manuais surge com discursos que visam quebrar essa dicotomia entre mente e corpo, realizando o treinamento das mãos e do olhar para criação de um bom gosto estético.

Como visto anteriormente, Trabalhos Manuais realiza a disciplinarização dos saberes a muito constituídos nas guildas de artesãos e nas famílias, primeiramente com o intuito de

profissionalização e, mais tardar com o intuito de educar as sensibilidades e desenvolver a expressão dos estudantes.

A partir do estudo das manualidades as crianças teriam um progresso, combinando o saber fazer e a elaboração teórica. A medida em que dominassem os gestos, as ferramentas e os materiais, seriam capazes de se adaptar a qualquer situação cotidiana. No processo de fazer um objeto a criança exercitaria o pensamento e o sentimento, o espírito de trabalho e a economia, a medida em que uniria o trabalho com as mãos e o trabalho intelectual (KUSSÁ, 1948, p. 16).

Kussá (1948) aponta que as aulas de Trabalhos Manuais processariam concomitantemente o desenvolvimento manual e intelectual, beneficiando os educandos, visto que essas seriam “duas forças que se completam” (KUSSÁ, 1948, p. 16). Desse modo, os trabalhos manuais, como meio educativo, equilibrariam a mente e o corpo e levariam a criança a adaptar-se às exigências da sociedade moderna, a medida em que tornaria mais prático o ensino intelectual (SANTOS, 1962, p. 233).

As concepções de educação dos sentidos estiveram presentes na educação desde o século XIX. No Livro Primeira Lições de Coisas, traduzido por Rui Barbosa, Norman Calkins (1886) já indicava que as mãos estariam ligadas à educação doméstica dos sentidos (CALKINS, 1886, p. 41), em casa as crianças desenvolveriam as habilidades de sua mão e de seus sentidos primordiais (paladar, olfato, audição), realizando tarefas que ampliassem suas habilidades naturais, enquanto na educação escolar essa primeira educação doméstica seria ampliada e a percepção inicial da criança se transfiguraria em conhecimento. Ao educar os sentidos a criança teria os meios de se comunicar com o mundo, desse modo “a percepção leva a concepções ou ideias, que a memória retém, ou evoca” (CALKINS, 1886, p. 31).

Portanto, compreendemos que a disciplina de Trabalhos Manuais no período recortado, reforçaria os princípios defendidos para a educação dos sentidos já existentes na educação do século XIX, considerando o desenvolvimento das técnicas, habilidades e competências manuais no refinamento da ação da mão.

Ao pensar na educação das mãos, há que se considerar que a criança em sua natureza possui as mãos inquietas, ávidas pelo conhecimento do mundo. As mãos inquietas serviriam como um auxiliar da educação. Ao aprimorar as habilidades com as mãos a criança estimularia e desenvolveria também seu cérebro e, conseqüentemente, todos os outros sentidos. O trabalho com as mãos estaria, portanto, intimamente ligado ao desenvolvimento do olhar atento (JENKINS, 1915, p. 01).

Segundo Jenkins (1915) ao trabalhar com as mãos a criança utilizaria os olhos e a mente, direcionando ambos para a confecção de seus projetos, desenvolvendo-se integralmente, o que se contrapunha ao ensino livresco. Aprender fazendo seria o melhor método para usar as habilidades naturais e multiplicar o interesse pelas coisas ao seu redor (JENKINS, 1915, p. 01 e 02).

O autor aponta ainda que o trabalho manual educativo, tal qual proposto na disciplina de Trabalhos Manuais, serviria para desenvolver a habilidade da mão e do olhar e uma atitude mental que serviria como base para que as crianças pudessem ter uma posterior formação técnica (JENKINS, 1915, p. 02).

O Anuário de Ensino do Estado de São Paulo de 1926, fala sobre essa relação entre as mãos e o olhar nas aulas de Trabalhos Manuais ao afirmar que:

Nas classes a criança aprenderá concomitantemente a trabalhar com o cérebro e a trabalhar com as mãos; a exercer a sua actividade mental e a sua actividade manual; a servir-se ao mesmo tempo do cérebro e das mãos, isto é, a pensar e a obrar, a reflectir e agir, pondo em pratica os conhecimentos e as habilitações que logrou adquirir. Aquelle que aprendeu nos verdes anos a trabalhar com as mãos, jamais perderá esse hábito e terá uma visão mais clara, mais exacta e mais pratica na vida (ANUÁRIO DE ENSINO DO ESTADO DE SÃO PAULO, 1926, p. 277).

O discurso do Anuário de 1926 dialoga com as práticas defendidas pela pedagogia no período recortado. O exercício das mãos e a utilização dos sentidos (audição, tato, paladar, visão, olfato) de maneira prática na aprendizagem auxiliaria na plena educação dos estudantes, que poderia aplicar as habilidades aprendidas em seu dia a dia, melhorando sua própria vida (BOMFIM, 1926, p. 33).

Pensadores como Rousseau, Pestalozzi e Fröebel, falavam sobre a importância da educação corporal e dos sentidos para o desenvolvimento de sensibilidades, a experimentação corporal do mundo mobilizaria processos que auxiliariam a “capturar o mundo”, desenvolvendo a inteligência e a moral dos estudantes (BRAGHINI, MUNAKATA e TABORDA DE OLIVEIRA, 2017, p. 21).

O Anuário de Ensino de São Paulo (1915) já falava sobre a importância do trabalho manual no desenvolvimento físico, intelectual e moral do estudante, sendo esse ensino metodizado traria ao aluno “saúde, coragem no empreender e constância no realizar” ao mesmo tempo em que desenvolveria suas habilidades manuais de ambas as mãos, dando-lhe sem que este perceba as “vantagens para o equilíbrio de seu sistema nervoso e do aparelho circulatório”, na medida em que desenvolveria a ambidestria (ANUÁRIO DE ENSINO DO ESTADO DE

SÃO PAULO, 1915 , 1915, p. 38) Tais concepções permanecem no ensino das manualidades durante toda sua existência no currículo.

Por conseguinte, compreende-se que para a formação dos sentidos seria necessário partir de experiências sensoriais, sensações e percepções de materiais, elaboração de concepções, para a realização de exercícios concretos. No caso de Trabalhos Manuais, podemos ressaltar como exercícios concretos os planejamentos e as confecções de objetos.

Assim, a educação se faria em uma composição tríplice, por um programa de formação física, intelectual e moral, tornando o indivíduo capaz de se adaptar seja ao que for (BOMFIM, 1926, p. 35).

Percebe-se que a disciplina de Trabalhos Manuais trouxe um processo de reconsiderar a importância das mãos para a aprendizagem, ensinando técnicas, habilidades e competências que ao trabalhar com a mobilização das mãos e do olhar, não apenas no sentido físico, mas no desenvolvimento de habilidades cognitivas de resoluções de problemas, auxiliava no desenvolvimento de sensibilidades ligadas à modernidade.

Não obstante o ensino das manualidades aliava-se ainda ao, já sabemos, ensino de desenho, que auxiliaria a desenvolver o gosto estético e o pensamento concreto. O desenho está associado à manualidade, pois, seria uma produção preliminar que serviria para ajudar o cérebro a conferir sentido à bidimensionalidade, facilitando a confecção de produtos tridimensionais.

As diferentes técnicas trabalhadas também tornariam a mão mais hábil para o desenvolvimento de diversos tipos de serviços futuros. O uso de cada ferramenta pressupõe a utilização de uma musculatura específica, desenvolvendo um gesto e uma coordenação motora própria para cada técnica.

Isso posto, compreende-se que ao realizar trabalhos diversos, as crianças adquirem repertório que podem ser refinados ou revistos ao longo das práticas educacionais. Ao educar os movimentos das mãos, Trabalhos Manuais direcionaria também o olhar, criando uma atenção dirigida no estudante, auxiliando na educação da paciência, da atenção e desenvolvendo o cérebro, fixando conhecimentos diversos (KUSSÁ, 1938, p. 16).

Os estímulos visuais seriam um aliado para o desenvolvimento das habilidades manuais e, por conseguinte, as habilidades manuais estariam ligadas ao desenvolvimento da própria mente, visto que, ao lidar com os materiais e ferramentas no desenvolvimento de seus projetos, as crianças realizariam operações mentais ao escolher o melhor procedimento e materiais para que sua produção pudesse ser a mais precisa, econômica e bela. Desse modo, as crianças aprenderiam a controlar e organizar seus sentidos.

O controle dos sentidos seria algo ambicionado pela sociedade moderna, visto que por meio dele seria possível desenvolver atributos de civilidade (higiene, cortesia, caráter) (BRAGHINI, MUNAKATA e TABORDA DE OLIVEIRA, 2017, p. 187).

Sennett (2020) nos fala sobre o controle dos sentidos e a relação entre as mãos e as reações corporais e cerebrais ao explicar que as redes neurais envolvem os olhos, as mãos e o cérebro, permitindo que a visão, o tato e o ato de pegar (a coordenação) ajam em harmonia, possibilitando a percepção que nos ajuda a conferir sentido ao mundo à nossa volta (SENNETT, 2020, p. 173).

O autor compara essa associação entre as mãos, o olhar e o cérebro, explicando as ações de um artífice. Segundo consta:

A integração entre a mão, o punho e o antebraço, permite aprender as lições da força mínima. Feito isso, a mão pode trabalhar com o olho para contemplar fisicamente o que vem pela frente, antecipando e assim sustentando a concentração. Cada etapa, apesar de desafiadora, dá sustentação à passagem para a seguinte, mas cada uma delas é também um desafio por si mesmo (SENNETT, 2020, p. 264).

Desse modo, a técnica estaria sempre ligada à expressão, aliando os sentidos das mãos, do olhar e do pensamento nas diferentes maneiras de produção. Ao segurar os objetos, ao planejar suas confecções, compreendendo as variantes necessárias para seu bom funcionamento, escolhendo as cores, os padrões, as formas, sentindo as texturas, trabalhando seu acabamento perfeito, prevendo a economia dos materiais; os estudantes criariam uma unidade entre a cabeça e a mão, entre o físico e o intelectual, ampliando sua atenção, sua precisão e seu gosto artístico.

A educação das mãos tornaria a criança hábil, auxiliaria a formação de seu caráter e seria um exercício da paciência. O Relatório de Ensino de Jaboticabal (1939) compara o ensino das mãos realizados em Trabalhos Manuais com os exercícios de ginástica, visto que as atividades proporcionariam aos estudantes o ambidestrismo, tornando os dedos ágeis (RELATÓRIO DE ENSINO DE JABOTICABAL, 1939, p. 319).

Kussá (1948) aponta que durante as aulas de Trabalhos Manuais deveria ser considerado o desenvolvimento comum do cérebro aliado às habilidades das mãos, assim o professor estimularia o aluno a realizar trabalhos que exigissem cada vez mais interesse, perfeição e esforço (KUSSÁ, 1948, p. 13). Tal fator treinaria a mão, no desenvolvimento de novas maneiras de tocar, e o olhar, pelo treinamento de observação dos materiais e das transformações dos objetos, mas também na maneira como eram finalizados, considerando as combinações de cores e motivos decorativos.

Haveria, portanto, uma ligação entre o ato de observar e realizar, transformando o pensamento abstrato em algo palpável, real, concreto. Os olhos seriam habituados a perceber com atenção, a distinguir os elementos (formas, tamanho, extensão, largura, cor, volume, comprimento, largura), para que as mãos realizassem a tarefa de transformar a matéria em objetos concretos, imprimindo-lhes novas formas, significados e utilidades.

O professor que conseguisse fazer com que as crianças compreendessem a importância de Trabalhos Manuais, formando as meninas “para boas donas de casa” e os meninos “para o hábito do trabalho” poderiam sentir o “consolo de ter concorrido (...) para a formação de criaturas humanas, portadoras de qualidades uteis para o dia de amanhã, (...) capazes de ganhar o seu necessário para a vida” e, formando pessoas capazes de utilizar suas mãos, olhos e cérebro para a obtenção de uma renda, seja ela qual for, teríamos pessoas que “só dignificam o Brasil” (RELATÓRIO DE ENSINO DE JABOTICABAL, 1939, p. 321).

Compreende-se, portanto, que dentro da disciplina de Trabalhos Manuais, o papel principal das mãos seria o de trazer equilíbrio entre o pensar e o fazer, e o olhar para planejar, expressar e sentir. Assim, a escola lapidaria as emoções e os comportamentos das crianças, ensinando-as atitudes e pensamentos necessários ao seu bom desenvolvimento e adequação pessoal e profissional, ou seja, à vida moderna.

Para tanto, existiriam regras específicas que auxiliariam na sensibilização do corpo, indicando posturas específicas a ser seguidas. Considerando a existência dessas orientações adotadas em Trabalhos Manuais, o próximo tópico propõe a análise das normas metodológicas existentes na disciplina.

### **Normas metodológicas do ensino de trabalhos manuais: A sensibilização do corpo**

Os Trabalhos Manuais possuíam principalmente um fim educativo, devendo obedecer à princípios metodológicos definidos e normas. A orientação dada aos professores era a de que deveriam utilizar o princípio do *Slojd* (mesmo utilizado nos trabalhos em madeira), que pregaria o trabalho educativo para formar a “alma cívica da criança e do jovem”. Segundo Assis (1927) nos trabalhos manuais sempre encontraremos aplicada o *Slojd*, sendo esse ampliado e modificado, considerando os ideais, os sexos, os meios e materiais e as raças (ASSIS, 1927, p. 369).

Sendo assim, aos alunos caberia a preocupação com a perfeição de suas criações, o trabalho com motivação para obtenção de algo realmente necessário, a criação de planos e projetos específicos que, com o auxílio dos professores, serviriam para confeccionar objetos.

Ao analisar os livros e compêndios da disciplina, foi possível notar que os alunos, ao realizar seus planos deveriam considerar os seguintes pontos:

1. Pensar a finalidade do objeto a ser executado;
2. Realizar um desenho que contivesse a ideia e a decoração do objeto;
3. Listar a matéria prima necessária;
4. Listar as ferramentas e compreender o uso correto de cada uma delas;
5. Considerar o acabamento do trabalho;
6. Realizar um relatório indicando o passo a passo da execução.

Ao professor caberia auxiliar os alunos no desenvolvimento desse plano e ao aluno realizar a execução, em busca de criar um objeto belo e harmônico (LEMGRUBER, 1956, p. 17).

A criança teria a oportunidade de realizar os trabalhos que idealizou e o professor a orientaria para o melhor caminho, corrigindo as falhas que o planejamento pudesse apresentar. Segundo Lemgruber (1956):

A criança será levada a construir primeiro aquilo que ela puder fazer bem, depois coisas mais elevadas, o que conseguirá com bom resultado. Cabe ao professor sanar todas as dificuldades, louvando o esforço do aluno e encaminhando-o no sentido de fazer o melhor com o mínimo de energia (LEMGRUBER, 1956, p. 18).

Assim, compreende-se que os alunos deveriam se preocupar, principalmente, com a qualidade do trabalho desenvolvido, considerando a perfeição na confecção dos objetos, desenvolvendo-os de acordo com as suas habilidades.

Segundo consta nos materiais didáticos analisados o ideal seria que a sala de aula fosse limpa, arejada e bem iluminada, sendo conservada em perfeitas condições de higiene e organização (SANTOS, 1962, p. 229). Além disso, a sala deveria ter instalações adequadas para o seu bom funcionamento e estar distante das demais dependências de estudo para que os alunos utilizassem as ferramentas sem prejudicar “o bom funcionamento das outras classes” (LEMGRUBER, 1956, p. 19).

Contudo, ao analisar os Programas e os Relatórios de Ensino do Estado de São Paulo, é possível perceber que essa não era uma realidade no ensino de Trabalhos Manuais em todas as unidades e nem ocorreu de maneira constante. O Anuário de Ensino de São Paulo (1926), por exemplo, indica como uma possibilidade para a resolução dos problemas com a falta de oficinas, a utilização das próprias salas de aula realizando adequações no espaço, tais como colocar pranchetas nas carteiras e protegê-las com folhas de jornal para evitar “arranhões e

estragos causados pelo atrito” (ANUÁRIO DE ENSINO DO ESTADO DE SÃO PAULO, 1926, p. 276).

Dez anos depois, o Anuário indicaria a existência de apenas algumas oficinas em funcionamento nas escolas, citando três na capital (Grupo Escolar Antonio Prado, 3º Grupo Escolar do Braz e Grupo Escolar Eduardo Prado) e três no interior (Grupo Escolar Bernadino de Campos em São Roque, Grupo Escolar da Villa dos Lavradores em Botucatu e Grupo Escolar do Sertãozinho) (ANUÁRIO DE ENSINO DO ESTADO DE SÃO PAULO, 1936, p. 359).

O Relatório de Ensino de São Carlos (1939) indica que apenas três escolas teriam em seus espaços, oficinas próprias para Trabalhos Manuais, sendo que nas outras unidades não seria possível a utilização desse tipo de espaço visto que os Grupos, muitas vezes, não teriam nem ao menos salas suficientes para comportar o número de alunos matriculados (RELATÓRIO DE ENSINO DE SÃO CARLOS, 1939, p. 21).

O Relatório da Inspeção Pública de Ribeirão Preto (1934) ao mesmo tempo que traz trechos em que mostra o apreço pelos trabalhos manuais realizados pelos alunos (RELATÓRIO DA INSPETORIA PÚBLICA DE RIBEIRÃO PRETO, 1934, p. 160), também mostra que a existência de uma sala própria para Trabalhos Manuais era rara. A indicação que encontramos no relatório de uma sala própria existente no Grupo Escolar Cel. Francisco Martins, fala sobre um valor de materiais depreciado (RELATÓRIO DA INSPETORIA PÚBLICA DE RIBEIRÃO PRETO, 1934, p. 317), o que nos mostra que havia uma inconstância no ensino das manualidades.

Ao comparar as informações obtidas nos relatórios de ensino, compreende-se que as salas pensadas para Trabalhos Manuais eram escassas, e o investimento nesse tipo de local estaria depreciado, o que seria um dos motivadores apresentados para a instabilidade da disciplina no currículo e pela opção de fazer trabalhos mais simples como a cartonagem.

Outro ponto a se considerar quando analisamos as didáticas envolvidas em Trabalhos Manuais é o fato de que as noções de higiene apareceriam não apenas na utilização e organização das ferramentas, mas também na confecção dos objetos. Os alunos deveriam realizar o trabalho com asseio e capricho, trazendo para o produto uma estética bela, além de funcional.

Em diversos relatórios encontramos imagens de objetos como os observados na imagem abaixo. A fotografia mostra uma sala de exposição de Trabalhos Manuais femininos. Os trabalhos apresentados referem-se aos trabalhos de agulha.

**Figura 17** - Trabalhos Manuais Grupo Escolar Amador Bueno, em Ipaussu



Fonte: Relatório da Inspeção Pública de Santa Cruz do Rio Pardo, 1942, p. 89.

Podemos verificar na imagem a presença de almofadas, lencinhos e peças de enxoval, peças de roupa e acessórios. Todos os objetos parecem ser bordados com motivos florais ou geométricos. É possível observar também que há uma predominância de objetos com coloração branca ou clara, tal fator evidenciaria questões de limpeza e higiene durante a confecção, visto que é muito mais fácil sujar um objeto branco do que um colorido. Além disso, é possível ter uma ideia do que seria a concepção de beleza tida na disciplina, já que se pode ver uma série de bordados delicados.

Compreende-se ao analisar a imagem e os documentos que o belo estaria ligado aos conceitos de branco, limpo, organizado, geométrico, simétrico, útil e econômico. Deste modo, tudo o que por algum motivo se desconfigurasse desses padrões seria rechaçado ou utilizado para reforçar as exigências vigentes.

Tais fatores influenciariam também na escolha dos materiais a ser utilizados, vemos em todos os documentos que seguindo um espírito de economia, os materiais deveriam ser reaproveitados dentro do que as crianças tivessem em seus lares ou regiões. O relatório da Inspeção Pública de Botucatu (1940) traz ainda a colocação de que o professor, ao solicitar os materiais deveria levar em conta a condição social dos alunos (RELATÓRIO DA INSPETORIA PÚBLICA DE BOTUCATU, 1940, p. 70). Desse modo, os objetos teriam uma variação quanto à qualidade do material utilizado, de acordo com a classe social.

Além dessas normas a serem seguidas na confecção dos objetos, o Programa de Ensino de Trabalhos Manuais das Escolas Primárias do Distrito Federal (1944) traz uma sequência de regulamentos a serem seguidos pelos estudantes, visando a melhor organização da disciplina.

Iniciando pelo objetivo, o programa indica que a disciplina não deveria transformar a escola em uma oficina, mas proporcionar as habilidades práticas, sem necessariamente profissionalizar aos estudantes, servindo como um programa pré-vocacional.

Ordem, asseio e exatidão são recomendações necessárias para a confecção dos trabalhos. O planejamento seria imprescindível para a perfeição das criações, pois:

(...) nele serão consideradas as possibilidades de construção, a natureza, o valor e a utilidade do objeto a ser confeccionado, assim como os recursos da escola para a realização do trabalho: material, ferramenta etc. O professor acompanhará a elaboração do projeto, observará o equilíbrio das proporções, simplificará a forma de construção, orientando a escolha do material adequado, quanto à qualidade e dimensões, assim como ministrando conselhos sobre a técnica de acabamento (Programa de Ensino de Trabalhos Manuais, *apud* Santos, 1962, p. 228).

O bom resultado do acabamento dependeria também do planejamento. O desenho deveria preceder a execução, como já dito, sendo que deveria “o mesmo ser realizado e projetado pelo próprio aluno, sob a direção do professor” (PROGRAMA DE ENSINO DE TRABALHOS MANUAIS (1944), *apud* Santos, 1962, p. 228).

Esses projetos poderiam variar de acordo com as necessidades do momento e com a capacidade criadora de cada criança. Para que o professor escolhesse a técnica que seria utilizada por cada classe, deveria verificar as principais “exigências da vida do lar e da escola”, contribuindo não apenas para a obtenção de conhecimentos, habilidades e técnicas como também para “a formação espiritual do educando”, pois a utilidade dos trabalhos traria motivação aos pequenos (PROGRAMA DE ENSINO DE TRABALHOS MANUAIS (1944), *apud* Santos, 1962, p. 228).

Para a formação desse “espírito trabalhador”, o professor deveria ressaltar sempre que oportuno a “dignidade do trabalho manual e o papel que o mesmo desempenha no aperfeiçoamento do caráter e da personalidade”, trazendo aos alunos exemplos “de grandes homens que começaram sua vida praticando os trabalhos manuais” (SANTOS, 1962, p. 230).

A autonomia e a iniciativa também seriam sentimentos importantes para a formação do trabalhador, desenvolvidos gradualmente nas aulas de Trabalhos Manuais. Inicialmente, a criança teria o auxílio e a interferência do professor, mas conforme fosse dominando as técnicas, teria maior independência para propor confecções utilizando sua atividade criadora e sua capacidade inventiva. Nesse ponto, os trabalhos deveriam ser apreciados com tolerância e

corrigidos dentro das normas técnicas (PROGRAMA DE ENSINO DE TRABALHOS MANUAIS (1944) *apud* Santos, 1962, p. 229).

O controle do corpo também deveria ser considerado na confecção dos objetos, visando a confecção perfeita dos mesmos e o desenvolvimento físico dos alunos, além de evitar acidentes que poderiam ser causados pelo mau uso das ferramentas ou de má postura.

A atenção à postura facilitaria, em tese, a confecção do trabalho, evitaria a fadiga e daria “maior rendimento ao esforço”, livrando a criança de maus hábitos. Assim seria preciso que a atitude corporal atendesse a certos “preceitos de ordem técnica e fisiológica”, a saber:

A atitude do corpo deve variar, naturalmente, com o tipo de trabalho. O aluno manterá, porém, sempre que possível, a cabeça levantada. Essa posição é recomendada, não só para economia de energias que seriam empregadas para sustentar a cabeça inclinada, como também para não dificultar a circulação de sangue. (...) O tronco deverá manter-se aproximado da vertical, de modo que o peito fique um pouco projetado para trás. A observância deste preceito é de grande valor higiênico, pois os pulmões e o coração podem funcionar livremente, o que não sucederia estando o corpo recurvado. Quase sempre os pés devem estar separados a uma distância regular e o balanço do corpo precisa obedecer a um ritmo especial, de acordo com a cadência dos movimentos, o que se torna, às vezes, indispensável, sobretudo quando se trabalha com ferramentas de cepo (plaina e rebote) e serrotes de lâmina (PROGRAMA DE ENSINO DE TRABALHOS MANUAIS (1944), *apud* SANTOS, 1962, p. 230).

Verifica-se pelo trecho acima que a disciplina propunha a disciplina do corpo e das ações, como um meio de sensibilizar para o trabalho. As posturas corporais “sugeridas” trariam um maior domínio sobre o corpo, certa rigidez e resistência, o que se faria necessário ao desenvolvimento em trabalhos físicos e/ou fabris. Em conjunto com o asseio e cuidado com as ferramentas, esse posicionamento auxiliaria no bom funcionamento da execução do projeto e, conseqüentemente, da confecção perfeita dos objetos, expandindo assim as tendências infantis para as atividades construtivas, servindo de alavanca para o “progresso do indivíduo e da sociedade” (SANTOS, 1962, p. 230).

O controle postural estaria presente tanto no ensino masculino quanto no feminino, sendo ligados diretamente a socialização do indivíduo. Para que os estudantes pudessem viver em uma sociedade civilizada, seria necessário o controle de seus impulsos primordiais, o controle corporal estaria associado à capacidade de autocontrole e da formação de sua personalidade, da qual dependeria a harmonia do viver social (BOMFIM, 1926, p. 16).

Além disso, por meio do controle corporal o indivíduo aprenderia a controlar também o meio em que vive, “sobrepondo-se à natureza”, adaptando-se conscientemente para uma vivência em sociedade. A educação serviria para “iniciar o indivíduo na vida”, nesse sentido,

ao aprender a controlar seu corpo, o aluno seria melhorado, corrigido, desenvolvendo-se e modificando-se, o que o levaria ao progresso como indivíduo (BOMFIM, 1926, p. 33).

Tendo em vista a maneira como seria desenvolvido os objetos dentro da disciplina de Trabalhos Manuais, no próximo tópico analisaremos o Caderno de Neuza Carmélia Bertoni, que apresentará algumas das informações trazidas pelos livros didáticos e, possivelmente, de aulas e nos dará uma perspectiva prática de como eram realizados os planejamentos dos objetos construídos na disciplina.

### **O caderno de Bertoni (1954): dobrar, trançar, tramar, coser**

Neuza Carmélia Bertoni foi aluna no Colégio Estadual e Escola Normal Aurélio Arrobas Martins (Jaboticabal/ SP). O caderno analisado foi produzido pela autora durante o ano de 1954, enquanto cursava a escola normal e mostra a construção de materiais com linhas, recortes, dobraduras e desenhos.

O caderno possui dimensões de 22 cm x 30 cm e 24 páginas todas preenchidas com planejamentos de atividades que poderiam ser realizadas nas aulas de Trabalhos Manuais. Esse exemplar pertence ao acervo pessoal da aluna Sra. Neuza Camélia Bertoni, hoje conhecido como Neuza Bertoni Pinto, e encontra-se disponível digitalmente, junto com outros trabalhos e documentos pessoais da aluna, no Repositório da Universidade Federal de Santa Catarina.

Analisar o caderno de Bertoni nos auxiliará a compreender as práticas propostas pelos materiais didáticos de Trabalhos Manuais e como seria realizado o planejamento de objetos e exercícios dentro da disciplina e sua correlação com a arte e estética.

**Figura 18** - Capa do Caderno de Bertoni, 1954



Fonte: Repositório UFSC.

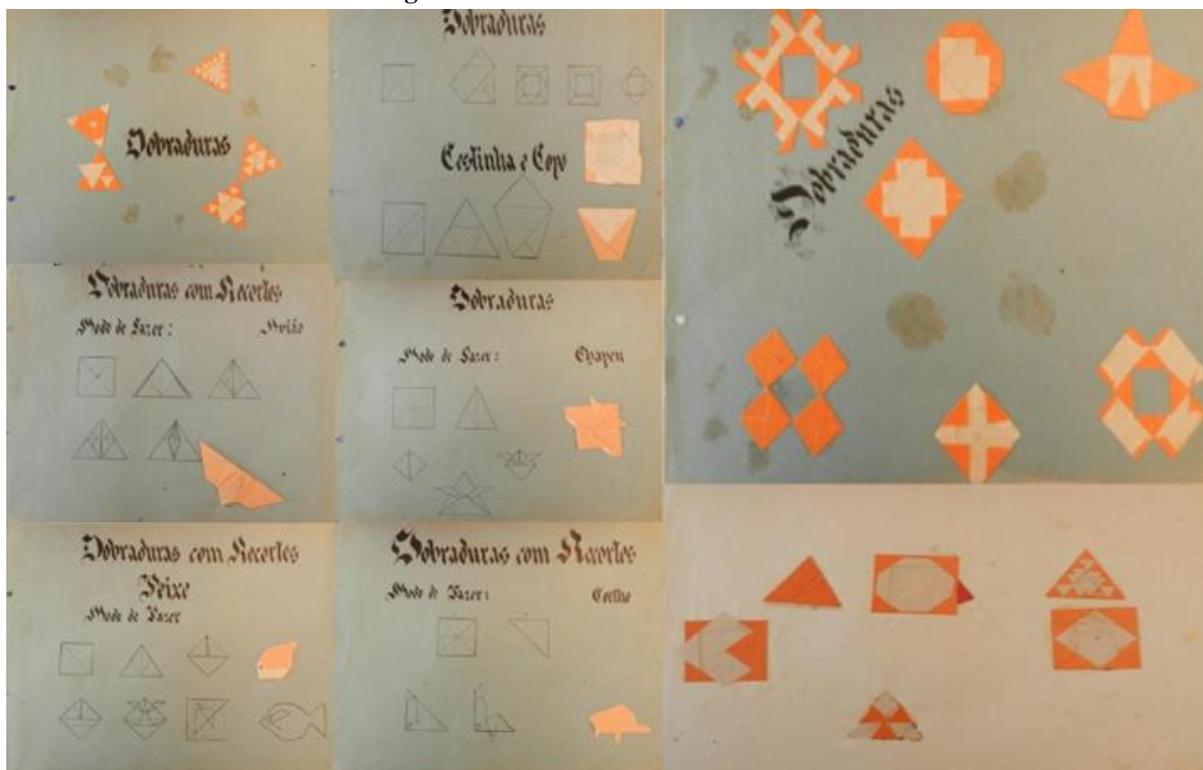
Feito utilizando técnica de cartonagem, costurado a mão e enfeitado com linhas bordadas, flores, desenhos e formas geométricas (**figura 18**), desde a capa ao conteúdo, o caderno traz as técnicas empregadas em Trabalhos Manuais.

As atividades apresentadas são compostas em sua maioria por técnicas de dobradura, cartonagem e trabalhos de corte e costura, o que, ao comparar com as propostas contidas nos livros didáticos estudados nos tópicos anteriores, nos leva a crer que seriam atividades pensadas para o ensino feminino.

Para melhor compreensão dos conteúdos, não apresentaremos aqui as páginas em ordem, mas agruparemos as análises por tipos de exercícios apresentados, sendo eles divididos da seguinte maneira: exercícios de dobradura, cartonagem e corte e costura.

Iniciaremos a análise pelos exercícios de dobradura. Abaixo observaremos as imagens das páginas que contém esses trabalhos:

**Figura 19** - Exercícios de dobradura



Fonte: Caderno de Bertoni, 1954, disponível em Repositório UFSC

Verificamos pela imagem acima que os exercícios de dobradura eram acompanhados por suas explicações gráficas/ geométricas. Os gráficos são divididos mostrando o passo a passo para se chegar a um resultado esperado e ao lado, encontra-se colado na página o resultado da dobradura. Há uma preocupação estética na apresentação das dobraduras, colocadas nas páginas de maneira harmoniosa e organizadas e trazendo um contraste entre as cores e as formas.

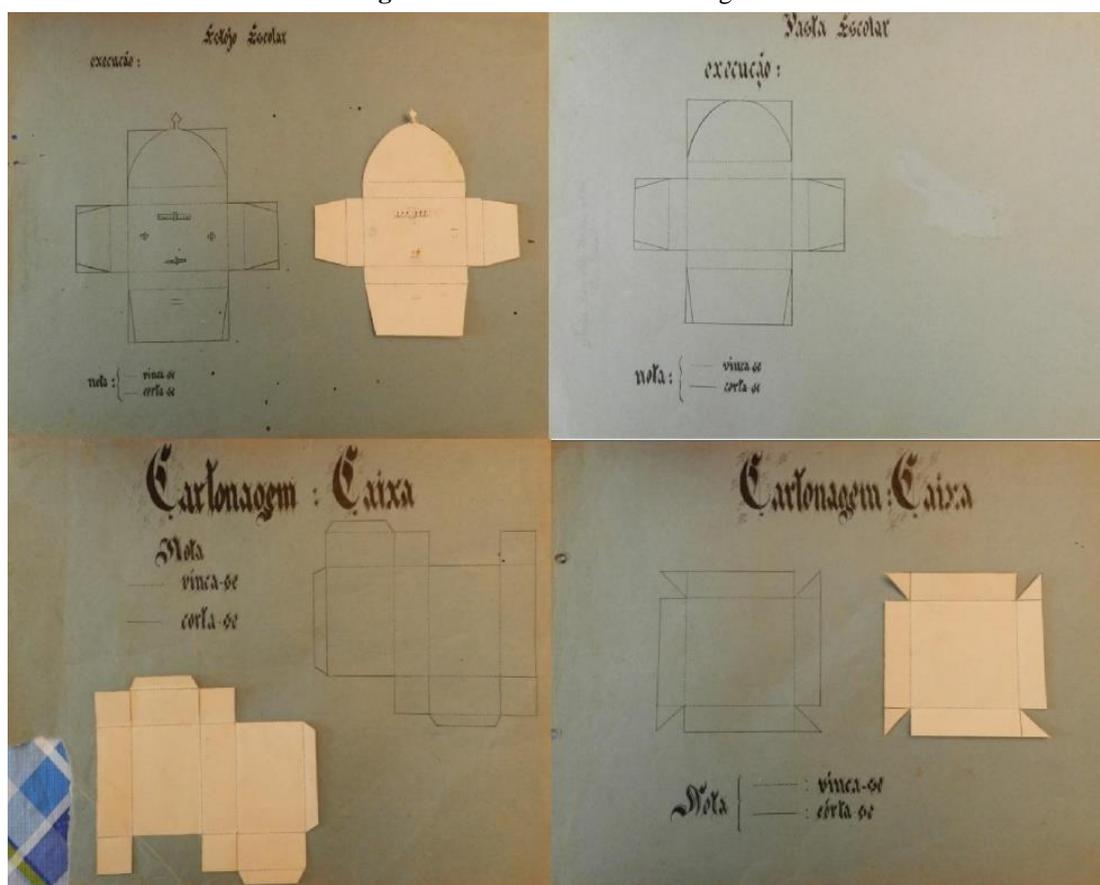
Há ainda um cuidado na apresentação dos títulos que trazem as letras estilo “gótico bastardo” proporcionalmente e linearmente, mostrando limpeza e organização na maneira como os exercícios são apresentados.

As dobraduras seriam utilizadas como uma maneira de fixação dos conteúdos estudados em outras disciplinas e para definição de conceitos como superfície, canto, ângulo, forma, número, e serviriam para realização de analogias e comparações que levariam a aprendizagem por meio de objetos, tal qual teria defendido Fröebel (KISHIMOTO e PINAZZO, 2006, p. 43).

Esse tipo de exercício trabalharia com o sentimento, a percepção e o imaginário infantil e deveria ser aplicado em ambas as modalidades de ensino (feminino e masculino).

Abaixo verificaremos os exercícios de cartonagem contidos no caderno de Bertoni.

**Figura 20** - Exercícios de cartonagem



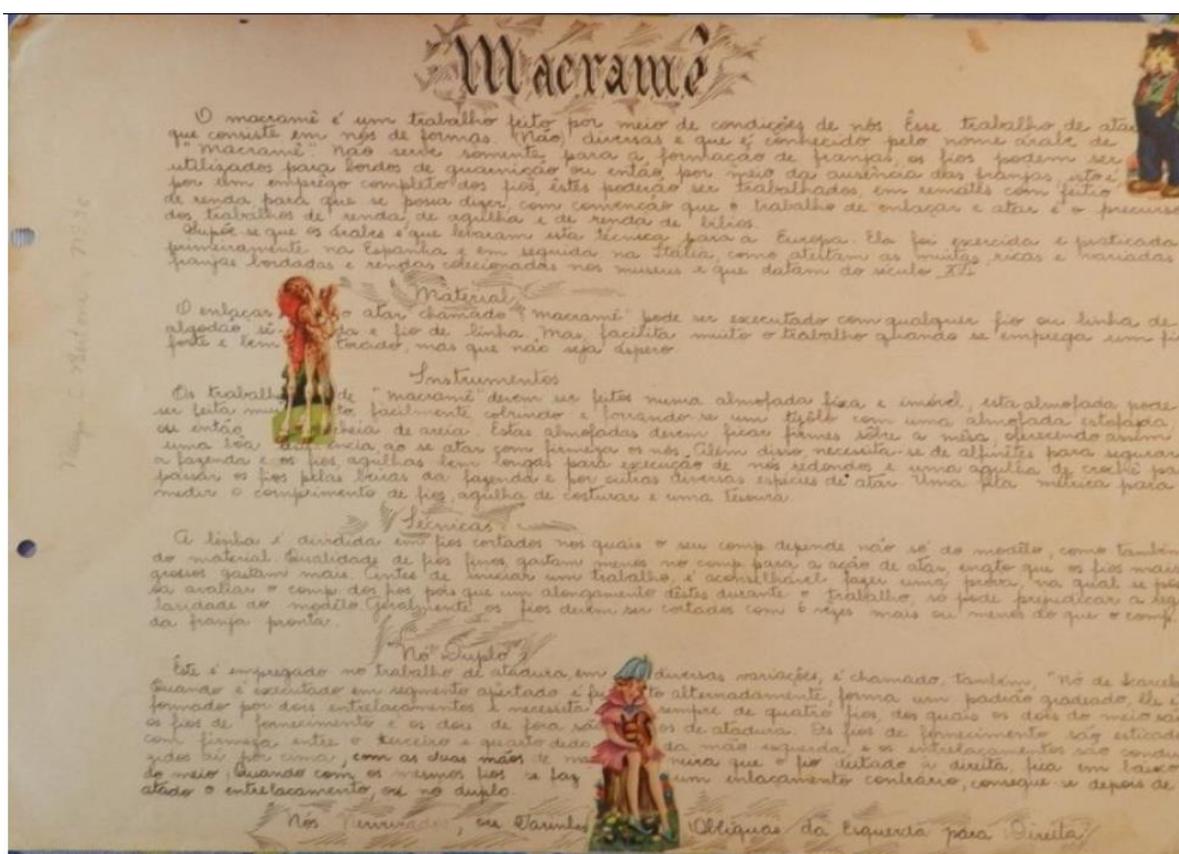
Fonte: Caderno de Bertoni, 1954, disponível em Repositório UFSC.

Verificamos ao analisar as páginas que assim como os exercícios de dobradura, as cartonagens possuem um planejamento desenhado que compõe a realização do objeto. Percebe-se também que há uma preocupação com a execução, visto que traz indicações precisas para a confecção do trabalho. Os vincos, dobras e recortes são indicados em legendas nas páginas, no desenho do planejamento e, também, no papel que se utiliza para a confecção do produto.

É possível verificar que, sendo a cartonagem uma evolução dos exercícios de dobradura, por exigirem maior habilidade e destreza das mãos para a confecção dos sólidos, já não temos a construção de objetos pensados apenas em uma relação imagética, mas sim, considerando sua utilidade. Estojos, caixas, pastas e arquivos são utensílios que dialogam com o dia a dia escolar, o que nos mostra que as técnicas mais avançadas seriam utilizadas considerando o viés econômico e laboral, tal qual apontavam anteriormente os programas e livros didáticos.

Outro ponto encontrado nas análises do caderno de Bertoni é a indicação do estudo dos materiais e técnicas antes de desenvolvê-las. Ao estudar os itens ligados à corte e costura encontramos páginas que historicizam a técnica antes de apresentá-la e empregá-la.

**Figura 21** - Estudos históricos sobre Macramê



Fonte: Caderno de Bertoni, 1954, disponível em Repositório UFSC.

A figura acima mostra a explicação do que seria a técnica do macramê, sua explicação histórica e sua evolução. A técnica é colocada no texto como uma precursora dos trabalhos de renda de agulha e renda e, após isso, há conteúdo indicando o passo a passo de alguns tipos de nós e os materiais que deveriam ser utilizados para a confecção das franjas em macramê. Já a figura abaixo representa os trabalhos já prontos.

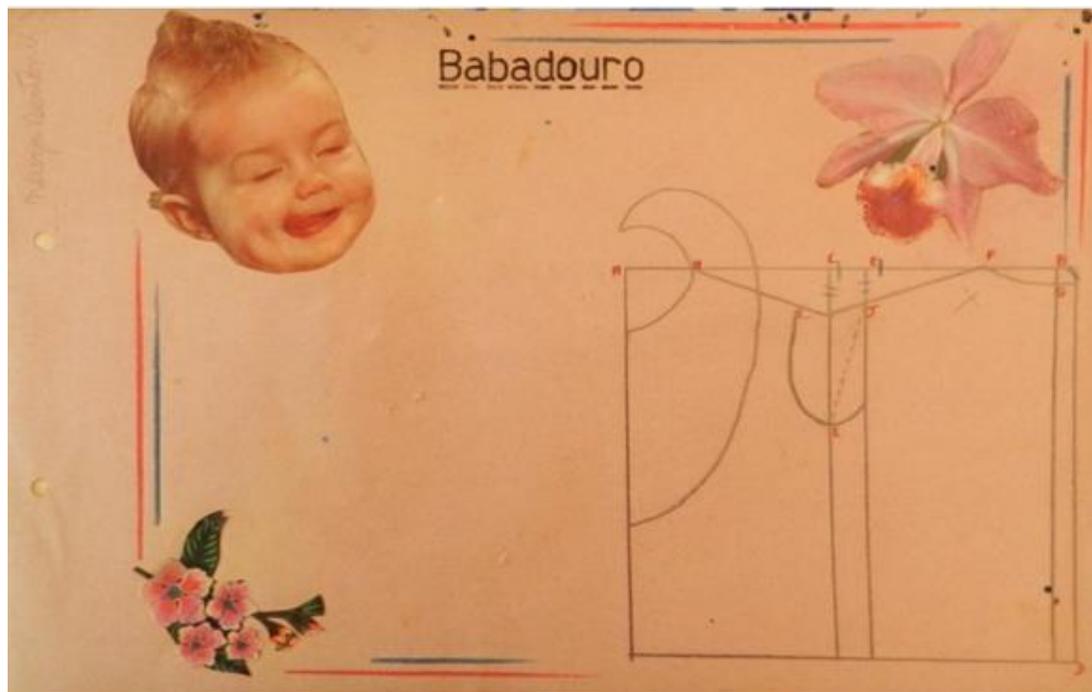
**Figura 22** - Trabalhos em macramê



Fonte: Caderno de Bertoni, 1954, disponível em Repositório UFSC.

Verificamos pelas imagens acima que assim como nos outros trabalhos há a preocupação de se produzir algo a partir do que foi explicado e colocar em conjunto nas páginas do caderno, servindo de molde para futuros trabalhos. Há adornos com decalque, para enfeitar ainda mais o caderno. Tais adornos, apesar de não se pode afirmar se propositalmente, em algumas páginas do caderno parecem sugerir visualmente o público-alvo ao qual se destina o trabalho a ser realizado. A imagem abaixo mostra a primeira página do caderno que traz o planejamento de um babadouro.

**Figura 23** - Técnica para confecção de babadouro



Fonte: Caderno de Bertoni, 1954, disponível em Repositório UFSC.

Na página apresentada na **figura 23** é possível encontrar, além da preocupação estética com a apresentação do esboço e das medidas, uma possível indicação do público-alvo a quem seria útil o objeto desenvolvido, representado pela figura de um bebê. Além disso, ao lado do esboço, a página é coberta por uma moldura de flores, um tema recorrente nos trabalhos manuais femininos de corte e costura e diversas vezes apresentado com uma ligação ao universo feminino, o que nos traz a indicação de que quem deveria realizar esse tipo de trabalho manual seriam as meninas.

O mesmo ocorre ao analisarmos o trabalho de crochê, feltro e outros trabalhos de costura apresentados no caderno.

A **figura 24** mostra os conteúdos contidos nas páginas do caderno referentes às técnicas de empalhação e feltro. Nesses trabalhos verificamos que há imagens que trazem a representação tanto do feminino (flores e meninas), quanto do masculino (representado na imagem dos próprios meninos).

**Figura 24** - Técnica de empalhação e feltro



Fonte: Caderno de Bertoni, 1954, disponível em Repositório UFSC.

Vale lembrar que a técnica de empalhação poderia ser utilizada para a confecção de objetos ligados ao lar, mas também na confecção de móveis ou outros objetos de utilidade pública.

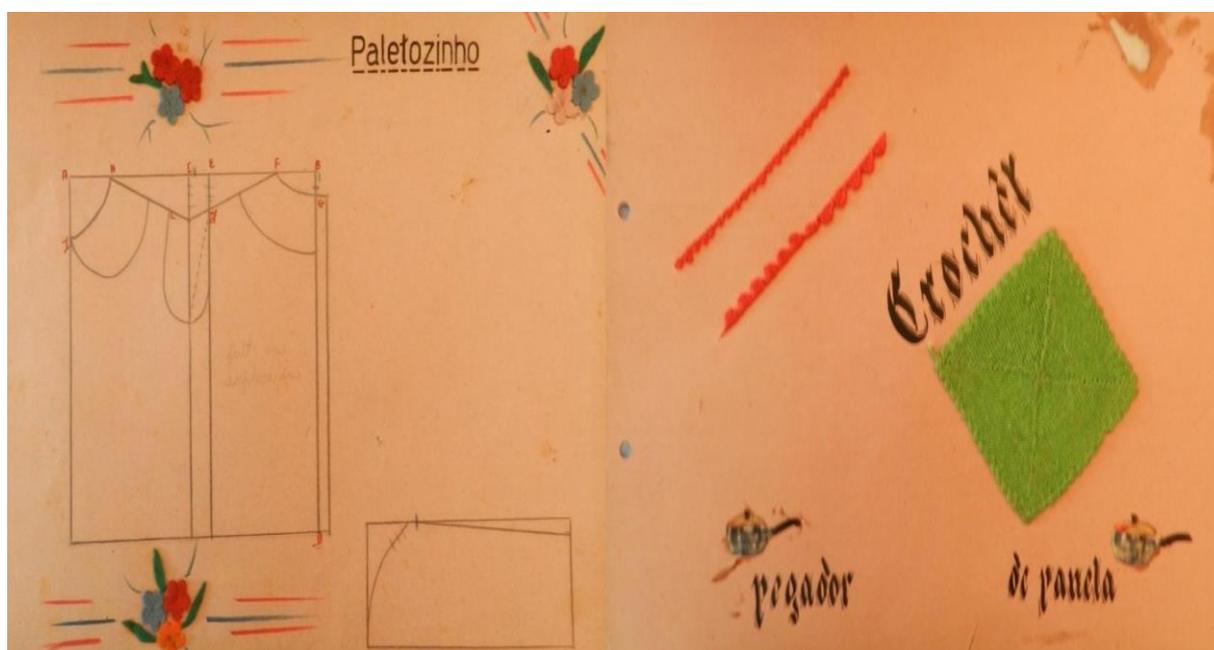
O memo ocorre com os trabalhos em feltro. Comumente utilizados para a confecção de roupas e brinquedos, a técnica poderia ser aproveitada tanto para meninas quanto para meninos.

Ao analisar as imagens percebemos que as técnicas que podem ser utilizadas para ambos os sexos trazem enfeites em suas páginas que se relacionam com as representações tidas do feminino e do masculino.

Enquanto as técnicas consideradas ideais apenas para as meninas trariam as representações de elementos considerados parte do universo feminino. Como verificamos abaixo ao analisar os moldes de costura.

Observamos que há uma repetição nos padrões de imagem que enfeitam as páginas do caderno de Bertoni, ligando os planejamentos às imagens do universo ao qual ela representa. No caso da **figura 25**, encontramos a representação de uma panela, indicando pelo desenho a utilidade da costura construída em crochê (aparador/ pegador de panela) e a representação de flores no molde de costura do paletó infantil. Tal fator evidencia a diferenciação de gênero e as noções morais ligadas às práticas de ensino de Trabalhos Manuais.

**Figura 25** - Planejamento para trabalhos de costura e crochê



Fonte: Caderno de Bertoni, 1954, disponível em Repositório UFSC.

Ao analisar as práticas pedagógicas contidas no caderno de Bertoni e compará-las com as propostas e normas metodológicas contidas nos Programas de Ensino, livros didáticos, manuais e compêndios de Trabalhos Manuais, podemos perceber que o desenho, o planejamento e o entendimento das peças andam sempre em conjunto, visando facilitar a compreensão quanto ao trabalho a ser desenvolvido.

Os planejamentos contidos no caderno também corroboram a observação realizada ao analisar os programas de ensino de que, em diversos trabalhos, haveria uma fórmula a ser

seguida. Tais fórmulas estariam ligadas a concepção de um desenho e uma pré-moldagem necessárias para a construção dos objetos considerando sua utilidade e a economia dos materiais. Desse modo, o estudo das formas e medidas corretas, auxiliaria na confecção dos objetos de maneira perfeita, o que, apesar de possivelmente tolher a criatividade dos estudantes, não deixa de ser um exercício da inteligência.

Percebe-se que há simplicidade nas atividades, mas também, há o detalhamento, levando em conta a ideia de destreza de movimentos finos, para coser, trançar, tramar etc. Este também é o mote metodológico da disciplina, apresentado neste caso específico como prática.

A confecção dos objetos estaria diretamente ligada à educação dos gestos, enquanto para educar o olhar, além dos exercícios propostos em sala de aula, haveria a realização de exposições, que comporiam a metodologia de sensibilização proposta pela disciplina.

Dada a importância desses eventos, o próximo tópico analisará as exposições, suas funcionalidades e simbolismos perpetuados durante essas exposições.

### **As Exposições de Trabalhos Manuais: Destreza, beleza e amor à Pátria**

Compondo as práticas escolares, as exposições de Trabalhos Manuais serviam como um modo de engrandecer e ressaltar o ensino das manualidades nas instituições, tendo grande projeção em diversos locais.

Consideradas uma inovação didático pedagógica do século XIX onde se expressava a cultura escolar, as exposições escolares surgem como um meio de consolidar o regime republicano, ressaltando seus símbolos e divulgando o imaginário sociopolítico da República (CASTRO, 2020, p. 27).

Castro (2020) aponta para o fato de que o surgimento das exposições escolares estaria ligado à difusão da escola primária como um meio de educação eficaz, o que estimularia o funcionamento dessas instituições (CASTRO, 2020, p. 32).

A própria palavra exposição segundo aponta Gaeta (2002) remeteria ao sentido de “pôr a vista”, de exibir. A autora aponta que essas exposições de trabalhos teriam uma dupla função: “a de promover a estética dos alunos e visitantes e dar visibilidade à educação escolar”, compondo assim um importante calendário de comemorações das instituições (GAETA, 2002, p. 05).

Segundo a Revista de Ensino de Minas Gerais (1948) as exposições serviriam para “estimular o interesse” pelas atividades e para “tornar sugestivo” o ambiente escolar. Os mostruários deveriam ser trocados conforme fossem sendo produzidos novos trabalhos e apenas

os melhores deveriam ser expostos (REVISTA DE ENSINO nº 189, 1948, p. 239). Tal afirmação nos faz crer que tais eventos utilizariam ao exibir, diga-se de passagem, com certa pompa, as atividades realizadas na escola sugestionaria ao público uma ideia de sucesso e renovação social, ainda que nem sempre o que fosse exposto correspondesse à realidade diária dos Grupos Escolares.

As exposições poderiam ocorrer anualmente ou permanentemente. As que se realizavam de maneira permanente tinham como foco incentivar o trabalho dos alunos. Os objetos expostos deveriam ser constantemente renovados, visando manter as crianças em contato contínuo com os diversos produtos e técnicas utilizados na disciplina de Trabalhos Manuais. Desse modo, manteriam os estudantes em permanente atividade, visto que estes sentiriam o prazer de ter seus objetos figurados em uma mostra e, a criança, desenvolveria “cada vez mais, sua iniciativa, sua habilidade manual, adquirindo o hábito do trabalho” (PROGRAMA DE ENSINO DO ESTADO DE SÃO PAULO, 1950, p. 21). Desse modo a exposição permanente serviria como um estímulo aos alunos para aperfeiçoar suas produções enquanto inculcava neles o amor pelo trabalho.

Já as exposições anuais, segundo consta nos Anuários de Ensino do Estado de São Paulo, serviriam como um meio de difusão dos processos pedagógicos. As exposições finais ocorriam em meados de novembro e nelas eram observadas as aplicações práticas dos trabalhos dos professores com os alunos (ANUÁRIO DE ENSINO DO ESTADO DE SÃO PAULO, 1926, p. 284).

As exposições ostentavam ainda os resultados obtidos pelas instituições de ensino, chamando a atenção da comunidade para as atividades desenvolvidas pelos alunos, sendo uma “esplêndida mostra do valioso concurso prestado ao aparelhamento escolar pela inspeção especial de trabalhos e desenho” (ANUÁRIO DE ENSINO DO ESTADO DE SÃO PAULO, 1926, p. 15), dando visibilidade ao trabalho dos professores e, conseqüentemente, mostrando o êxito da inspetoria pública na fiscalização e manutenção do ensino (ANUÁRIO DE ENSINO DO ESTADO DE SÃO PAULO, 1926, p. 20).

Desse modo, compreende-se que as exposições serviriam também como uma propaganda eficiente do Estado e das suas políticas, reforçando os ideais progressistas em voga.

Como propaganda, recebiam projeção, sendo anunciadas nos jornais locais, que convidavam a comunidade a conferir os trabalhos produzidos pelos alunos. Abaixo trazemos um exemplo de notícia sobre tais eventos. A transcrição do jornal local da cidade de São Carlos, “Vespertino”, pode ser encontrada no Relatório de Ensino de São Carlos (1940) e diz que:

(...) a exposição foi além da nossa expectativa, sobressaindo pelo seu variado espécime e principalmente pela qualidade. (...) a sala da exposição nos apresenta um conjunto magnífico pelo seu ambiente belo, artístico e cheio de agradável cambiante. Suas paredes acham-se ornamentadas de primorosos mapas, panos bordados caprichosamente, próprios para cozinha, e demais objetos de utilidade; sôbre as mesas e distribuídos com habilidade: uma coleção de sacolas de barbante, pano, lã, etc.; pastas, guarnições para chá e café; raquetes de pingue-pongue; porta-toalhas, adornos para parede, licoreiros, carrinhos, porta-retratos, centros de mesa, toalhinhas, balanças, mostruários em caixinhas com ferramentas de papelão recortados, sapatinhos e casaquinhos de lã para creanças; bandejas, bolsas, porta talheres, quadros em aquarela e lápis de cores, consolos, cestos de arames para ovos ou frutas; um interessante brinquedo formado de aviões e curiosas figurinhas de animais em alto relêvo, feitas de cera; e, numa disposição feliz, vêem-se ainda: tapêtes, almofadas, capachos de feltro, um carrinho de pedreiro, do tamanho natural, e uma série de outros trabalhos igualmente úteis, trabalhos êsses que denotam carinho e esmêro dos alunos (RELATÓRIO DA INSPETORIA PÚBLICA DE SÃO CARLOS, 1940, p. 32).

Podemos perceber pelo enxerto acima que as publicações dos jornais exaltavam os trabalhos desenvolvidos pelos alunos, chamando atenção para a apresentação estética e para a funcionalidade e utilidade dos objetos apresentados, pretendendo como aponta Gaeta (2002) referenciar uma “pedagogia do progresso” (GAETA, 2002, p. 07).

Ao analisar a passagem acima, repete-se o padrão dos produtos da disciplina. É possível notar que os objetos possuem todos uma utilidade prática, podendo ser relacionados ao dia a dia educacional, à vida prática diária ou mesmo à ornamentação dos ambientes. Observemos a distribuição dos objetos no quadro abaixo:

**Quadro 3** - Relatório de Objetos em Exposição Escolar (1940)

<b>Tipo de utilidade</b>	<b>Objetos citados</b>	<b>Quantidade de objetos/ tipo citados</b>
Escolar	Mapas, pastas, animais em alto relevo	3 objetos
Doméstica	Panos de cozinha, sacolas de barbante, sacolas de pano, sacolas de lã, guarnições para café e chá, porta toalhas, licoeiros, toalhinhas, balanças, mostruários em caixinhas, sapatinhos e casaquinhos de lã para crianças, bandejas, bolsas, porta talheres, consolos, cestos de arames para ovos ou frutas, tapetes, almofadas, capachos.	20 objetos
Lazer/ Brinquedos	Raquetes de pingue-pongue, carrinhos, aviões	3 objetos
Decorativo	Adornos para parede, porta-retratos, centros de mesa, quadros em aquarela ou lápis	7 objetos

	de cor, tapetes, almofadas, capachos	
Laboral	Carrinho de Pedreiro em tamanho natural	1 objeto

Fonte: Relatório da Inspeção Pública de São Carlos, 1940, p. 31. Organização: Carina Gotardelo

Verificamos pelo quadro acima que a quantidade de objetos citados pelo inspetor de ensino varia de acordo com o tipo de objeto e sua utilidade. Percebemos que a maior parte dos objetos expostos estariam ligados à vida prática no lar (20 objetos citados possuíam função doméstica). Os objetos considerados decorativos (os segundo mais produzidos) estariam também relacionados ao mundo doméstico, sendo representados por adornos de parede, quadros, porta-retratos, ou objetos ligados ao conforto do lar, tais como almofadas e tapetes. Brinquedos e objetos relacionados ao lazer (carrinhos, aviões, raquetes) aparecem na mesma proporção de objetos relacionados ao ensino de outras disciplinas e/ou utilizados nas escolas (mapas, pastas e animais em cera), apenas um objeto citado se relaciona à vida do trabalho, propriamente dito.

Ao analisar os tipos de objeto é possível constatar que em sua maioria, considerando o tipo de objeto construído e as possíveis técnicas empregadas, teriam sido realizados no ensino feminino, o que corrobora a teoria de que a disciplina teria maior projeção nessa modalidade de ensino do que no masculino.

Vemos ainda a presença de uma estética pensada para agradar. A beleza e a apresentação artística são citadas pelo inspetor como um diferencial que demonstra “habilidade, carinho, esmero, qualidade e capricho” dos alunos, demonstrando quais seriam as habilidades cobradas desses estudantes no ensino das manualidades.

A quantidade de objetos expostos nos eventos anuais era expressiva (em algumas exposições era possível encontrar mais de mil objetos produzidos no ensino feminino e masculino), as exposições anuais tinham uma média de duração de 2 a 3 dias, visando receber o maior número possível de pessoas em suas dependências, servindo para estreitar os laços da comunidade e aproximar o povo da escola, “verificando o trabalho do mestre e dos alunos” (RELATÓRIO DA INSPETORIA PÚBLICA DE LINS, 1943, p. 17 e RIBEIRÃO PRETO, 1943, p. 25).

A movimentação do público nas escolas durante as exposições era intensa. Durante o ano de 1934, por exemplo, a exposição montada pelo 5º Grupo Escolar de Ribeirão Preto, teria recebido mais de mil pessoas em suas dependências.

Segundo consta no Anuário de Ensino de São Paulo (1936) as exposições representavam uma das poucas vezes em que os pais realmente se interessavam pela escola, comparecendo em grande número, sendo preciso em alguns momentos abrir salas à noite ou aos domingos visando comportar o número de visitantes. Às vezes, a movimentação era tão grande que seria preciso que a polícia interviesse na organização para que as turmas coubessem nas salas (ANUÁRIO DE ENSINO DO ESTADO DE SÃO PAULO, 1936, p. 359).

Segundo o Relatório da Inspeção de Jaboticabal (1939) a presença de autoridades locais também era comum durante a abertura dos eventos. O que pode ser explicado, visto que pela quantidade de pessoas que visitavam as exposições, elas serviriam de vitrine para que os governantes colhessem os louros pelo realizado no ensino, mesmo que não tivessem grande participação nessa organização.

Outro ponto que justificaria tal divulgação seria a questão da economia. Em alguns pontos do país era comum realizar a venda dos trabalhos dos alunos, no Rio Grande do Sul haveria até mesmo um decreto que regulamentava essa venda (Decreto nº 3.903 de 1927). Oliveira e Amaral (2012) apontam que “apenas os trabalhos que se diferenciavam seriam reservados para o museu escolar”, devendo os outros ser vendidos para compor as caixas escolares (OLIVEIRA e AMARAL, 2012, p. 21).

As caixas escolares funcionavam como uma instituição e o valor arrecadado nela ao longo do ano e com as vendas dos produtos, quer feitos utilizando materiais do Estado ou recursos próprios dos alunos, deveria ser revertido para a compra de materiais e para auxiliar na permanência de alunos mais necessitados nas dependências escolares (Decreto nº 3.903, 1927, p. 553).

Do ponto de vista pedagógico, as exposições desenvolveriam a autonomia e o senso estético dos estudantes, visto que estes deveriam participar ativamente de sua composição, escolhendo não apenas os trabalhos, mas também o local em que ficariam expostos, realizando uma curadoria de suas próprias produções. Além disso, participariam também como guias dos visitantes, desenvolvendo assim habilidades como: iniciativa, julgamento, pensamento crítico, gosto estético e hábitos de boas maneiras sociais (REVISTA DO ENSINO, 1930, p. 141).

Outra prática encontrada nas exposições eram os concursos. Algumas instituições, para estimular os alunos na confecção de seus objetos, promoviam competições em que os dois melhores trabalhos (dentre todos os mais de mil apresentados) receberiam prêmios oferecidos pelas casas comerciais locais (RELATÓRIO DA INSPETORIA DE JABOTICABAL, 1939, p. 196). Tal prática fugiria um tanto da proposta pedagógica do *Sloyd*, considerando a competição

gerada, em detrimento da cooperação que deveria ser estimulada pelas práticas dos Trabalhos Manuais, o que mostra que nem sempre as práticas condiziam com as orientações dos programas de ensino.

Em alguns locais a ânsia em querer apresentar o bom funcionamento das aulas e a competência do professorado, gerava grandes competições entre os próprios professores. Em Piracicaba, no relatório da inspetoria de 1933 encontramos uma crítica aos professores e diretores de algumas unidades que competiam entre si para criar o maior número de objetos possíveis para a exposição anual, fugindo da proposta de realizar os objetos apenas durante os 30 minutos de aula, levando as crianças para as suas próprias casas e produzindo elas mesmas objetos que seriam expostos, o que por “ vaidade e pela falta de visão dos diretores” desvirtuaria o objetivo principal da disciplina: “preparar os filhos do povo para a vida prática” (RELATÓRIO DA INSPETORIA PÚBLICA DE PIRACICABA, 1933, p. 88).

Para além das práticas educativas, as exposições seriam também uma maneira de ressaltar e difundir símbolos e valores de moral como os papéis de gênero, o amor à pátria e ao trabalho.

A diferenciação feita entre o ensino feminino e masculino dos Trabalhos Manuais fica evidente ao verificar a quantidade e os tipos de trabalhos expostos nos Grupos Escolares.

Segundo consta no Relatório da Inspeção Pública de Ribeirão Preto (1934) “por via de regra, a secção masculina tem sempre patenteado uma posição de inferioridade, em confronto com as classes femininas, por ocasião das Exposições Escolares, no final de cada ano” (RELATÓRIO DA INSPETORIA DE RIBEIRÃO PRETO, 1934, p. 659). Enquanto isso, “as classes femininas não encontram dificuldades para uma representação brilhante nos certames escolares”, segundo o mesmo documento haveria grande variedade de peças “simples e baratas” realizadas de maneira caprichosa e que em grande parte representavam objetos feitos de pano e que poderiam ser utilizados no lar (RELATÓRIO DA INSPETORIA DE RIBEIRÃO PRETO, 1934, p. 651).

A seguir analisaremos algumas fotografias de Exposições Escolares, visando compreender como os objetos eram dispostos e os simbolismos que as exposições traziam em suas composições.

A **figura 26** mostra a exposição de diversos objetos feitos na sessão masculina. A foto em si mesma não ajuda na identificação dos objetos. Mas, acompanhamos pelo relatório, e o armário está composto por trabalhos de serrinha feitos pelos alunos do 3º e 4º ano (RELATÓRIO DA INSPETORIA PÚBLICA DE RIBEIRÃO PRETO, 1934, p. 649). Podemos

verificar, desfocado na imagem, trabalhos realizados utilizando a técnica de entalhe em madeira, como caixas e brinquedos. Em destaque visual no alto da estante vemos um quadro produzido em relevo, com alguma figura (não identificável) que pelo estilo de chapéu poderia ser alguma figura histórica, há também uma chave e um pequeno altar do lado direito. Os altares e as cruzes, apesar da laicidade do ensino republicano era uma constante nos trabalhos dos alunos e, conseqüentemente, nas exposições. O que revela que a moral religiosa estaria imbuída no ensino.

**Figura 26** - Exposição de Trabalhos Masculinos - Grupo Escolar Salles de Oliveira



Fonte: Relatório da Inspeção Pública de Ribeirão Preto, 1934, p. 649.

Na **figura 27** analisaremos a sessão feminina da mesma exposição ocorrida em 1934 no Grupo Escolar Salles de Oliveira.

**Figura 27** - Exposição de Trabalhos Femininos - Grupo Escolar Salles de Oliveira



Fonte: Relatório da Inspeção Pública de Ribeirão Preto, 1934, p. 651.

Verificamos pela imagem que há uma quantidade maior de objetos produzidos pelas classes femininas do que pelas masculinas. Vemos uma série de almofadas, guardanapos, paninhos de mesa e toalhinhas, todas bordadas. A maior parte dos tecidos é claro ou branco, contendo bordados coloridos (distinguíveis pelo tom de cinza da foto). Os motivos predominantes nas obras são as flores e geometrizações, mas também é possível encontrar um pano ao lado direito com pessoas correndo de mãos dadas e uma árvore contendo uma casinha de pássaro.

As peças são organizadas formando uma pirâmide que faz com que os olhos sejam direcionados ao topo, onde destaca-se, em conjunto com uma samambaia, uma bandeira do Estado de São Paulo. O formato piramidal lança a visão da base ao topo, do topo à base, e cria

a sensação de hierarquização. Percebe-se que os trabalhos que se encontram no topo da pirâmide são construídos com mais detalhes, tornando-os mais luxuosos e vistosos.

O que nos leva a crer que os trabalhos mais distintos teriam local de destaque, por ser considerados mais belos, sobrepondo-se aos trabalhos mais simples, ou maiores. Há de se considerar a forma prática de apresentação, de modo a não tomar tanto espaço. Tal formato é recorrente nas organizações das exposições de Trabalhos Manuais.

Segundo Henrique de Campo, então diretor comissionado do Grupo Escolar Salles de Oliveira, naquele ano, não havia dificuldade das classes femininas em representar brilhantemente os aprendizados tidos na escola. A exposição de trabalhos femininos foi composta por peças diversas, simples e baratas, executadas em pano, na escola, o que, segundo o diretor, seria uma razão para que fossem predominantes na exposição de final de ano.

Os principais objetos encontrados na sessão feminina são guardanapos, lenços, babadouros, toalhas, fronhas e almofadas. Para Henrique de Campo (1934) esse tipo de trabalho agradaria as famílias e despertaria o gosto e o interesse das crianças pela escola (RELATÓRIO DA INSPETORIA PÚBLICA DE RIBEIRÃO PRETO, 1934, p. 651).

A comparação das imagens que mostram os trabalhos desenvolvidos no ensino feminino e masculino, reforça com clareza que os trabalhos femininos são voltados para a manutenção do lar e valorizam os detalhes finos, com motivos naturais, infantis, geométricos; enquanto os trabalhos masculinos são representados por objetos de madeira e metal, como caixas e brinquedos, ligados à vida prática ou ao lazer.

Pelas fotografias é possível perceber também que as exposições traziam um número maior de trabalhos femininos. A maior atenção dada ao trabalho feminino foi alvo de crítica da Inspeção Pública. Segundo o Relatório de Botucatu de 1938, nota-se que:

Os professores dedicam maior atenção aos trabalhos femininos, deixando os masculinos, como si nas exposições anuais os visitantes não se interessassem também por estes. É um erro tal proceder. Uns e outros devem ser executados, merecendo idêntica atenção dos professores, por é por meio deles que se revelam aptidões (RELATÓRIO DA INSPETORIA DE BOTUCATU, 1938, p. 41).

A crítica aos professores nesse sentido é feita, sem considerar a dificuldade em conseguir material, espaço, ferramentas e professores que se adequassem à feitura dos trabalhos considerados masculinos. E tais dificuldades, poderiam explicar o fato de a disciplina ter tido maior projeção e durabilidade no ensino feminino, como visto nos capítulos anteriores dessa dissertação.

As exposições de Trabalhos Manuais também ressaltavam um ideal cívico. As bandeiras seriam elementos presentes em todas as exposições de manualidades e colocadas em lugar de destaque, ressaltando ideais de civismo e patriotismo, vale ressaltar que o culto à bandeira nacional seria realizado na escola primária com o intuito de promover os ideais de nacionalização, estando em concordância com os projetos políticos perpetrados pelo governo Vargas (SOUZA, 2008, p. 73).

A imagem abaixo mostra uma exposição de Trabalhos Masculinos em uma escola do interior de São Paulo:

Podemos observar na **figura 28** um grupo de alunos do Grupo Escolar de Aparecida ao lado dos objetos confeccionados pelos próprios estudantes. O Grupo Escolar de Aparecida localizava-se em um prédio particular, arrendado ao Estado, o qual não se apresentava com as condições de “segurança e relativo conforto necessários à uma casa de ensino” (RELATÓRIO DA INSPETORIA PÚBLICA DE BOTUCATU, 1933, p. 93).

**Figura 28** - Exposição de Trabalhos Manuais, Grupo Escolar de Aparecida



Fonte: Relatório da Inspeção de Botucatu, 1933, p. 93.

Apesar da simplicidade do Grupo Escolar, a apresentação da exposição é feita de maneira a destacar as qualidades do ensino dessa unidade, mostrando que também seguia as determinações do que o estado considerava como norma.

Os estudantes estão simples, vestidos com esmero, arrumados, penteados, bem apresentados, com roupas limpas e sapatos lustrados, mostrando-se belos para o evento e sendo retratados assim para o governo.

Verifica-se que há também um cuidado ao expor os objetos, organizados e agrupados de acordo com a técnica utilizada na construção. É possível encontrar na exposição objetos utilitários para uso diário como chinelos e um banco de madeira, uma rede e cestas feitas com a técnica de macramê e trançagem, e um relógio; mas também peças que serviriam como brinquedos como carrinhos e aviões. Chama-nos a atenção para os destaques centrais trazidos pela exposição: os aviões, uma cruz, a bandeira do Brasil e um dos “brinquedos” (uma réplica em madeira de um canhão). O avião é uma atividade comum à disciplina como brinquedo de madeira. E há simbolismos sobre a Pátria, religião e militarismo.

O destaque das bandeiras seguiria orientação contida nos planos curriculares que indicavam a obrigatoriedade de estudo desse símbolo da pátria. Segundo o contido na Revista de Ensino (1948) todas as unidades escolares deveriam manter um estudo sistematizado da bandeira nacional, sendo que a partir do 4º ano os alunos passariam a confeccioná-la, pois seria “necessário que a criança conhecesse desde cedo o símbolo da Pátria, para melhor amá-la” (REVISTA DO ENSINO nº 189, 1948, p. 239).

A importância dada aos símbolos pátrios na educação está ligada à noção de civilidade e à tentativa de constituir nos estudantes uma noção moral e física, considerada adequada ao governo, inculcando na criança hábitos de higiene e uma disciplina racional e corporal que a tornaria um adulto ideal para a defesa e manutenção da Pátria, tida na figura do Estado. O reconhecimento dos símbolos e o amor à pátria seriam partes integrantes da formação do cidadão – trabalhador (DUARTE, 2000, p. 171).

Tal fator acordaria com o ideário de criação de uma unidade nacional em que a educação deveria ser, como aponta Circe Bittencourt (1990) “um dos instrumentos básicos da segurança nacional” (BITTENCOURT, 1990, p. 27).

Os símbolos pátrios serviriam para a criação de uma memória, de um hábito, de uma moral, necessária para a formação do cidadão ideal e defensor da pátria, criando heróis e tradições que auxiliaria na construção de um “bom cidadão” e da “nova nação moderna” (BITTENCOURT, 1990, p. 28).

O bom cidadão deveria ser, portanto, um defensor da pátria e um bom trabalhador. A figura abaixo mostra uma das sessões femininas durante exposição do Grupo Escolar Matilde Vieira, localizado em Avaré, interior de São Paulo.

**Figura 29** - Exposição de Trabalhos Manuais do Grupo Escolar Matilde Vieira, Avaré.



Fonte: Relatório da Inspeção de Botucatu, 1940, p. 122.

Ao analisar a imagem vemos uma série de produtos confeccionados pelas estudantes. Verificamos que os objetos são construídos e dispostos com cuidado e mostrando suas funções decorativas e utilitárias. Há a predominância da cor branca, novamente trazendo o ideal de higiene tão prezado na confecção dos objetos. Também devemos considerar que o branco destaca os bordados. Os objetos são dispostos de maneira a ressaltar a delicadeza e a beleza das obras, além da utilidade. Verifica-se que no topo da exposição encontram-se colocados em destaque dois quadros parietais contendo fatos históricos do Brasil evidenciando os chamados “heróis nacionais”, no centro, outra vez, a bandeira do Brasil.

Na ponta esquerda dos objetos resalta-se um quadro, aparentemente pintado, onde se pode ler a máxima: “*labor e scientia*” (trabalho e conhecimento), ressaltando o ideal de trabalho e conhecimento desta unidade escolar.

O professor coloca-se orgulhosamente, vestido com esmero para uma formalidade, prostrando-se com certo orgulho diante do que era apresentado na escola. Todos os símbolos

apresentados na fotografia estão de acordo com os ideais defendidos nos programas de ensino de Trabalhos Manuais.

Verificamos com o exposto acima que as exposições serviriam para educar pelo olhar, tanto aos estudantes quanto ao público, possuindo uma organização estética relacionada ao nacionalismo, higiene e trabalho.

Aliada à confecção dos objetos para educar as mãos e o corpo, as exposições comporiam o ápice da metodologia de Trabalhos Manuais, servindo para ressaltar a utilidade da escola pública para a formação dos futuros brasileiros, evidenciando a limpeza, o cuidado e o esmero com que se cuidava dos pequenos cidadãos, sendo assim uma propaganda da educação e da cultura escolar e mostrando que os Trabalhos Manuais teriam uma serventia não apenas aos alunos, mas também aos familiares, que usufruiriam das aprendizagens das crianças em seus lares, e ao país, realizando atividades de desenvolvimento econômico e aprendendo a moral e a civilidade necessária a um bom cidadão.

### **Debates sobre a disciplina de Trabalhos Manuais, sobre a sua permanência ou abandono**

Durante toda sua permanência nos currículos, os Trabalhos Manuais foram uma disciplina controversa. Em determinados momentos, a disciplina teria sido vista como supérflua e desnecessária e como uma maneira de escamotear as mazelas do ensino público, segundo consta, pelo desprezo aos críticos, o Anuário de 1926:

Estes gritadores descontentes atribuem a imaginaria decadência do ensino a estas inovações perturbadoras da atenção dos petizes em seus estudos, conforme não se cansam de apregoar em seus comentários pessimistas. (ANNUÁRIO DO ENSINO DO ESTADO DE SÃO PAULO, 1926, p. 274).

É possível perceber pelo exposto que não havia uma unidade nos discursos educacionais no que se refere à presença da disciplina de Trabalhos Manuais, quanto as suas funcionalidades ou aplicabilidade. A visão dessa disciplina se altera e tem variadas apresentações (SANTOS, 1962, p. 222).

Um método geral da educação, uma disciplina de caráter profissional ou não, um trabalho pedagógico para desenvolvimento do amor ao trabalho, um meio de despertar o espírito criativo e construtivo, um modo de desenvolver habilidades para o mundo do trabalho, educar para a estética, proporcionar bem-estar individual e coletivo, são apenas algumas das visões defendidas para a necessidade dos Trabalhos Manuais.

Apesar de a disciplina ser defendida por diversos estudiosos e pelo Estado, como necessária, havia uma irregularidade no que tange à sua aplicabilidade no ensino masculino e

feminino. Algumas instituições indicam a dificuldade em ministrar os trabalhos masculinos dentro do tempo de aula, apontava-se ainda a falta de espaço e materiais adequados para a realização dos trabalhos em *Sloyd*, o que justificaria a diminuição do ensino nas classes masculinas. O mesmo não ocorre no ensino feminino que, por prezar os trabalhos de agulha, seriam de mais fácil execução (RELATÓRIO DA INSPETORIA PÚBLICA DE RIBEIRÃO PRETO, 1936, p. 57).

A despeito dos constantes relatos de dificuldades apontadas, ao final dos anos de 1930, há uma retomada no discurso da disciplina como uma importante ferramenta na formação integral dos estudantes e esta é posta como uma exigência para que se autorize o funcionamento das escolas (BRASIL, 1937). Segundo consta no artigo 131 da Constituição Federal de 10 de novembro de 1937:

Art. 131. A Educação física, o ensino cívico e o de trabalhos manuais serão obrigatórios em todas as escolas primárias, normais e secundárias, não podendo nenhuma escola de qualquer desses graus ser autorizada ou reconhecida sem que satisfaça aquela exigência (BRASIL, Constituição Federal, 1937).

Observa-se que após a promulgação da Constituição, o discurso dos Trabalhos Manuais de caráter educativo, e não profissionalizante, ocupa mais fortemente o cenário educacional.

Essa obrigatoriedade estaria diretamente ligada a uma política que objetivava o condicionamento físico e moral dos estudantes, ideal para realização de um controle dos cidadãos, o que auxiliaria nas políticas totalitárias e populistas em voga no período (ROCHA, 2014, p. 10).

Desse modo, as escolas que não realizavam o ensino das manualidades da maneira indicada pelo Estado seriam alvos de crítica. O Relatório da inspetoria de Rio Claro (1937) traz uma crítica às escolas que, muitas vezes, excluem a disciplina ou realizam os trabalhos somente ao final do ano ou semestre para colocá-los em exposição, há também um apontamento de que os trabalhos não estariam sendo realizados a contento no ensino. Segundo o documento:

As aulas de trabalhos manuaes, apesar das reiteradas recomendações desta Delegacia, ainda não têm o caráter inteiramente educativo que se lhe deveria emprestar. O sr. diretor do grupo de Barra Mansa, promete evitar que (...) os professores se preocupem com as aulas de trabalhos manuaes somente no segundo semestre letivo (...) uma vez que as aulas de trabalhos fazem parte do programa de ensino e, por isso, merecem a mesma atenção que as demais disciplinas escolares (RELATÓRIO DA INSPETORIA PÚBLICA DE RIO CLARO, 1937, p. 67 - 68).

O documento aponta novamente para as discrepâncias entre o ensino masculino e feminino e para o fato de em algumas escolas o ensino da disciplina funcionar e em outras não.

Segundo consta o Grupo Escolar de Pouso Alegre, ao contrário do de Barra Mansa teria movimentado grandemente os trabalhos manuais, sendo que os meninos realizariam a confecção de objetos como furadores e serras (RELATÓRIO DA INSPETORIA PÚBLICA DE RIO CLARO, 1937, p. 68). Já nos Grupos de Brotas e Dois Córregos percebe-se que das peças produzidas a maioria seria realizada pelo ensino feminino: 1131 contra 812 peças produzidas no ensino masculino (RELATÓRIO DA INSPETORIA PÚBLICA DE RIO CLARO, 1937, p. 68).

Para além das divergências entre os tipos de ensino e outras dificuldades evidenciadas nos documentos, tais como falta de materiais e professores, que intrincavam a aplicação dos conteúdos, os Trabalhos Manuais eram vistos pelo governo como extremamente necessários para a formação completa dos alunos. Contudo, o descontentamento com a disciplina era perceptível, havendo indícios de que haveria um movimento entre os professores em defesa do corte da disciplina.

Em Relatório da Inspeção Pública de Jaboticabal (1939) o Prof. Waldemar Silva, diretor do Grupo Escolar de Monte Alto aponta para esse fato ao realizar a sua defesa, indicando que:

(...) Cortar o ensino manual justamente na época mais delicada é dar a criança uma formação defeituosa. Com o quadro atual da vida difícil que atravessamos, mas do que nunca devemos demonstrar claramente ao educando, toda a extensão útil produzida pelo ensino dos trabalhos manuais (RELATÓRIO DA INSPETORIA PÚBLICA DE JABOTICABAL, 1939, p. 319 - 321).

A defesa pela disciplina se dava, principalmente por se acreditar que por meio dos trabalhos realizados seria possível exercitar a paciência, auxiliar na obtenção de hábitos considerados sadios (asseio, ordem e capricho), educando fisicamente e despertando nas meninas o espírito da boa dona de casa e nos meninos o amor e o interesse pelo trabalho.

É em meio a essas discussões que em 02 de janeiro de 1946 é realizada a reforma do ensino primário, efetuada pela Lei nº 8.529. A partir dessa legislação, o ensino primário se torna um meio de iniciação cultural, com a finalidade de “conduzir ao conhecimento da vida nacional” e levar a criança a obter “virtudes morais e cívicas, engrandecendo o espírito da naturalidade humana” (Lei nº 8.529 de 2 de janeiro de 1946, art. 1º).

A disciplina de Trabalhos Manuais, é posta como uma aliada no desenvolvimento das atividades econômicas da região sendo abordada com esse objetivo para o ensino feminino e masculino (Lei nº 8.529 de 2 de janeiro de 1946, art. 8º, VII), contudo no caso do ensino feminino, havia ainda a intenção da disciplina em formar boas mães, associando-se ao ensino

de Economia Doméstica e Puericultura (Lei nº 8.529 de 2 de janeiro de 1946, art. 8º, parágrafo único).

Compreende-se que com essa nova formatação da disciplina, há uma tentativa de voltar para a discussão a ideia de que os conhecimentos e habilidades artísticas e ideais estéticos no ensino primário poderiam ser obtidos por meio de Trabalhos Manuais, ao mesmo tempo em que se adquiriria os saberes úteis para o cuidado da família, da saúde e da iniciação ao trabalho. Contudo, ao verificar as documentações encontradas, percebe-se que na prática, a disciplina passa a ser vista como uma ferramenta de aprendizagem para outras disciplinas, sendo utilizada, segundo aponta Kussá (1948) como auxiliar na fixação de conteúdos pelas crianças.

Para a autora:

Em Trabalhos Manuais os diversos estudos ligam-se, completam-se e encontram-se ou pela variedade da técnica empregada num mesmo material, ou pela variedade de material sob a mesma técnica, ou ainda conjugando técnica e material diferentes (KUSSA, 1948, p. 34).

Os Trabalhos Manuais serviriam como um motivador do ensino, visando o progresso do educando e o nivelamento das habilidades intelectuais e manuais. Corinto da Fonseca (1952) em artigo para a Revista Atualidades Pedagógicas<sup>15</sup> indica que pela Portaria nº557 de 16 de novembro de 1945, que expediu os programas de trabalhos manuais, essa visão de motivadora deveria ser a principal função da disciplina.

O autor afirma que nesse programa fica claro que os Trabalhos Manuais “não tem objetivos profissionais ou de preparação para atividades industriais”, devendo ter uma finalidade que “é essencialmente educativa” (REVISTA ATUALIDADES PEDAGÓGICAS, 1952, p. 4). Contudo, aponta para uma incoerência entre a publicação e o que seria pregado pela Secretaria Geral da Educação, visto que:

(...) o departamento municipal da Secretaria Geral de Educação e Cultura, dedicado a preparar professores para o ensino primário, tem o título, contraditório e paradoxal, de Setor de atividades “pré-vocacionais”, o que contrariaria a visão educativa dos Trabalhos Manuais (REVISTA ATUALIDADES PEDAGÓGICAS, 1952, p. 5).

Ainda nessa edição do periódico é possível perceber que apesar das tentativas de se manter a disciplina, a luta entre sua manutenção ou abolição era constante. Segundo apontado por Corinto da Fonseca (1952):

(...) parece que quase ninguém tem querido nada com os Trabalhos Manuais, salvo por um – si, senhor! - Ou um – muito bem! – plaudentes, quando não se prefere tratá-los como bolinhas brilhantes e coloridas, para efeito

---

<sup>15</sup> Periódico pedagógico paulista de publicação quadrimestral, apresentava artigos de interesse ao professorado, trazendo para o debate as metodologias e possibilidades de estudos pedagógicos em voga no período.

decorativo e tema de enfeite, da árvore de Natal dos discursos e conferências lítero-pedagógicas, mais literárias do que pedagógicas, no duro (REVISTA ATUALIDADES PEDAGÓGICAS, 1952, p. 4).

A visão dos Trabalhos Manuais como motivador também é defendida por Mario Pires, Vice-diretor do Colégio Estadual de Mogi Mirim, em artigo à Revista Atualidades Pedagógicas nº 15 (1952) que, por estar de acordo com o “aprender fazendo” defendido por Kerschensteiner, indicava que “os Trabalhos Manuais deveriam acompanhar, se possível, todas as matérias, a fim de auxiliá-las na fixação dos conhecimentos” (REVISTA ATUALIDADES PEDAGÓGICAS, nº 15, 1952, p. 32).

Essa visão condiz com a discussão trazida pelo Programa de Ensino de 1950, quanto às dúvidas referente a funcionalidade da disciplina e problemas em sua aplicação. O documento responderia aos questionamentos tidos nos debates educacionais durante as décadas anteriores, tais como a escassez de tempo e materiais para a aplicação da disciplina, propondo as adequações para o ensino de Trabalhos Manuais. Segundo consta:

A falta de local adequado às aulas e a falta de instrumentos, ferramentas, etc., constituem obstáculos à realização de certos trabalhos, principalmente de madeira. Êsses trabalhos não foram, entretanto, excluídos deste programa, visto poderem ser realizados nas escolas que possuam o necessário a esse fim, isto é, local, ferramentas, etc (PROGRAMA PARA O ENSINO PRIMÁRIO FUNDAMENTAL DO ESTADO DE SÃO PAULO, 1950, p. 21).

O programa traz sugestões e possibilidades de trabalhos a ser realizados e deixa abertura para que cada professor adeque a execução de maneira que melhor se ajuste a realidade de sua escola. Continua a reclamação sobre as faltas: de materiais, de espaços etc.

Apesar de manter o ideal de desenvolvimento de hábitos considerados necessários para o mundo do trabalho, relacionando-se às atividades de economia doméstica (para o ensino feminino) e trabalhos em madeira (para os meninos), as mudanças realizadas no programa de Trabalhos Manuais parecem trazer para a disciplina um viés maior no que tange ao desenvolvimento das habilidades artísticas e criativas, o que faz sentido visto que a legislação do ensino primário previa a iniciação cultural dos estudantes.

Verifica-se que a partir do final da década de 1940 e início dos anos de 1950, a disciplina passa a ser mais utilizada como um meio de aprendizagem das expressões matemáticas, artísticas e para fixação de conteúdos, do que para o desenvolvimento de ações voltadas para o mundo do trabalho (PROGRAMA DE ENSINO DO ESTADO DE SÃO PAULO, 1950, p. 21).

Tal fator acalorou a discussão quanto à abolição dos Trabalhos Manuais dos currículos. A disciplina passa a ser considerada para alguns como “um tropeço e uma inutilidade”

(REVISTA ATUALIDADES PEDAGÓGICAS, 1953, p. 03). Enquanto ainda existiam estudiosos, como é o caso do Prof. Simão Cara (1953), que defendiam que ir contra o ensino dos Trabalhos Manuais seria o mesmo que ir contra todas as ideias pedagógicas dos maiores estudiosos do mundo, “durante todas as épocas, inclusive a contemporânea” (REVISTA ATUALIDADES PEDAGÓGICAS, 1953, p. 03).

Simão Cara (1953) realiza sua defesa ao ensino dos Trabalhos Manuais explicando que a disciplina seria de grande valia para que os alunos obtivessem o conhecimento e a tecnologia indispensável ao desenvolvimento para questões de ordem prática (REVISTA ATUALIDADES PEDAGÓGICAS, 1953, p. 04). Para ele, a disciplina serviria como um ponto de interesse para motivar para outras aulas e outras disciplinas, sendo uma importante ferramenta de expressão e servindo como um complemento cultural para os alunos (REVISTA ATUALIDADES PEDAGÓGICAS, 1953, p. 04).

Durante toda a sua permanência nos currículos, a disciplina de Trabalhos Manuais gerou muitas discussões. Não encontramos uma unidade no que diz respeito à sua utilidade e aplicação, nem tampouco a seus objetivos dentro da educação primária. Há aqueles que defendiam que seu objetivo seria o de formar os cidadãos para a profissão, outros que a disciplina deveria ser um sistema pedagógico, outros ainda que serviriam como uma educação estética (SANTOS, 1962, p. 222).

Os principais objetivos apontados pelos programas são as criações de hábitos, seja para utilizar os trabalhos manuais como meio de expressão, como capacidade criadora, disciplina, esforço, trabalho em cooperação ou o próprio amor pelo ato de trabalhar, tão estimado para a construção da nação (SANTOS, 1962, p. 225).

Além disso, verifica-se que mesmo que a disciplina, no ensino masculino, em muitos momentos fosse defendida como essencial pelos representantes do Estado, não parecia ser vista com a mesma importância pelos profissionais da Educação, que enfrentavam diversos problemas na aplicação das técnicas do *Sloyd*. Haja visto que os relatos mostram tanto a falta de materiais, quanto a ausência de profissionais preparados para tanto.

Considera-se, que a disciplina tenha tido maior projeção no ensino feminino e não no masculino, principalmente pela facilidade na aplicação dos conteúdos nesta modalidade, ligados aos trabalhos de agulha, que por ser um hábito familiar, muitas vezes poderiam ser aprendidos antes mesmo de as meninas entrarem na escola, o que poderia nos explicar, portanto, porque o processo de desuso no que tange ao ensino masculino teria sido iniciado décadas antes do que no ensino feminino.

Durante o período estudado, a disciplina passou por transformações em suas funções legalmente nos anos de 1942, 1946 e 1950.

As transformações observadas deram-se principalmente na sua finalidade, deixando de ser uma disciplina de iniciação e formação profissional e passando a ser uma disciplina voltada para o desenvolvimento de habilidades físicas, psíquicas e sociais, e passando pelo desenvolvimento de aptidões artísticas, acabando por se tornar uma prática de ensino que serviria para facilitar a aprendizagem de outras disciplinas, indo para além da aprendizagem da utilização das ferramentas e confecção de objetos.

Observa-se que no que tange ao caráter vocacional, a disciplina foi se transformando, oscilando entre o caráter prático e utilitário e o caráter pedagógico. Contudo há uma permanência da relação com as artes, inclusive decorativas. O desenho acompanhava o planejamento da confecção dos objetos e os objetos deveriam ser construídos considerando o bom acabamento, a ordem, o asseio e a exatidão na execução do trabalho (SANTOS, 1962, p. 228). Assim, há um apelo estético no sentido de priorizar o belo, os trabalhos confeccionados além de úteis deveriam ser bem apresentados. Já os trabalhos de agulhas, esses permanecem inalterados por quase toda a sua aplicação. Ao que parece, prospera a ideia de que as moças deveriam ficar em casa.

A arte serviria aos meninos na realização de processos construtivos e “de reparação do lar”, serviços que poderiam levá-los a uma profissão e às meninas caberia as “artes femininas” ligadas ao bordado, costura, crochê e todo tipo de serviço ligado à economia doméstica e cuidado do lar (SANTOS, 1962, p. 233).

Outras permanências observadas ao longo da história dos Trabalhos Manuais são: a presença de códigos de moralidade e civismo, desenvolvidas por meio de atividades que buscavam a dedicação, responsabilidade, capacidade de iniciativa e decisão e o patriotismo, como habilidades consideradas essenciais para o desenvolvimento infantil; o desenvolvimento da destreza das mãos e do amor pelo trabalho; a noção de economia e coletividade; os trabalhos de agulha para meninas e de madeira para meninos e a utilização do desenho nos planejamentos dos objetos.

Tais manutenções estariam pautadas nos ideais de progresso do Estado, nos processos civilizatórios e na criação de uma noção de nação, que contribuiria para a economia do país, enquanto auxiliaria na formação do espírito do labor, ligado aos ideais progressistas e liberais, o que poderia explicar a insistência, por parte do governo, em continuar a disciplina nos currículos por tanto tempo.

O quadro abaixo é um comparativo tendo como ponto de análise os conteúdos da disciplina de trabalhos manuais, nos anos de 1941 e 1950, o Decreto Lei nº 8.529 de 2 de janeiro de 1946 e o Programa de Ensino do Estado de São Paulo de 1968/69. A análise visa compreender as diversas visões dos trabalhos manuais na Educação. Considera-se nessa análise o fato de que o Programa de 1941 ainda ser o mesmo desde 1925, como indica o Relatório da Inspeção Pública de Casa Branca de 1942 (p. 04).

**Quadro 4** - Quadro comparativo de Conteúdos dos Programas de Ensino de Trabalhos Manuais (1941 – 1969)

Especificação	Ano	Conteúdos	
		Comum a todos	Ensino feminino
<i>Programa mínimo para o Ensino Primário – 1941</i>			
Disciplina de Expressão	1º	Recortes decorativos; Teceragem; Dobradura; Colagem; Cartonagem (ligada a outras matérias)	Estudo dos pontos de crochê para a execução de objetos úteis
	2º	Alinhavo em cartão, Trabalho com contas, nós e tranças; Teceragem (objetos úteis); Recorte em papel; Cartonagem; Modelagem de formas geométricas; Jardinagem; remendos	Crochê
	3º	Trabalhos úteis à vida corrente: fazer um pacote, encapar livro, pregar botão, etc.; Tecidos e trançados; Nós e laços; Cartonagem; Modelagem; Jardinagem.	Pontos de costura; Remendos; Serzir, casear e pregar botões e colchetes; Aplicações em peças de vestuário e adornos para casa; ponto cruz; aplicações em desenhos feitos pelos alunos; tricô

	4º	Execução de objetos úteis; Trabalhos em madeira; Cartonagem; Recorte de figuras geométricas; Modelagem; Jardinagem; Sericultura e apicultura (onde for possível)	Costura; Pontos de marca; Aplicações; Tricô.
<b><i>Decreto Lei nº 8.529 de 2 de janeiro de 1946</i></b>			
Ligado a iniciação cultural	Curso elementar	Desenhos e trabalhos manuais aparecem em um único bloco de conhecimento	
Ligado a práticas diárias de trabalho	Curso complementar	Trabalhos Manuais e práticas educativas referentes às atividades econômicas da região.	
<b><i>Programa para o Ensino Primário Fundamental – 1950</i></b>			
Aliado à Economia Doméstica (para as meninas)	1º	Recorte; Dobradura; Tecelagem; Modelagem. Trabalhos de agulha; ponto de marca; crochê (recomendados às meninas)	
	2º	Recorte; Dobradura; cartonagem; Modelagem; Tecelagem; Trabalhos de agulha, crochê, tricô (recomendados às meninas)	
	3º	Recorte; Cartonagem; Modelagem; Tecelagem e trançagem; Trabalhos de madeira (recomendados aos meninos); Trabalhos de agulha, crochê, tricô, macramê e economia doméstica (recomendado às meninas)	
	4º	Recorte; Cartonagem; Modelagem; Tecelagem e trançagem; Trabalhos de madeira (recomendado aos meninos); Trabalhos de agulha, tricô, filé, crochê e economia doméstica (recomendado às meninas)	
	5º	Recorte; Cartonagem; Modelagem; Tecelagem e trançagem; Trabalhos de madeira (recomendado aos meninos); Trabalhos de agulha, tricô, filé e educação doméstica (recomendado às meninas)	
<b><i>Programa da Escola Primária do Estado de São Paulo – 1969</i></b>			
Iniciação Artística (engloba diversas linguagens artísticas)	Nível II – 3ª e 4ª série	Canto, desenho, música, poesia, teatro/dramatização, trabalhos manuais, jogos/ recreação, atividades que “despertem o bom	

		gosto, agucem a sensibilidade, expanda o poder criador”. (1969, p. 9).
--	--	--

Fonte: Programa mínimo para o Ensino Primário (1941); Decreto Lei nº 8.529 de 2 de janeiro de 1946; Programa para o Ensino Primário Fundamental (1950); Programa da Escola Primária do Estado de São Paulo Nível I e II (1969). Organização: Carina Gotardelo.

Ao analisar o contido no quadro acima é possível perceber que os conteúdos apresentados não possuem variação extrema de um programa para o outro, contudo modifica-se a maneira como os trabalhos são utilizados à aprendizagem.

Verifica-se que até os anos de 1946, Trabalhos Manuais é tido como uma disciplina ligada à expressão e iniciação ao trabalho, já durante os anos de 1950 a disciplina liga-se mais fortemente às questões de economia doméstica, sem, contudo, sofrer grandes alterações em seus conteúdos.

O Programa de 1950 coloca como problemática na aplicação dos conteúdos da disciplina principalmente a falta de local adequado, instrumentos e ferramentas. Tais fatores seriam vistos como obstáculos para a realização principalmente dos trabalhos de madeira. O programa indica ainda que a duração do período escolar seria outra dificuldade para o desempenho adequado da disciplina. Desse modo, os professores deveriam escolher os trabalhos que melhor se ajustassem às condições da escola para alcançar os objetivos propostos (PROGRAMA DE ENSINO DO ESTADO DE SÃO PAULO, 1950, p. 21), o que nos faz compreender o porquê de algumas técnicas, consideradas mais simples, sobressaírem às outras mais complexas.

O Programa de 1950 não estabelece diferença entre os trabalhos para meninos e meninas, como ocorre com os anteriores. Mas, se contradiz, ao indicar uma exceção: às meninas são delegados os bordados e costuras, e os trabalhos de madeira, segundo consta, seriam mais adequados aos meninos. Ainda com relação ao ensino de Economia doméstica, esse seria aplicado às meninas, contudo o capítulo sobre alimentação, “excluindo a parte prática referente à arte culinária”, bem como o capítulo de enfermagem e as noções sobre asseio e higiene do corpo e vestuário poderiam ser aplicados também aos meninos (PROGRAMA DE ENSINO DO ESTADO DE SÃO PAULO, 1950, p. 21), afinal, era preciso que os pequenos aprendessem na teoria os hábitos de higiene e cuidado necessários ao bom cidadão trabalhador.

As dificuldades, encontradas pelos professores na aplicação dos conteúdos, principalmente no ensino masculino, acirrou as discussões em torno da necessidade da disciplina. O programa de 1950 traz para os trabalhos realizados uma visão mais artística e econômica, colocando em pauta a natureza criativa e a expressividade dos estudantes como um

modo de desenvolver a destreza necessária ao mundo do trabalho (PROGRAMA DE ENSINO DO ESTADO DE SÃO PAULO, 1950, p. 22).

Apesar da existência de entusiastas pela disciplina, Trabalhos Manuais vai perdendo terreno na prática docente, e os que defendiam sua exclusão parecem ganhar mais adeptos. E as alterações no Programa durante os anos de 1950 parece fazer com que Trabalhos Manuais se torne mais uma prática educativa e menos uma disciplina e ainda que nos anos de 1960 houvesse a incidência de cursos de formação de professores de Trabalhos Manuais e Economia Doméstica, na prática, a disciplina parecia cair em desuso.

Em 20 de dezembro de 1961 é outorgada a Lei nº 4.024 que fixaria as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. A partir da assinatura dessa legislação, o ensino primário ganha como finalidade o desenvolvimento do raciocínio e das atividades de expressão, visando integrar a criança ao meio físico e social (BRASIL, 1961, art. 25). Isso faz com que a ideia de um ensino primário vocacional para o trabalho perca a projeção, impactando a disciplina de Trabalhos Manuais. Nos anos seguintes a disciplina perderia seu lugar dentro das legislações e a partir de 1969, já não aparece mais como uma disciplina nos currículos paulistas, contudo, o termo “trabalhos manuais” desponta na composição de uma nova disciplina: a Iniciação Artística, que teria um caminho experimental e englobaria o ensino de desenho, canto, música, poesia, teatro, trabalhos manuais, jogos e atividades que despertassem os alunos para o bom gosto, aguçando a sensibilidade e expandindo o poder criador fazendo com que a Arte esteja em todas “as práticas educativas” (PROGRAMA DA ESCOLA PRIMÁRIA DO ESTADO DE SÃO PAULO, 1969, p. 09), o que nos faz compreender que a utilização desses conteúdos torna-se mais ligado ao artesanato e expressividade, utilizando as técnicas de dobradura, pintura e cartonagem, e não as técnicas e as noções de trabalho propriamente ditas.

Compreende-se, portanto que entre os anos de 1925 e 1969 a disciplina de trabalhos Manuais passou por um processo de transformação, que fez com que deixasse de ser uma disciplina voltada para o desenvolvimento vocacional e passasse a ser organizada como uma atividade auxiliar das outras disciplinas, que teria como objetivos principais, além da busca pela vocação, o desenvolvimento da capacidade artística, expressiva e o aperfeiçoamento estético, fundamentado no desenvolvimento integral e pautado em atividades e exercícios realizados de acordo com os interesses infantis, com as possibilidades das instituições escolares e com as necessidades dos alunos e das regiões entorno das escolas, esvaindo-se futuramente no conteúdo da disciplina de Iniciação Artística.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ideia de trabalho associado à educação passa a ser valorizada desde longa data, a partir da propagação dos ideais protestantes e iluministas, que defendiam que por meio dele o ser humano desenvolveria sua capacidade natural, tornando-se um ser completo e realizado.

O trabalho, como principal meio de realização humana, seria capaz de educar a população moralmente e corporalmente. Associado à educação escolar como um instrumento de modernização e de civilidade, serviria à formação integral e propiciaria a emancipação do trabalhador e a renovação da sociedade.

Percebe-se que há a valorização do trabalho, na disciplina, como forma de representação de um novo corpo de cidadãos com destrezas. Ao se aproximar dos anos 1930, a ideia de trabalho acompanha o desenvolvimento urbano, industrial do país e anda em consonância ao ensino que passa a ter a ideia de trabalho como um valor.

Os saberes relacionados às manualidades foram incorporados à educação por meio da disciplina de Trabalhos Manuais como um instrumento que se contrapunha ao ensino considerado “livresco”, tirando a monotonia das aulas teóricas. Cumpre a ideia de dinamismo do corpo.

Nessa disciplina, segundo às prescrições, os estudantes desenvolveriam sua capacidade, física e intelectual, por meio de uma formação que estimulasse o espírito trabalhador, desenvolveria a noção de economia e o gosto pelo trabalho, o que auxiliaria a criança em sua vida adulta.

Ao dominar os materiais e as técnicas e entender suas limitações, as crianças aprimorariam suas habilidades naturais, aprendendo a utilizar tais capacidades em outros âmbitos, servindo como um treino para a vida.

A disciplina propunha a criação de diversos projetos que levassem os alunos a construir e representar conceitos. Tais criações dependeriam do avanço das habilidades de cada estudante e da compreensão de como utilizar os materiais e ferramentas na construção de objetos úteis (em casa ou na escola).

Percebe-se que essa ideia de destreza poderia ser visualmente apresentada como mais especializado ou não, a depender da escola e o tipo de produtos que dela saia. Mas, pela quantidade numérica de produtos feitos e apresentados em fotos, é possível dizer que, de fato havia a prática de alguns segmentos do que era sugerido como “trabalhos manuais”. Muitas vezes essa limitação era dada pelo orçamento do estado, a falta de estrutura, a simplicidade das matérias-primas.

Embora a variedade de sugestões fosse ampla, os saberes constituídos estavam ligados principalmente a trabalhos de recorte, trabalhos de madeira e metal (somente para os meninos), cartonagem, cestaria e tecelagem, modelagem, tapeçaria e trabalhos de agulha (crochê, ponto cruz, confecção de roupas, entre outros). Os trabalhos de agulha seriam exclusivos para as meninas.

Os alunos poderiam também desenvolver outros tipos de objetos e técnicas, propostos pelo professor ou pensados por eles próprios, considerando a adequação do trabalho ao local em que a instituição se encontrava. É possível observar, no período recortado, a ligação de Trabalhos Manuais ao ensino da economia doméstica, jardinagem, puericultura e trabalhos agrícolas (1950). O aprofundamento nesses temas necessitaria de mais tempo de pesquisa, por isso optou-se por não tratar desses assuntos, deixando-os para pesquisas futuras.

Verificou-se ainda que havia a exigência de que os objetos fossem executados de maneira perfeita, com economia, zelo e asseio, servindo não apenas como utilitário, mas também como um objeto de decoração. Contudo, haveria uma diferenciação nos trabalhos pensados para o ensino feminino e masculino.

Enquanto no ensino masculino o cunho dos trabalhos teria uma orientação mais vocacional e social, para o ensino feminino a orientação seria para as funções do lar, mostrando uma definição das posições de gênero dentro da disciplina.

Tal representação do feminino esteve presente durante todo o período recortado, apesar de haver a indicação, que não foi bem aceita, de se implantar às meninas o ensino da marcenaria.

Esteticamente, Trabalhos Manuais buscava educar em nível físico, cognitivo e emocional, por meio de planejamentos que auxiliasse as crianças a desenvolverem habilidades como a iniciativa, a deliberação e a realização, além do espírito de economia, o asseio e o zelo. A disciplina reforçava ainda conceitos morais ligados ao mundo capitalista como o progresso e o civismo, além de evidenciar as diferenças de gênero.

Buscava ainda um ensino mais ativo e ensinar aos estudantes as posturas, gestos e harmonia necessária à confecção de objetos perfeitos, desenvolvia hábitos relacionados ao nacionalismo e ao trabalho, considerando o “futuro da nação brasileira”.

Em relação à apresentação da estética como resultado os critérios de bom gosto, ou a ausência dele, vê que de maneira geral, há apresentações com motivos muito comuns, que já estão definidas nas prescrições, como representações de natureza, ornamentos geométricos, etc. Muito embora haja trabalhos que fujam dessa concepção. Em todo caso, há esforço para mostrar organização, capricho e limpeza de detalhamento.

Do ponto de vista artístico, haveria uma valorização da expressão e da busca pelo belo durante o período estudado, aproximando a relação entre arte e trabalho no ensino primário. Os desenhos eram utilizados nos processos de construção e elaboração dos projetos, devendo ser confeccionados o mais fiel ao objetivo final.

Tais projetos deveriam conter os estudos das linhas, cores, proporções, espaço, formas e plasticidade, sendo representações ilustrativas das ideias e servindo para expressar os sentimentos das crianças quanto ao objeto a ser confeccionado.

Assim, ao criar o objeto a criança realizaria uma composição artística, planejando e entrando em contato com elementos que a colocaria em constante interação com o mundo da arte e do artesanato, desenvolvendo sua capacidade construtiva, imaginação e o gosto artístico.

A ligação com as artes seria um meio ainda de proporcionar prazer à criança que, à medida em que realizasse suas composições de maneira harmônica, poderia sentir o gosto de criar algo belo e útil com as próprias mãos.

Percebe-se, portanto, que há uma aproximação da disciplina de Trabalhos Manuais com as linguagens artísticas, considerando o desenvolvimento da expressividade e das habilidades manuais dos alunos.

Referente ao papel das mãos e do olhar na disciplina, foi possível perceber que o desenvolvimento corporal, especificamente das mãos e do olhar, seria o principal mote metodológico empregado. Mas há um empreendimento de composição de sentidos e diferentes movimentos corporais, já que vemos atividades para serem feitas em pé, sentadas, com ferramentas robustas, ou delicadas.

Na busca pela perfeição, as mãos deveriam ser aplicadas e treinadas, servindo ao pensamento para captar, expressar, idealizar e criar de maneira disciplinada, equilibrando física e psicologicamente os estudantes, equilíbrio esse necessário para a sobrevivência na vida moderna.

Havia uma cobrança pelo controle corporal, visto que apenas por meio dele seria possível a realização de trabalhos de maneira organizada e asseada. A técnica desenvolveria a habilidade com as mãos, a capacidade de visão, o bom gosto, o espírito da economia e a expressão, pois o aluno escolheria por conta própria o objeto a ser moldado, além da atenção necessária à vida de um trabalhador. A ideia é que o conhecimento venha pela mão e que, recebido este conhecimento, que ele seja incorporado para a vida e o refinamento venha com a prática, porque, a dita “perfeição” só seria possível com a prática.

Ao educar os movimentos das mãos e trabalhar o olhar de maneira dirigida, seria possível produzir algo esteticamente belo, despertando o gosto pelo trabalho, a educação da paciência e da atenção, os conhecimentos gerais e o bom gosto artístico.

As próprias exposições seriam uma vitrine dessas tendências artísticas e estéticas da disciplina, evidenciando o ideal de formação, em composição com os simbolismos de ordem e progresso que enfeitavam as salas de aula durante essas mostras.

Verificou-se também, inclusive ao estudar as exposições, que durante o período estudado, a disciplina teria tido um desenvolvimento maior no que tange ao ensino feminino, representado principalmente pelos trabalhos de agulha.

Apesar de tanto o ensino feminino quanto o masculino realizarem trabalhos de dobradura, modelagem, cartonagem, entre outros, as exposições apresentavam grande número de trabalhos de agulha, o que pode ser explicado pela facilidade de acesso dos materiais, ou até mesmo pela tradicional ideia de que as mulheres são provedoras do lar, com coisas feitas por elas mesmas.

Quanto ao ensino de madeira, era aplicado de maneira diversa, visto que algumas escolas não possuíam local adequado para a aplicação desse tipo de trabalho. O tempo de aula (que diminui para 30 minutos com o programa de 1925), a falta de material e de professores adequados também são fatores apontados para a não aplicação desse ensino.

Por fim, conclui-se que entre os anos de 1925 e 1969, a disciplina de Trabalhos Manuais modificou-se de uma disciplina com teor pré-vocacional e educacional para uma disciplina ligada à expressão e desenvolvimento estético dos estudantes, definindo normas de comportamento, de hábitos e de bom gosto, tendo uma aproximação maior com as capacidades artísticas. Com a diminuição do tempo de ensino, a disciplina vai se aliando cada vez mais ao estudo de outras matérias, perdendo lugar como disciplina curricular e voltando-se para o desenvolvimento das habilidades ligadas à expressão e bom gosto estético. Tal aproximação com as noções artísticas faz com que os conteúdos ligados às manualidades apareçam, posteriormente, absorvidos na disciplina de Iniciação Artística, mantendo o foco da educação das mãos, mas agora sem o caráter vocacional.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSUNÇÃO, Martha Aparecida Todeschini. **Aprígio Gonzaga e o Slojd paulista: um projeto de ensino para a formação do trabalhador paulista**. Anais eletrônicos do IX Congresso Brasileiro de História da Educação (CBHE), João Pessoa, Universidade Federal da Paraíba, 2017.

BITTENCOURT, Circe M. F. **Livro Didático e Conhecimento Histórico: uma história do saber escolar**. 1993

\_\_\_\_\_. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

\_\_\_\_\_. **Pátria, civilização e trabalho: o ensino de História nas Escolas Paulistas (1917 – 1939)**. São Paulo: Edições Loyola, 1990.

BRAGHINI, Katya; MUNAKATA, Kazumi; TABORDA DE OLIVEIRA, Marcus Aurélio (org.). **Novos diálogos sobre a história da educação dos sentidos e das sensibilidades**. São Paulo: Editora da PUC, 2020.

\_\_\_\_\_. **Diálogos sobre a história da educação dos sentidos e das sensibilidades**. Curitiba: Ed. UFPR, 2017.

CARMO, P. S. **A ideologia do trabalho**. São Paulo: Moderna, 1992.

CARVALHO, Mariana Diniz de. **Educando donzelas: trabalhos manuais e ensino religioso (1859-1934)**, 2017.

CASTRO, Lisete. **Trabalhos Manuais e a política de educação: evolução da terminologia no ensino primário unificado**. Análise Psicológica, v.4 (II), p. 497-506, 1982.

CASTRO, Fátima B. G. **Puxando o fio: A disciplina de Trabalhos Manuais na escola primária do Paraná no início do século XX**. XII ANPED-Sul, 2018.

\_\_\_\_\_. **Ritos e artefatos escolares: as exposições das escolas primárias do Paraná (1912 – 1927)**. Universidade Federal do Paraná, 2020.

CATANI, Denice Barbara. **A imprensa periódica educacional: as revistas de ensino e o estudo do campo educacional**. Educação e Filosofia, v.10, n. 20, p. 115-130, jul./dez. 1996.

CHERVEL, André. **História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa**. Teoria & Educação, n. 2, p. 177-229, 1990.

COSTA, Priscila Lambach Ferreira da. **Ser diferente: dificuldades e superação de pessoas canhotas em diferentes gerações.** Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo: 2014.

DALLABRIDA, Norberto. **A Reforma Francisco Campos e a modernização nacionalizada do ensino secundário.** Educação, Porto Alegre, v. 32, n. 2, p. 185-191, maio/ago. 2009.

DELANEZE, Taís. **As reformas educacionais de Benjamin Constant (1890-1891) e Francisco Campos (1930-1932): o projeto educacional das elites republicanas.** Universidade Federal de São Carlos, 2007.

D'ENFERT, Renaud. **L'introduction du travail manuel: dans les écoles primaires de garçons – 1880-1900.** Histoire de l'éducation, n. 113, p. 31-67, jan. 2007.

DIAS, Maria A. F; NÓVOA, Antônio S. **Para uma genealogia da educação artística: história da disciplina de desenho, trabalhos manuais, canto coral e educação pelo teatro na escola primária portuguesa, do primeiro quartel do séc. XIX a meados do séc. XX.** Universidade do Minho, 2009.

DIDEROT, Denis. **Enciclopédia ou Dicionário razoado das ciências, das artes e dos ofícios.** Vol. 6: Metafísica. São Paulo: Editora Unesp, 2017.

\_\_\_\_\_. **Enciclopédia ou Dicionário razoado das ciências, das artes e dos ofícios.** Vol. 5: Sociedade e Artes. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

DUARTE, Adriano Luiz. **Moralidade pública e cidadania: A educação nos anos 30 e 40.** Ver. Educação & Sociedade, ano XXI, nº 73, 2000.

DUARTE, Simone R. **Educar com as mãos para descobrir o mundo: a proposta do professor Manoel Penna para o ensino de Trabalhos Manuais (1906-1934).** Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, 2017.

ECO, Humberto. **História da feiura.** Rio de Janeiro: Editora Record, 2022.

FIZZARINI, Claudia Regina B. **Saberes matemáticos na matéria de Trabalhos Manuais: processos de escolarização do fazer – São Paulo e Rio de Janeiro (1890-1960).** Universidade Federal de São Paulo, 2018.

FREITAS, Maria V. Sousa de. **A Reforma Benjamin Constant e a educação básica no início do século XX.** 2010. Disponível em: [https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2015/TRABALHOEV045MD4SA1ID3823\\_17082015122010.pdf](https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2015/TRABALHOEV045MD4SA1ID3823_17082015122010.pdf) Acesso em: 20 dez. 2022.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **Educação e crise no capitalismo real.** 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2003.

GAETA, Maria A. J. Veiga. **Entre Rendas e Bordados: memórias de uma disciplina escolar.** Ribeirão Preto – SP: Centro Universitário Moura Lacerda. 2002.

GÓMEZ, A. P. **A cultura escolar na sociedade neoliberal**. Tradução de Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2001.

GONÇALVES, Maria; WISE, Nely. **Ética e trabalho**. São Paulo: Senac, 2ªed., 1997.

GREGÓRIO, J. M. C.; COSTA, D. A. da. **O manual Noções de Didática Especial de Theobaldo Miranda Santos (1960): vestígios de saberes para ensinar**. Ensino & Multidisciplinaridade, São Luís, v. 5, n. 2, p. 68-79, 2021. Disponível em: <http://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/ens-multidisciplinaridade/article/view/16309>. Acesso em: 13 jan. 2023.

HOFFMAN, Y. T.; COSTA, D. A. **Primeira conferência estadual de ensino primário em Santa Catarina: trabalhos manuais nas escolas primárias**. Revista de História da Educação Matemática, v.3, p.6-22, 2017.

HOLLER, Solange A. O; DAROS, Maria D. **Trabalhos Manuais no ensino primário e no ensino profissional para a construção de uma nação laboriosa: proposições de Orestes Guimarães e Corinto da Fonseca – Brasil anos 1920**. X ANPED Sul, Florianópolis, out. 2014.

JENKINS, Alfred H. **Educational Handwork, or Manual Training**. London: W.B. Clive, New Oxford ST., 1915.

JULIA, Dominique. **La Culture Scolaire Comme Objet Historique**. Pedagogica Historica Internacional Journal of the history of education. Suppl. Séries, vol. I, coord. A. Nóvoa, M. Depaepe e E. V. Johanningmeier, p. 353- 382. (Tradução de Gizele de Souza), 1995.

\_\_\_\_\_. **Disciplinas escolares: objetivos, ensino e apropriação**. In LOPES, Alice; MACEDO, Elizabeth (org.). *Disciplinas e integração curricular: histórias e políticas*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p. 37-71.

KISHIMOTO, T. M.; PINAZZA, M.A. **Froebel: uma pedagogia do brincar para infância**. In Pedagogia(s) da infância: Dialogando com o passado, construindo o futuro, Porto Alegre: Artmed, 2007.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e História**. 2ªed. rev. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

LE GOFF, Jacques. **Documento monumento**. In: Jacques Le Goff. História e memória, 7ªed. Revista. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

MARTINS, S. P. **Breve histórico a respeito do trabalho**. Revista da Faculdade de Direito, Universidade de São Paulo, 95, p. 167-176, 2000.

MONTEIRO, Cândida Pereira dos Santos. **Para uma História dos Grupos Escolares na Bahia: A trajetória do Grupo escolar Rio Branco (1905/1929)**. Salvador: Universidade do Estado da Bahia, 2017.

MUNAKATA, Kazumi. **¿Cómo fue posible el arte en la escuela?**. Fermentário, n. 10, v. 2, 2016.

NASCIMENTO, Flavia B. e SILVA, Joana Mello de Carvalho. **Domesticidade, Gênero e Cultura Material**. In. LIRA, José Marcos Lopes (org.) Memória, trabalho e arquitetura, São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

OLIVEIRA, M. A. M.; AMARAL, G. L. **Imagens de Trabalhos Manuais na Primeira República: representações da educação feminina**. Rio Grande do Sul – RS: XI Encontro Estadual de História – história, memória e patrimônio. Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Anais eletrônicos, p. 698 – 708, 2012.

OLIVEIRA, Maria A. S. Moreira.; VASCONCELOS, Maria C. A. **Trabalho e educação: alguns elementos para discussão**. VI Jornada Internacional de Políticas Públicas, ago. 2013.

OSINSKI, D. R. B.; SANTINI, J. B. **Espaço e materialidades para o ensino de desenho e de trabalhos manuais**. Cadernos de pesquisa Pensamento Educacional, v. 14, n.37: nuances das políticas públicas educacionais, 2019.

PASSAPORTE, Helena M. R. F. **História do currículo de Trabalhos Manuais no Estado Novo – 1936-1948**. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (ULTH), 2015.

PEDROSA, J. G. **A Educação Profissional Brasileira dos anos 1920 aos 1950 na escrita de Francisco Montojos (1900-1981)**. Hist. R., Goiânia, v. 25, p. 246-266, mai./ago, 2020.

PEREIRA, D. P. **Os programas curriculares de Desenho e Trabalhos Manuais na Reforma de ensino Francisco Campos**. Revista Portuguesa de Educação Artística, v. 4, 2014.

RESSINETI, Telma R.; COSTA, Áurea C. **Heranças da revolução francesa: a política educacional das primeiras letras no Brasil**. Revista Teoria e Prática da Educação, v. 19, nº 3, p. 47-59, set./dez., 2016.

ROCHA, Simone. **Educação eugênica na Constituição brasileira de 1934**. X ANPED Sul, Florianópolis, 2014.

RODRIGUES, Greice Provesi Paes; PALHANO, Milena; VIECELI, Geraldo. **O uso da cultura maker no ambiente escolar**. Revista Educação Pública, v. 21, nº 33, 31 de agosto de 2021. Disponível em: <http://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/21/33/o-uso-da-cultura-maker-no-ambiente-escolar> Acesso em: 22 mar. 2023.

SANSON, Cesar. **O conceito de trabalho em Max Weber**. 2014. Disponível em: <https://cafecomsociologia.com/o-conceito-de-trabalho-em-max-weber/> Acesso em: 20 mar. 2021.

SANTOS, Tainã Maria P. **Os Trabalhos Manuais no Anuario do Ensino do Estado de São Paulo e na Revista de Ensino da Associação Beneficente do Professorado Público de São Paulo: (1902-1920)**. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), 2012.

SENNETT, Richard. **O artífice**. 9ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2020.

\_\_\_\_\_. **Artesanía, tecnologia y nuevas formas de trabajo**. Barcelona: CCCB, 2013.

SILVA, João Carlos da. **Utopia positivista e Instrução Pública no Brasil**. Revista HISTEDBR on-line, Campinas, nº. 16, p. 10-16, dez. 2004.

SONTAG, Susan. **Na caverna de Platão**. In Sontag, Susan. Sobre fotografia. Trad. Rubens Figueiredo. São Paulo: Cia. das Letras, 2004.

SOUZA, Rosa Fátima de. **Preservação do patrimônio escolar no Brasil: notas para um debate**. Revista Linhas, Florianópolis, v. 14, n. 26, p. 199-221, jan/jun. 2013.

\_\_\_\_\_. **História da organização do trabalho escolar e do currículo no século XX – ensino primário e secundário no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2008.

TABORDA DE OLIVEIRA, Marcus Aurélio. **O ethos do trabalho nas páginas de periódicos educacionais brasileiros: Trabalhos Manuais como signo da modernização pedagógica**. Cadernos de História da Educação, v. 18, n.2, 2019.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2014.

PINEAU, Pablo. **Escolarizar lo sensible: Estudios sobre estética escolar 1870-1945**. 1ª ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Teseo, 2014.

\_\_\_\_\_. **Una historia de la educación argentina a través de la dimensión de la estética escolar. Entrevista a Pablo Pineau**. Realización Tália Meschiany. Archivos de la educación, n. 8, 2014.

SAVIANI, Dermeval. **Trabalho e Educação: fundamentos ontológicos e históricos**. Revista Brasileira de Educação, v. 12, nº 34, jan/abr. 2007.

SCHWARTZMAN, S. et al. **Tempos de Capanema**. Rio de Janeiro: Paz e Terra; São Paulo: Edusp, 1984.

SILVA, Maria Betânia e. **Escolarizações da Arte: dos anos 60 aos 80 do século XX (Recife – Pernambuco)**. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte: 2010.

SOUZA, José dos Santos. **Trabalho, Educação e Sociabilidade**. - Trabalho, Educação e a Luta de Classes na Sociabilidade do Capital. São Paulo: Práxis, 2010.

VIÑAO FRAGO, A. **Historia de la educación y historia cultural: posibilidades, problemas, cuestiones**. Revista Brasileira de Educação, São Paulo, n. 0, p. 63-82, set./ dez. 1995.

## **Documentos Consultados**

### **Relatórios de Ensino**

- Botucatu de 1933 a 1940
- Casa Branca, 1942
- Jaboticabal, 1939
- Lins, 1943
- Piracicaba, 1933

- Ribeirão Preto de 1934 a 1936
- Rio Claro, 1937
- Santa Cruz do Rio Pardo, 1942
- São Carlos, 1940
- São Paulo, 1894

#### **Revista Escolar**

- Exemplar nº 06 de 1925.
- Exemplar nº 14 de 1926.
- Exemplar nº 16 de 1926.
- Exemplar nº 22 de 1926.
- Exemplar nº 28 de 1927.

**Revista do Ensino.** Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1926 – 1933. Mensal

**Revista Educação.** 1928.

**Revista Escola Primária.** 1926.

**Revista Escola Nova.** nº 1 e 2, 1931.

#### **Revista Atualidades Pedagógicas**

- Exemplar nº 8 de 1951.
- Exemplar nº 15 de 1952.
- Exemplar nº 22 de 1953.
- Exemplar nº 30 de 1954.
- Exemplar nº 35 de 1955.
- Exemplar nº 38 de 1956.
- Exemplar nº 42 de 1957.

#### **Coleção Série Técnicas de Trabalhos Manuais**

OLIVEIRA, Oscar Lidholm de. **Aviões.** Caderno nº 1, São Paulo: Empresa Editora Brasileira, s.d. Disponível em: Acervo CRE Mario Covas (B53848)

\_\_\_\_\_. **Bordados.** Cadernos nº 1 e 2. São Paulo: Empresa Editora Brasileira, s.d. Disponível em: Acervo CRE Mario Covas (B53816)

\_\_\_\_\_. **Brinquedos.** Caderno nº 1. São Paulo: Empresa Editora Brasileira, s.d. Disponível em: Acervo CRE Mario Covas (B53836)

\_\_\_\_\_. **Confecções.** Caderno nº 1. São Paulo: Empresa Editora Brasileira, s.d. Disponível em: Acervo CRE Mario Covas (B53843)

\_\_\_\_\_. **Couro.** Caderno nº 1. São Paulo: Empresa Editora Brasileira, s.d. Disponível em: Acervo CRE Mario Covas (B53843)

\_\_\_\_\_. **Eletricidade.** Caderno nº 2. São Paulo: Empresa Editora Brasileira, s.d. Disponível em: Acervo CRE Mario Covas (B53834)

\_\_\_\_\_. **Ferro Batido.** Caderno nº 1. São Paulo: Empresa Editora Brasileira, s.d. Disponível em: Acervo CRE Mario Covas (B53834)

\_\_\_\_\_. **Madeira.** Caderno nº 1. São Paulo: Empresa Editora Brasileira, s.d. Disponível em: Acervo CRE Mario Covas (B53824)

\_\_\_\_\_. **Pintura.** Caderno nº 1. São Paulo: Empresa Editora Brasileira, s.d. Disponível em: Acervo CRE Mario Covas (B53852)

\_\_\_\_\_. **Tecelagem**. Caderno nº 1. São Paulo: Empresa Editora Brasileira, s.d. Disponível em: Acervo CRE Mario Covas (B53818)

\_\_\_\_\_. **Trabalhos em vime e rafia**. Caderno nº 1. São Paulo: Empresa Editora Brasileira, s.d. Disponível em: Acervo CRE Mario Covas (B53821)

**Anuário de Ensino de São Paulo**. São Paulo: Diretoria Geral da Instrução Pública. 1907 – 1936. Anual.

**Programa de Ensino de Trabalhos Manuais e Economia Doméstica**. São Paulo, ato nº 65, 1950

**Programa do Ensino Primário**, 1941.

**Programa da Escola Primária do Estado de São Paulo**, 1969.

**Apostila de História da Educação** (1961) – Dossiê Didático Caixa nº499 – CRE Mario Covas.

**Relatório apresentado ao Ex. Sr. Cons. Bráulio Xavier da Silva Pereira, Secretário do Interior, Justiça e Instrução Pública, pelo Diretor Geral da Instrução Pública, para ser encaminhado ao governador do Estado da Bahia**. Teixeira, Anísio. Salvador, Imprensa Oficial do Estado, 1928. 123 p. Disponível em: <http://www.bvanisioiteixeira.ufba.br/artigos/summario.html> Acesso em: 17 set. 2021.

**Conferência sobre o Ensino de Trabalhos Manuais, 1927, BA**. Assis, Alzira. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/135022> Acesso em: 17 set. 2021.

**Diário Oficial do Estado da Bahia – Capital. Vol. III** – Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=313394&pagfis=99728&url=http://memoria.bn.br/docreader#> Acesso em: 19 ago. 2021.

## **Livros e manuais**

BARBOSA, Rui. **Lições de coisas – obras completas de Rui Barbosa**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1950.

BRAGA, Henrique & Cia. **Trabalhos Manuais – Cestaria**. Rio de Janeiro: Pap. Americana Assembléa, 90, 1927.

\_\_\_\_\_. **Trabalhos Manuais – Artefactos de madeira**. Rio de Janeiro: Pap. Americana – Assembléa, 90, 1929.

BOMFIM, M. **Lições de Pedagogia: Theoria e prática da Educação**. 3ª ed. São Paulo: Livraria Francisco Alves, 1926.

KUSSÁ, Ida. **Trabalhos Manuais como Disciplina Escolar**. Vol. II. Rio de Janeiro: Ed. da autora, 1948.

LEMGRUBER, Maria de Lourdes. **Compêndio de Trabalhos Manuais**. 9ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1956.

MORAIS, Benedito Candido de. **Noções educativas de modelagem – histórico dos trabalhos manuais, evolução da técnica através dos tempos**. 1ª ed. São Paulo: Empresa Editora Brasileira, 1937.

PENNA, Manoel. **Trabalhos Manuais Escolares**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1934.

SANTOS, Theobaldo Miranda. **Noções de Metodologia do Ensino Primário**. 9ª. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1962.

SOARES, Rosina Nogueira. **Methodo prático de corte**. São Paulo: Typ. Casa Garraux, 1913.

SCHWETTER, Bertha. **Enciclopédia de Trabalhos Manuais – fios, bordados e tecidos**. 6ª ed., Rio de Janeiro: Editora Globo, 1956.

WILSON, G. e RYLAND, G. **Trabalhos Manuais**. Rio de Janeiro: Serviço Social do Comércio - Departamento Nacional de Serviço Social de Grupo, 1960.

VASCONCELLOS JUNIOR, Ezequiel Benigno de. **Trabalho Manual – Cartonagem escolar**. Rio de Janeiro: Alves e Cia., 1897.

### **Decretos e leis**

- Decreto nº7.247 de 19 de abril de 1879. Reforma o ensino primário e secundário no município da Côrte e o superior em todo o Império. Coleção de Leis do Império do Brasil – 1879, p. 196, v. 1, pt. II (Publicação Original). Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-7247-19-abril-1879-547933-publicacaooriginal-62862-pe.html> Acesso em 21 de ago. 2020.

- Decreto nº 981 de 08 de novembro de 1890. Aprova o regulamento da Instrução Primária e Secundária do Distrito Federal. Coleção de Leis do Brasil – 1890, p. 347, v. 4, fasc. XI (Publicação Original). Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-981-8-novembro-1890-515376-publicacaooriginal-1-pe.html> Acesso em 21 de ago. 2020.

- Decreto nº 4.917, de 03 de março de 1931. Transforma a Secretaria de Estado dos Negócios do Interior em Secretaria de Estado da Educação e da Saúde Pública e dá outras providências. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/norma/132142> Acesso em 21 de ago. 2020.

- Decreto nº 5.884, de 21 de abril de 1933. Institui o Código de Educação do Estado de São Paulo. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/decreto/1933/decreto-58841.04.1933.html#:~:text=INSTITUE%20O%20C%3%93DIGO%20DE%20EDUCA%C3%87%20O%20DO%20ESTADO%20DE%20S%C3%83O%20PAULO> Acesso em 01 de out. 2020.

- Constituição dos Estados Unidos do Brasil, de 10 de novembro de 1937. Institui as leis constitucionais. Disponível em:

[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao37.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao37.htm) Acesso em: 01 de fev. 2021.

- Decreto-Lei nº 8.529, de 02 de janeiro de 1946. Lei organiza do Ensino Primário. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-8529-2-janeiro-1946-458442-publicacaooriginal-1-pe.html> Acesso em: 01 de fev. 2021.

- Lei 4024, de 20 de dezembro de 1961. Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-4024-20-dezembro-1961-353722-publicacaooriginal-1-pl.html> Acesso em: 01 de fev. 2021.

- Decreto nº 3.903, de 14 de outubro de 1927. Leis, decretos e atos do Governo do Rio Grande do Sul. Disponível em: <http://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/100090?show=full> Acesso em 19 fev. 2023.